UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM TEORIAS E PRÁTICAS EDUCATIVAS

VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NO CONTEXTO EDUCACIONAL DA ESCOLA PÚBLICA: CONCEITOS E CARACTERIZAÇÕES

CAJAZEIRAS/PB
2013

MARIA EDNILSA DA SILVA SEIXAS VIEIRA

VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NO CONTEXTO EDUCACIONAL DA ESCOLA PÚBLICA: CONCEITOS e CARACTERIZAÇÕES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Especialização em Teorias e Práticas Educativas, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como exigência parcial à obtenção do título de pós-graduada Lato Sensu em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Wiama de Jesus Freitas Lopes.

CAJAZEIRAS/PB
2013

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

V658v Vieira, Maria Ednilsa da Silva Seixas
Violência simbólica no contexto educacional da escola pública: conceitos e caracterizações./ Maria Ednilsa da Silva Seixas Vieira. Cajazeiras, 2012.
73f.

Orientador: Wiama de Jesus Freitas Lopes.
Coorientador: Dorgival Fernandes.
Monografia (Pós-Graduação) – CFP/UFCG

1. Violência escolar. 2. Escola Pública – contexto educacional. Lopes, Wiama de Jesus Freitas. II. Fernandes, Dorgival. III. Título.

UFCG/CFP/BS CDU – 37.091.5



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM EDUCAÇÃO
MARIA EDNILSA DA SILVA SEIXAS VIEIRA

Violência Simbólica no Contexto Educacional da Escola Pública: Conceitos e Caracterizações

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, para obtenção do título de Pós-Graduada em Teorias e Práticas Educativas.

Orientador: Prof. Dr. Wiama de Jesus Freitas Lopes

Banca Examinadora

Prof. Dr. Wiama de Jesus Freitas Lopes
Orientador, UFCG

Profª. Dra. Zildene Francisca Pereira
Examinadora - UFCG

Profª. Dra. Maria Gerlaine Belchior Amaral
Examinadora - UFCG

Cajazeiras, 23 de Abril de 2013.

DEDICATÓRIA

A Deus, por dar o dom da vida aos seres humanos, para que a cada dia se consiga alcançar e concretizar os objetivos desta longa e árdua jornada. À Alice, minha filha amada, que desde o ventre já era a razão para eu continuar, mesmo com todas as dificuldades enfrentadas. Ao meu esposo, Anacleto, que sempre apoiou tudo o que faço, sendo compreensivo e incentivador a nunca desistir dos sonhos.

E a todos aqueles alunos que sofreram ou sofrem essa violência brutal que é a simbólica. Violência considerada tão cruel e perversa, ou até mais, quanto à violência física, que transtorna psicologicamente a vida das vítimas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter dado forças para ir até o fim, pois nos momentos que desanimava eu sentia sua mão sempre estendida a me guiar, consolando e impulsionando-me a vencer os obstáculos.

Ao Professor Doutor, e orientador deste trabalho, Wiama Freitas Lopes de Jesus, pessoa que tenho um apreço indescritível por sempre me orientar de forma tão dedicada e compreensiva, não deixando, contudo, de exigir o meu melhor, incentivando e ensinando os caminhos e métodos para a realização de um trabalho à altura do Curso de Pós-graduação, viabilizando, assim, minha busca pelo conhecimento e pelo crescimento profissional.

Aos meus Pais e minha Avó Materna (in memoriam) que sempre incentivaram a estudar e a ser uma pessoa esforçada e perseverante, para que pudesse ter uma chance de um futuro brilhante.

A todos os professores, mestres e doutores que passaram pela minha vida, cada qual contribuindo com seus ensinamentos e conhecimentos para que eu enfrente sabiamente todas as etapas da vida.

A Anacleto Vieira de Sousa, meu esposo e amigo, que solicitou férias do emprego para se dedicar à correção deste trabalho.

Aos amigos e familiares de um modo geral, que diretamente ou indiretamente contribuíram para o meu crescimento profissional, apoiando e dando forças para ir até o fim deste trabalho.

Aos professores, gestores e alunos da escola a qual foi realizada a pesquisa de campo, uma vez que contribuíram de forma tão respeitosa e atenciosa para com o trabalho da pesquisadora.

"O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem." (Bourdieu, 1998, p.08).

RESUMO

Nesse trabalho se estudou a Violência Simbólica no Contexto Educacional de Escola Pública em seus conceitos e Caracterizações, e teve como objetivo principal analisar as manifestações de violência simbólica frente as suas caracterizações nas estruturas de relações interpessoais, de professores e alunos, em situação de aprendizagem em uma determinada escola pública da rede municipal de ensino de Cajazeiras/PB. Em virtude da proporção e propagação dos casos de violência simbólica ocorridos com frequência no ambiente escolar, veiculadas pelas mídias em geral, fez-se necessário, um estudo analítico e crítico sobre a problemática, uma vez que, essa violência simbólica reflete diretamente no processo de ensino e aprendizagem. Mediante o exposto, então se indaga como questão central: Em que medida a violência simbólica sofrida por alunos dos anos iniciais são enfrentadas pedagogicamente na escola pública? A presente pesquisa de teor quali-quantitativo, que se utilizou como metodologia um estudo de campo, realizada numa escola pública, com o intuito de investigar como os alunos e professores de um modo geral conceituam e entendem a violência simbólica. Estudo aplicado com um grupo de alunos e professores, sendo 10 (dez) professores e 05 (cinco) alunos, os quais foram escolhidos para a realização da pesquisa por amostra aleatória simples de agrupamento, que corresponde a uma seleção em que os resultados obtidos têm grandes chances de serem iguais no mesmo grupo pesquisado. Ainda no instrumental metodológico de investigação, se fez uso de entrevistas semi-estruturadas e observação no contexto escolar pesquisado. Com o uso da metodologia aplicada e o aporte teórico abordado para a realização da pesquisa, se concluiu, através dos resultados obtidos, que a escola pesquisada necessita de projetos políticos pedagógicos, de práticas educativas que contemplem a problemática em estudo. O trabalho tem como fundamento a violência simbólica segundo alguns autores, como: Bourdieu (1998); Nogueira (2002), Catani (2000), Silva & Sales (2010); Aquino (1998) que conceituam e caracterizam a violência simbólica no contexto educacional e em outros setores, como forma de reforçar e esclarecer de forma precisa o tema em estudo. Desse modo, se conclui que algumas escolas necessitam trabalhar essa problemática de forma mais atenciosa, buscando sempre meios que proporcione uma educação de qualidade para os alunos, de forma que estes se sintam mais seguros no ambiente escolar, com mais disposição para aprender, para tanto necessita-se de políticas públicas, de uma ação reflexão ação, de projetos políticos pedagógicos que sejam elaborados e implementados a partir do diálogo, de ações coletivas, e utilizados como parte obrigatória do programa a ser trabalhado durante todo o ano letivo, e com isso transformar a escola em um local sem violência, implantando assim uma cultura de paz.

Palavras-chave: Violência Simbólica. Projetos Pedagógicos. Contexto educacional.

LISTA DE SIGLAS

ABRAPIA — Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência

D. A. R. E. — Drug Abuse Resistance Education

IDEB — Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

JV — Juventude Viva

MMA— Mixed Martial Arts

MEC — Ministério da Educação e Cultura

ONU — Organizações das Nações Unidas

PMP — Polícia Militar da Paraíba

PROERD — Programa Educacional de Resistência às Drogas e a Violência

PRONASCI — Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania

PPP — Projeto Político Pedagógico

PA — Programa Atitude

RP — Rede Protetiva

SMDHC — Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania

TJ — Tribunal de Justiça

UFC — Ultimate Fighting Championship

UNESCO — Organização das Nações Unidas para a Educação, a Cultura e a Ciência

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

Capítulo 1. PERCURSO METODOLÓGICO 15

Capítulo 2. CONCEITUAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA 25

Capítulo 3. O ESTUDO DAS MANIFESTAÇÕES DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA CONTRA PROFESSORES E ALUNOS EM ESCOLA PÚBLICA 41

Capítulo 4. AS POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO POR PARTE DE TÉCNICOS PEDAGÓGICOS, DIANTE DOS CASOS DE VIOLÊNCIA SIMBÓLICA 69

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 85

6. REFERÊNCIAS 90

7. APÊNDICES 93

INTRODUÇÃO

Esse Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação pela Universidade Federal de Campina Grande, (Campus-V), na cidade de Cajazeiras, ano 2013, tem como tema norte a Violência Simbólica no Contexto Educacional da Escola Pública: Conceitos e Caracterizações, violência essa que tem se tornado um fenômeno de destaque mundial e abrange as diversas camadas da sociedade. Essa particular forma de agredir o outro despertou a atenção de alguns agentes que estão envolvidos direta ou indiretamente no contexto educacional, uma vez que os casos de violência simbólica está presente em vários setores tanto sociais quantos simbólicos, mas que se torna imprescindível e pertinente para o nosso estudo, analisar os casos observados e legitimados no interior da escola.

Com o intuito de direcionar essa pesquisa, foi delimitado o seguinte objetivo geral: Analisar as manifestações de violência simbólica frente suas caracterizações nas estruturas de relações interpessoais de professores e alunos em situação de aprendizagem na escola pública. E se desmembrou o geral nas seguintes especificidades: Caracterizar as manifestações que estruturam a violência simbólica no cotidiano da escola pública; Levantar os motivos pelos quais alguns alunos envidam condutas violentas contra colegas e professores na escola; e Conhecer quais os procedimentos institucionais adotados por técnicos docentes e gestores da escola pública em função da superação dos casos de violência simbólica em escola pública.

Parte da comunidade escolar, pais e/ou familiares, tem demonstrado inquietude e certa relutância em permitir a entrada de suas crianças e seus adolescentes na escola, alguns motivos dessa atitude podem estar vinculados a certos sentimentos – medo, frustração, insegurança – provocados pela propagação desse tipo de constrangimento, que vitima tanto alunos quanto professores. Sendo assim, em virtude da expansão e disseminação dos diversos casos e situações de violência simbólica praticada no interior da escola, veiculadas pelas mídias, pelas redes sociais, pela sociedade em geral, se torna necessário refletir sobre a relevância do assunto, fomentando pesquisas e discussões sobre a temática.

Diante do exposto, e a partir da observação em alguns contextos escolares, surgiu uma inquietação em estudarmos sobre a temática e assim elaboramos a seguinte questão de pesquisa para esse trabalho: Em que medida a violência simbólica sofrida por alunos nos anos iniciais são enfrentadas pedagogicamente na escola pública? A proposta fim desta monografia foi a de identificar e entender quais as causas da violência simbólica para aqueles que as sofrem e para aqueles que as praticam no ambiente escolar. Entretanto, se fez necessário e

pertinente o desenvolvimento desse trabalho, porque é perceptível o destaque do assunto nos meios de comunicação. As organizações sociais estão reconhecendo que o problema não pode ser tratado como um comportamento normal que não acarreta qualquer consequência. Entendemos que, se houver um aprofundamento na questão, encontramos no setor público e privado relações de poder que manifestam a Violência Simbólica.

O que fomentou a pesquisa desenvolvida foi a inquietação em querermos entender sobre a temática, despertando-nos, uma atenção diferenciada para trabalharmos com esta problemática no campo educacional da escola pública, e também o fato de que há uma grande probabilidade de todo aluno, de um modo geral, em algum momento de sua vida escolar, ter sofrido ou sofrer com a violência simbólica de forma "legítima" e "dissimulada". Essa agressão cruel e ao mesmo tempo "suave" (o termo aqui foi usado como forma de conceituar essa violência como um ato de imposição, e que nem sempre se torna perceptível para os agentes vitimados), se manifesta de diversas formas, tais como: xingamentos, apelidos pejorativos, ameaças, imposições, opressões, coerções, conflitos psicológicos, atos de autoritarismo pedagógico, dentre outras, que perduram por várias etapas na vida do estudante dentro e fora da escola.

Outro ponto observado é que sempre existiu essas situações indesejadas na escola, e que ao longo dos anos tem se tornado público, contudo, os gestores e educadores ou não atentavam para as ocorrências, ou as consideravam simplesmente um inocente divertimento pueril, ignorando, portanto, o padecimento das vítimas. Essa postura negligente talvez tenha sido suscitada por uma conjuntura histórico-sócio-cultural que hoje está sendo questionada. Alguns casos absurdos transcendem as manifestações de violência simbólica e se tornam uma violência física. Parte desses fatos está relatada em obras que contribuíram ou contribuem com teorias mais atuais, autores como Bourdieu (1998), Nogueira (2002) Aranha (2006), Saviani (2008), dentre outros, demonstram uma preocupação acerca dessa problemática.

Para a reflexão sobre o problema se fez indispensável confrontar o conceito de Violência Simbólica com o de *Bullying*, pois alguns aspectos são convergentes e outros são divergentes. Para Bourdieu (1998, p.12), a violência simbólica "se manifesta como uma imposição de poder e de inculcar os instrumentos de conhecimento e de expressão arbitrários embora ignorados como tais da realidade social". Ou seja, no contexto escolar a ação pedagógica como forma de imposição, objetivamente se torna uma violência simbólica legítima, a hierarquia de cargos, as relações de forças, o autoritarismo advindo dos gestores professores e funcionários, a divisão de classes, uma vez que o aluno em grande parte sempre tem que seguir e obedecer de forma obrigatória os critérios impostos, assim como também as

relações de poder, as coerções sociais, o capital, a economia, os movimentos grevistas e o desemprego, o descaso com a educação, são algumas das características que representam a violência simbólica na sociedade, contudo, a maioria da população não tem conhecimento que está sendo vítima dessa agressão, mesmo que transtorne a mente e a vida do indivíduo, em virtude dela se manifestar de forma lenta e não agredir fisicamente. Já concernente ao *bullying*, Silva (2010, p.2) declara que "a expressão corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado por um *bully* (agressor) contra uma ou mais vítimas [...] impossibilitadas de se defender".

Com base nas assertivas, evidencia-se que essas duas formas de agressão divergem no ponto em que a violência simbólica propriamente dita é aquela que não se materializa, ou pelo menos se materializa de forma lenta e cruel, ou seja, a vítima se torna uma pessoa triste com fortes tendências a se auto excluir do seu círculo de amizades, desenvolve ainda características violentas ou não necessariamente, baixa auto-estima, sofre com as coerções e xingamentos advindos dos colegas no espaço escolar, sua mente estar sempre em conflito, ou seja, o aluno vítima dessa violência se torna um opressor de si mesmo, na medida em que tenta se esconder ou ficar sozinho em uma sala de aula na hora do recreio, por sentir-se mais seguro, a partir desses pontos, então percebemos a manifestação da violência simbólica. Todavia, ao tempo em que se sente livre de ser submetido às agressões diante de toda a escola, também fica atormentado com seus pensamentos ou com medo dos seus algozes entrarem a qualquer momento para praticarem os ataques ofensivos. Quando o aluno fica sozinho, em conflito com o seu próprio eu, todos aqueles que lhe oprimem estão em sua mente, e, embora pense numa saída, no que fazer para mudar aquela situação, a pressão psicológica a qual está submetido é maior e mais aterrorizadora do que se fosse submetido a agressões físicas.

Por outro lado, os dois abusos convergem no sentido em que o *bullying*, além de se manifestar por outros tipos de violência como a física, a virtual, a material, etc., manifesta-se também por agressão verbal e, consequentemente, psíquica, embora esta não seja a predominante. Nesse tipo de ofensa, o bullying, na maioria dos casos, é sempre um opressor ou um grupo de opressores, que causa danos psicológicos e materiais a suas vítimas, extorquindo seus bens, com ações intencionais e repetitivas durante anos, diferente, portanto, da violência simbólica que envolve somente a violência psicológica. De maneira resumida, podemos depreender que na violência simbólica o indivíduo padece no seu interior psíquico, já no *bullying*, embora também haja consequências psíquicas, há um padecer externo.

Partimos para o desfecho teórico que embasou esse trabalho, estudamos a conceituação e caracterização da violência simbólica, com a pretensão de examinar a maneira pela qual essa violência se desenvolve no contexto escolar e em alguns setores sociais: se é causado pela diferença de poder econômico entre as classes sociais; ou se é motivado por uma conjuntura cultural decorrente da vivência pessoal. Uma violência que, segundo Catani *et al.* (2000), se dá por meio das relações sociais dos indivíduos, dentre elas o conflito de classe, e da educação que interioriza ou herda do seio familiar. Precisamos destacar que existem dois tipos de segmento escolar: o privado e o público.

Essa distinção entre escola paga e escola não-paga, distingue automaticamente dois conjuntos de indivíduos: aqueles que podem pagar uma escola privada, tida por excelente pela estrutura educacional que possibilita ao indivíduo alcançar seus anseios ao universo acadêmico do ensino superior; e aqueles que não podem pagar por um ensino de excelência, restando-lhes, portanto, estudar numa escola pública precária e deficiente que na maioria dos casos impossibilita ao indivíduo alcançar o ensino superior. Nessa conjuntura, há inegavelmente uma violência simbólica social, uma vez que existindo uma educação diferenciada, distinta, são excluídos veladamente aqueles que não dispõem de bens financeiros para estudar numa escola da rede privada.

Contudo, o foco desse trabalho está delimitado ao estudo da manifestação da violência simbólica contra professores e alunos em escola pública, com base na observação de fatos constatados em meio a instituição de ensino. Conhecendo desse modo, quais os reais motivos que inspiram os alunos a agirem com violência contra seus colegas e às vezes contra os professores, como também constatarmos se a escola de fato tenta resolver as ocorrências simples para não se transformarem em problemas mais graves, quais os métodos interventivos que dispõem para combater a violência simbólica, e se os profissionais de ensino consideram as experiências do aluno, analisando a convivência na comunidade em que residem, ou seja, se trabalham na perspectiva proposta por Paulo Freire (1989) na obra *A importância do ato de ler*, pois, para esse autor, a escola deve refletir e agir a partir do conhecimento de mundo do aluno, das suas aprendizagens e experiências adquiridas na vivência com a família e com a comunidade na qual está inserido, antes do ingresso na vida escolar.

Nessa perspectiva, a da ação dos gestores da instituição de ensino, não poderíamos deixar de verificar por intermédio da pesquisa de campo ora empreendida por parte dos técnicos pedagógicos da escola diante dos possíveis casos de violência simbólica, tendo como suporte as práticas escolares, como a leitura de textos acerca do tema. Também não poderíamos deixar de conhecer as possíveis posturas adotadas pelos atores envolvidos no processo educativo.

Portanto, a fundamentação teórica desse trabalho descrita de forma suscinta, se apresenta em quatro capítulos sendo que o primeiro disserta sobre o percurso metodológico da pesquisa, com a pretensão de identificar quais foram as dificuldades enfrentadas durante a pesquisa de campo, sendo que utilizamos como metodologia para o processo de obtenção dos dados colhidos, uma estudo de campo, para um melhor entendimento na categorização dos dados obtidos. Enfim estudar quais os condicionantes tanto extra-escolar, quanto intra-escolar que de algum modo podem ocasionar manifestações de violência simbólica no contexto escolar estudado.

No segundo capítulo estudaremos a Conceituação e caracterização da violência simbólica no contexto escolar e em outros setores, mas o foco desse estudo é a instituição escolar, que temos a intenção de analisar e conceituar segundo alguns autores como Bourdieu (1998), Nogueira (2002), Aquino (1998), Aranha (2006), dentre outros, como essa violência se manifesta na escola, e de que modo essas manifestações interferem no processo de ensino e aprendizagem.

No terceiro capítulo analisaremos o estudo das manifestações da violência simbólica contra professores e alunos em escola pública, tanto na escola pesquisada, quanto em outras escolas segundo as mídias, as pesquisas nas redes sociais e etc. Também conhecermos como essas manifestações ocorrem no âmbito educacional, por quais motivos os alunos se agridem, ou agridem seus professores, ou ambos se agridem. Se existe alguma negligência por parte da escola ou por parte da estrutura familiar dos alunos, dentre outros pontos.

No quarto e último capítulo desse trabalho conheceremos as possibilidades de intervenção por parte de técnicos pedagógicos, diante dos casos de violência simbólica, se a escola pesquisada de forma específica os gestores, coordenadores e educadores que participam diretamente do processo educativo, em parceria com outros órgãos governamentais e entidades parceiras da escola desenvolvem estratégias, projetos ou programas que possam transformar o ambiente escolar em um espaço de socialização do saber, e a partir desses pontos, conscientizarem os alunos acerca da violência simbólica, priorizando assim a construção e formação dos cidadãos.

CAPÍTULO 1. PERCURSO METODOLÓGICO

Nesse trabalho pretendemos demonstrar e mostrar a violência simbólica manifestada no contexto escolar de ordem pública, que é o objeto da pesquisa em estudo, a partir desse contexto observarmos como os alunos e professores se relacionam nesse espaço, e se esses últimos dispõem de algum conhecimento sobre essa problemática, e ainda investigarmos quais as implicações que essa violência simbólica desvelada em outros setores sociais como; na saúde, nos transportes públicos, nas rodovias e estradas, no desemprego, no setor ambiental, dentre outros, de que forma a má qualidade do fornecimento desses serviços, pode atingir diretamente o contexto educacional, uma vez que os alunos das classes menos favorecidas necessitam de alguns desses serviços, como por exemplo; no caso dos meios de transportes, os alunos que residem na zona rural, se não têm transporte não comparecem as aulas, sendo prejudicados e evadindo-se da escola.

A princípio, podemos até pensar que esses setores não têm nenhuma relação com o ambiente escolar, mas numa análise minuciosa perceber-se-á que um setor tem sempre relação com o outro, de certa forma um depende do outro para cumprir suas funções, pois todo setor depende de agentes sociais que interagem para desempenhar um serviço público de qualidade, priorizando sempre o bem estar social.

Algumas instituições escolares têm se tornado um ambiente onde se reproduz a violência simbólica com mais intensidade, talvez porque sua clientela seja muito diferenciada e pertença a classes sociais diversas. As relações conflituosas entre setores das camadas sociais de certa forma refletem diretamente na escola. Essa tensão social envolve o aspecto da desigualdade social, na qual o poder instituído e exercido pela elite dominante submete uma classe dominada às condições que lhe são impostas. Portanto, é inevitável que no convívio social haja agressões físicas e verbais suscitadas pela tensão social, mas não que esse viés seja o único que provoque essa reprodução da violência simbólica na escola.

Outra orientação possivelmente seja a falta de compromisso de pais e técnicos pedagógicos, relegando a vítima aos seus infortúnios sem uma ajuda sequer para suplantar a opressão. A escola para esses alunos que sofrem agressões se torna um ambiente ruim, e por não se sentirem mais seguros desenvolvem perceptíveis reações de repulsa ao ingressar na escola. Em função desses e outros fatores, algumas escolas não são mais consideradas pelos imolados, ou melhor dizendo pelos os alunos, um ambiente que se possa trocar saberes e experiências, pois pensam que a qualquer momento serão submetidos a ações ofensivas. E, pouco a pouco, esses alunos oprimidos, desenvolvem comportamentos fora do normal e

sintomas depressivos como recusa de frequentar a escola, excluir-se dos demais colegas, procurar sempre ficar sozinho, até mesmo em casa, às vezes envidam posturas violentas entre outros, que os tornam pessoas impossibilitadas de conviverem socialmente, se pode assim dizer por uma escolha "própria" como forma de se libertar dos atos de coerções, de imposições, de ofensas morais, por causa dessa violência aos quais são submetidos todos os dias.

A elite dominante impõe seu discurso e a classe dominada tem que aceitar, e não podemos negar que os indivíduos de ambas as classes participaram, ou participam, de um convívio escolar que reflete a estrutura social. A violência simbólica exercida nos setores de ordem pública, nas escolas principalmente, apresenta-se nas secretarias de cada setor, ou instituição, que tratam a população de classe menos favorecidas com descaso, ou, melhor dizendo, com uma violência que desrespeita os direitos do cidadão.

De certa forma, pretendemos trazer a discussão para uma análise mais acadêmica, de que algo precisa ser feito para transformar a escola em um espaço de aprendizagens, de construção de saberes, de diversidades, e não ignorar o problema levando-o adiante, ou no dito popular: "empurrando com a barriga". Desse modo, faz-se necessário que a escola e todos os seus integrantes estejam sempre atentos e vigilantes, dedicando-se atenciosamente aos casos de violência simbólica praticados em seu contexto, tendo por referência relatos de acontecimentos em outras regiões do Brasil ou em outros países, divulgados pelos meios de comunicação, a exemplo dos telejornais que atingem a grande maioria da população brasileira. Relatos que comprovam que a violência está a cada dia fazendo mais vítimas, e alunos e professores de alguns estados estão apreensivos pela perspectiva de se tornarem alvos dessa violência que está infiltrada no interior das escolas.

A atenção dos educadores precisará voltar-se à exploração de conteúdos interdisciplinares, envolvendo assim vários temas que abordem a violência e suas consequências, mantendo um diálogo com os alunos. Agindo dessa maneira, evitar-se-á que cometam os mesmos erros e posturas de algumas escolas que ainda veem a violência simbólica como uma brincadeira sem consequências graves para a vida do aluno imolado ou vitimado por esse tipo de agressão, manifestada tanto no interior da escola quanto no seu exterior.

Quanto ao processo de investigação no trabalho de campo, muitas foram às dificuldades, tanto logística quanto pessoal. Do ponto de vista logístico, a princípio, na escola onde a pesquisa seria realizada, não houve êxito no processo de investigação, pois o objeto de análise não foi identificado com muita intensidade e de forma concreta no cotidiano da escola,

principalmente por problemas relacionados à instituição. Um dos problemas foi que, no período no qual a pesquisa se iniciara, os alunos estavam em período de provas e não podiam se ausentar da sala de aula, pois concluíam o calendário escolar. Outro problema está relacionado à gestão.

A diretora não se encontrava na instituição, apenas o vice-diretor, que atendeu de forma muito rápida. Leu superficialmente o termo de permissão para a realização da pesquisa e, devido estar ocupado com alguns trabalhos da escola, já que os professores estavam fechando o último bimestre, não acompanhou-nos para conhecer a estrutura física da escola. Certo tempo depois a diretora compareceu e foi explanado a ela sobre o processo metodológico da presente monografia. A gestora então explicou que seria difícil realizar a pesquisa, relatando o que já foi descrito anteriormente: que era semana de provas e outras tarefas escolares; e que nem todos os alunos nem todos os professores tinham tempo disponível para responder às perguntas. Contudo, informou que podíamos ficar à vontade para realizar o trabalho.

Dessa forma, mesmo com essas dificuldades de logística, desenvolvemos a pesquisa a partir de entrevistas com alguns alunos e professores que estavam disponíveis no momento, e também observamos por um curto período o funcionamento da escola.

No que concerne à dificuldade de cunho pessoal, após o evento na escola citada, tivemos que viajar às pressas para tratamento de saúde em virtude de complicações durante a gravidez, interrompendo, dessa forma, os procedimentos metodológicos. Diante dos imprevistos, a pesquisa não se realizou de forma estendida e concreta, dentro dessa primeira escola, impossibilitando assim a efetivação completa da pesquisa.

Após a finalização do tratamento de saúde, decidimos então realizar a investigação em outra escola da cidade de Cajazeiras. A pesquisa de campo desenvolvida na escola investigada foi de caráter quali-quantitativo, e se estendeu durante uma semana: iniciando no dia 12 e terminando no dia 16 de março de 2012. Foram entrevistados 05 (cinco) professores e 10 (dez) alunos de uma escola Municipal, que aqui receberá o nome fictício de Maria do Carmo Andrade[1], situada em um bairro periférico da cidade de Cajazeiras-PB, bairro esse onde residem mais ou menos uns 4.000 mil habitantes aproximadamente, de classe social menos favorecidas econômica e financeiramente segundo dados obtidos pela gestora e por alguns professores, a população não dispõe de serviços públicos básicos como; saneamento

[1] Os nomes fictícios atribuídos as entidades e pessoas nesse trabalho, foram escolhidos pela autora de forma aleatória.

básico, moradias com pelo menos um pouco de conforto, sofrem com a falta de infraestrutura, existem esgotos a "céu aberto" onde as crianças brincam, sem a menor consciência dos riscos aos quais estão expostos, e alguns pais não se atentam para com a higiene dos seus filhos, nem com os inúmeros tipos de doenças que esses podem contrair, não que envidem essas posturas de forma intencional, mas não podem tomar nenhuma posição mais radical por falta de condições tanto psicológicas, como também financeiras.

A população que reside nesse bairro sofre com o descaso de alguns políticos e vivem em situações de risco em condições subumanas[2], centenas de moradores cansados e preocupados com a falta de respeito para com a população desse bairro, fazem denúncias em emissoras de rádios e visitas aos secretários desta comunidade, obtendo como resposta o silêncio. Alguns moradores do bairro sofrem com os inúmeros problemas enfrentados por falta de infraestrutura urbana, todos os dias, conforme dito anteriormente, demonstram indignação culpando os políticos pelos os problemas existentes, exclusivamente o então "prefeito" da cidade, que foi convidado para ver de perto as condições, desumanas em que vivem, pois alguns moradores com um pouco mais de conhecimento acerca dos seus direitos, alegam que pagam impostos igualmente aos moradores de bairro de classe social bem mais favorecida.

Para entendermos com mais clareza a revolta de alguns moradores citamos como exemplo, o depoimento de um morador residente nesse bairro que faz o seguinte desabafo. "Não podemos admitir que esse prefeito faça de conta que nós [...], não somos moradores de Cajazeiras e, que ele não tenha conhecimento que nós vivemos abandonados aqui, nem agentes de saúde nem as assistentes sociais querem fazer visitas à gente" afirmou o aposentado. Diante desse depoimento e de alguns dados observados durante o estudo de campo constatamos que de fato a população residente nesse bairro sofre sem ter acesso a moradias e serviços básicos de pavimentação e infraestrutura, dentre outros, lutam em busca de reformas políticas, no combate ao enfrentamento das problemáticas. Mas também vale elucidar diante do cenário encontrado nesse bairro, que alguns moradores não sabem a quem procurar, desconhecem os seus direitos enquanto cidadãos, vivem em estado de miséria, não tem conhecimento formal para resolver a situação, sofrem mais não se reconhecem vítimas do sistema, com isso se tornam vítimas da violência simbólica que se manifesta a partir do momento em que suas vítimas não se percebem parte desse contexto.

[2] Conforme pode ser constatado em reportagem hospedada no link: http://folhavipdecajazeiras.com.br/?p=31241

Com relação ao quadro de funcionários atuantes, a instituição tem: 03 (três) diretoras, 01 (uma) vice-diretora, 01 (uma) coordenadora pedagógica, que atua nos dois turnos manhã e tarde, 15 (quinze) professores, todos com formação superior em áreas específicas e 04 (quatro) merendeiras. No que se refere aos professores, estão dispostos da seguinte maneira: 06 (seis) professores ministram durante o turno da manhã e 09 (nove) durante o turno da tarde; sendo que, quanto ao gênero, são 03 (três) do masculino e 12 (doze) do feminino. A clientela é composta de 215[3] (duzentos e quinze) alunos distribuídos assim: no turno da manhã tem 91(noventa e um) e no turno da tarde tem 114 (cento e quatorze) alunos.

A escola tem ainda uma mini-biblioteca que funciona durante o dia como espaço de leitura e à noite como uma sala de recursos, atendendo tanto aqueles alunos com deficiência na aprendizagem quanto aqueles com deficiência física. A instituição mantém parcerias e desenvolve projetos com outros órgãos (públicos ou não), dentre os quais se destacam: o projeto de Leitura e Escrita, o programa Se liga[4], Saúde na escola, palestras sobre vários temas, inclusive sobre violência, etc. As salas de aulas, assim como também as demais salas não são tão espaçosas e a ventilação é pouca, tendo em cada uma apenas um ventilador, os alunos não se sentem muito sufocados porque a quantidade de alunos por sala não é em grande escala, são pelo menos vinte alunos por sala.

E quanto ao o IDEB da escola pesquisada nas duas últimas avaliações foi de 2.9 em 2007 e em 2011 foi 2.6, e para 2013 a escola projeta uma meta de 4.2, pretendendo assim superar estas metas anteriores, investindo em mais projetos e programas, tanto em recursos financeiros, quanto em recursos metodológicos, para um melhor desenvolvimento na aprendizagem dos alunos, e que propicie melhores condições de trabalho para os profissionais, uma vez que a escola em sua estrutura física não dispõe de espaços adequados e suficientes para a recreação dos alunos que praticam esportes como a educação física em outro setor devido a falta de espaço. A sala dos professores a qual se reúnem para fazer suas refeições e conversar ou até mesmo para planejar aulas, fica no mesmo espaço do refeitório, onde todos lancham. Dessa forma, no momento em que os alunos estão lanchando, os professores ficam impossibilitados de realizar suas tarefas escolares ou fazer outras

[3] A clientela da escola pesquisada é composta por 215 alunos, conforme os dados obtidos durante a pesquisa de campo, mas na contagem constatamos que a clientela na verdade é composta por 205 alunos.

[4] Se Liga: Programa, criado pelo o Instituto Ayrton Senna em 1999, é emergencial e ajuda a corrigir o fluxo escolar do Ensino Fundamental porque combate o analfabetismo nas primeiras séries, além de contribuir para a diminuição da evasão escolar.

obrigações, esses não tendo um pouco de "privacidade" para suas conversas ou fazer seus trabalhos extra-classe, pois no momento do recreio os alunos correm, pela sala e os professores reclamam para irem para outro lugar, mas qual se não existe espaço suficiente para os alunos brincarem.

Acreditamos que talvez seja por esses e outros fatores observados e constatados na escola, que tanto os professores quanto os alunos cometem os atos simbólicos. Todos os dias em que tem aulas, sempre têm uns dois professores, assim como também a coordenadora pedagógica, e uma professora readaptada, (sendo esta uma professora que se encontra impossibilitada de atuar na sala de aula, prefere dar apoio com o desenvolvimento de projetos), os quais ficam disponíveis na sala dos professores para dar apoio aos alunos que necessitem tirar alguma dúvida, conforme esses alunos tenham alguma dificuldade em aprender algum assunto de alguma disciplina, como também a diretora para resolver outros problemas de cunho administrativo e se for o caso as agressões entre os alunos, em que o professor não consiga resolver.

De acordo com os dados acima, informados pela diretoria da escola, observamos que o estabelecimento de ensino não dispunha de um espaço para os alunos se divertirem um pouco no horário do recreio. Alguns alunos em seus relatos, durante as entrevistas realizadas, diziam se sentirem tristes por não terem um espaço adequado para realizar seus momentos de recreação; e, em virtude dessa deficiência estrutural, mencionaram que correm, se agarram, brigam, e que estão sempre se esbarrando um no outro por falta de espaço durante o intervalo. É tanta, a deficiência da edificação, que a educação física dos alunos é realizada em outro setor, no centro da cidade.

Os alunos que frequentam a escola são carentes; residem no bairro que não tem saneamento básico; são desprovidos de bens culturais e econômicos. Quando mencionamos aqui bens culturais, nos referimos a ter a consciência de uma universalidade das práticas humanas no que tange as belas-artes. Pois não podemos afirmar que, uma criança de um bairro onde os moradores são economicamente de baixa renda, não tenha uma cultura própria. Eles têm sim um falar, um comportamento, um lazer, uma fabricação, uma postura que só pertence a eles. O propósito não é uma dissertação sobre a cultura, mas sim definir que a cultura que é acessível aos bairros desfavorecidos é a cultura popular e a cultura de massa. Por conseguinte, a eles é dificultado o acesso à cultura e ao pensamento clássico (tanto moderno quanto antigo), porque o pseudodetentor dessa cultura clássica é a elite, aqueles que dispõem

de um status social elevado, e que precisam mostrar-se condizentes com as normas sociais padronizadas.

Segundo relatos da gestora da escola pesquisada, os pais da maioria dos alunos que frequentam a escola não têm uma boa formação humana ou acadêmica; tratam os filhos aos gritos e proferindo palavras depreciativas como "animais"; raramente participam das reuniões bimestrais e quando participam estão alcoolizados e/ou drogados. Alguns professores relataram, naquela ocasião, que em anos anteriores, quando a escola não tinha a estrutura física que tem hoje para garantir a segurança, os pais de alunos chegavam violentos e gritando na sala de aula. Também observamos o campo de pesquisa, e presenciamos o modo como alguns alunos se vestiam, o falar e a falta de cuidados com a higiene material e corporal; e vimos que, na hora da merenda, os alunos comem depressa para repetirem novamente, talvez com medo de ficarem sem comida ou queriam satisfazer-se ao máximo, temendo provavelmente que não tivesse alimento em suas casas.

Percebemos ainda que os alunos agridem-se verbal e fisicamente. Por isso, se torna viável aqui citar um caso no qual uma aluna do nono ano, grávida, apelida e é apelidada, segundo relatos dos seus colegas e dela mesma, respectivamente. Em virtude desses acontecimentos, os alunos sempre são vigiados na hora do intervalo pela diretora, vice-diretora e pelo guarda da escola. Entrementes, para não que os discentes não se agridam, os gestores e operadores da instituição fazem com que os alunos se divirtam com jogos educativos. O intuito é fazer com que os discentes ocupem o tempo com algo que não seja a mútua agressão. Para alguns professores, essa estratégia pedagógica, ou prática, trouxe resultados positivos, pois os atos de agressões cometidos na hora do recreio diminuíram.

Esses são alguns aspectos relatados pela direção e pelos professores do estabelecimento de ensino, e igualmente observados no contexto escolar pesquisado.

Os sujeitos participantes da pesquisa foram 05 (cinco) professores e 10 (dez) alunos, desses, uns foram escolhidos pelo profissional responsável pela pesquisa, e outros escolhidos pela gestora e pelos professores, pois os critérios seguidos foram que alguns alunos escolheram participar por livre e espontânea vontade, outros pelos professores uma vez que na prática escolar eles identificariam melhor os alunos que tinham desenvoltura ao falar, que eram desinibidos e que cooperariam melhor com a pesquisa, outros pela gestora que logo se prontificou a escolher alguns alunos, pois segundo seu posicionamento queria os alunos mais "trabalhosos", para que esses pudessem obter um pouco de conhecimento sobre a violência simbólica, observamos naquele momento que a gestora da escola já tinha um posicionamento formado em sua mente sobre os alunos considerados pela a mesma "trabalhosos" e de forma

bem sutil, já praticava a violência simbólica, pois a medida que impunha para que os alunos participassem da pesquisa já cometia um ato simbólico, pelo simples fato de o fazer de modo inconsciente.

Outro critério foi com relação a observação no campo de pesquisa tanto com relação aos professores quanto aos alunos, e de acordo com as observações, percebemos aqueles que detinham mais popularidade, que eram mais desinibidos, aqueles professores que colaboravam mais com a pesquisa interessando-se em conhecer sobre o assunto por meio dos questionários aplicados durante as entrevistas, e aqueles alunos que demonstravam interesse pois queriam saber como era a pesquisa e as entrevistas, aceitaram mais por uma questão de curiosidade, pois era um fato novo mostraram interesse em participar.

Os participantes colaboraram espontaneamente, e foram entrevistados com relação à existência e propagação da violência simbólica no contexto escolar. Portanto, coletamos os dados necessários à pesquisa por meio dos professores e alunos da escola, aplicando as técnicas da observação e da entrevista.

E já com relação aos procedimentos metodológicos adotados iniciaram-se por um levantamento bibliográfico sobre a temática a ser estudada, e então se aplicou um estudo de campo, como metodologia de pesquisa.

Diante do cenário observado na escola pesquisada e segundo alguns relatos da gestora e dos educadores por a escola ser situada num bairro conforme dito anteriormente, onde a concentração de pessoas vivendo em estado de miséria se torna algo preocupante, e o descaso de alguns políticos para com a população que residem nesse bairro, são alguns dos inúmeros fatores que interferem enormemente na aprendizagem dos alunos, a maioria que frequentam a escola têm renda familiar baixa, alguns pais não trabalham, por não obterem chances de conseguir empregos, pois o mercado é muito competitivo, outros por consumirem drogas e bebidas em quantidades consideradas elevadas, impedindo-os assim de desempenhar alguma função para manter o sustento da família, portanto são famílias desestruturadas refletindo assim diretamente na escola, pois os alunos que sofrem com a falta de uma vida digna, de uma moradia, de um lazer, tendem a cometer atos de violência simbólica com outros alunos.

Contudo, para melhor entendermos e analisarmos essas questões e os casos relatados pelos professores e alunos entrevistados na escola pesquisada, se fez necessário estudarmos e utilizarmos como metodologia, um estudo de campo, com o intuito de tornar o processo de pesquisa e análise de dados mais compreensível e eficaz.

De acordo com a pesquisa de campo desenvolvida e com os diversos e diferentes casos em geral que observamos no campo investigado, e por alguns casos ser analisados de forma geral observando todo o contexto escolar e seus condicionantes, para se obter uma conclusão precisa e compreensível dos acontecimentos, e por outros casos serem muito particulares, tendo que ser analisados nas diversas formas, de acordo com os acontecimentos do cotidiano da escola e dos fatores extra-escolar, com o intuito de se obter um resultado mais amplo e concreto, por esses e outros fatores foi que decidimos fazer uso de um estudo de campo e por também ser o que melhor se enquadrou no campo a ser investigado por ter a finalidade de compreender os diversos casos de uma maneira ampla e sistemática, preservando os dados e sendo fiel ao objeto analisado.

Como, também utilizamos de outras técnicas, dentre elas a observação, pois, para Minayo *et al.* (1997, p. 62), "o objetivo prioritário do pesquisador não é ser considerado um igual, mas ser aceito na convivência. Esse interagir entre pesquisador e pesquisados, que não se limita às entrevistas e conversas informais [...]", mas sim ao vínculo que o pesquisador cria ao adentrar no campo de pesquisa, desenvolvendo os meios e métodos necessários para transmitir respeito e conquistar a confiança dos pesquisados, sendo o mais simples possível, demonstrando seriedade e profissionalismo para com o trabalho a ser desenvolvido. E ainda aplicamos a entrevista semi-estruturada, uma técnica muito utilizada e eficaz para a obtenção dos dados, de maneira que os pesquisados se sentem livres para falar, e de acordo com as questões são estimulados a falar conforme o tempo que quiser, conforme os limites descritos, para entendermos melhor sobre esta técnica Szimanski diz que

> [...] a entrevista face a face é fundamentalmente uma situação de interação humana, em que estão em jogo as percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações para os protagonistas: entrevistador e entrevistado. Quem entrevista tem informações e procura outras, assim como aquele que é entrevistado também processa um conjunto de conhecimentos e pré-conceitos sobre o entrevistador, organizando suas respostas para aquela situação. (2002, p. 15)

A entrevista pode ser um dos métodos mais eficazes quando se realiza uma pesquisa, pois se o entrevistador utilizar a maneira correta, seguindo todos os critérios quando for entrevistar alguém, respeitando e conhecendo os limites, ela acontecerá espontaneamente e apresentará interatividade. É por meio dela que se obtêm as informações do entrevistado, desde assuntos profissionais até os pessoais, dependendo, claro, do tema escolhido pelo entrevistador. Haverá casos em que o entrevistado não se sentirá à vontade para falar frente a frente com o pesquisador, particularmente se o tema for de natureza íntima como, por

exemplo, a sexualidade. Nesses casos particulares, o investigador poderá colher as informações por meio de um questionário, ou outro tipo de técnica mais superficial, na qual o entrevistado não precisará se expôr. (LÜDKE,1986)

Após as entrevistas, dos alunos e professores participantes da pesquisa de campo, transcrevemos todas as gravações de áudio. Os dados coletados foram analisados e categorizados em consonância com a temática abordada. Fizemos, ainda, um estudo teórico-metodológico para embasar e dar suporte ao uso adequado dos recursos e técnicas para colher os dados no campo de pesquisa e em seguida categorizá-los. Dessa forma Lüdke (1986, p. 38) enfatiza que "a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema". Constatamos que, nas entrevistas analisadas e categorizadas, os dados obtidos revelaram com clareza que a maioria dos alunos sofre com as manifestações de violência simbólica no contexto escolar

Portanto, a eficácia da pesquisa, com relação à obtenção dos dados observados e coletados, só se viabilizou por meio dos métodos e técnicas utilizadas de forma correta, pois sem o uso desses e a base teórica ora empreendida não conseguiria obter nem entender os casos de violência simbólica, observados no contexto escolar pesquisado.

CAPÍTULO 2. CONCEITUAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

Com base nos estudos introdutórios de Pierre Bourdieu (1998) sobre violência simbólica, iniciamos o estudo de como se processa as relações de poder estabelecidas pelas elites dominantes inseridas no contexto social — e de forma mais intensa no contexto escolar, foco desse trabalho —, nos conscientizando de que essa violência simbólica diferentemente de outras épocas em que não era tão popularmente conhecida pelos os meios de comunicações, e que não era percebida nem entendida pela maioria da população, pois acontecia de forma implícita, ou seja, os indivíduos não se reconheciam nas situações de violência como vítimas de opressão, de coerção, de intimidação, dentre outros.

O poder simbólico para Bourdieu (1998, pp. 7-8) é o "poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem." Ou seja, nas relações de subordinação, a classe menos favorecida, ou dominada, não tinha autonomia e nem conhecimento para entender a situação a qual estava sendo submetida, sempre aceitava e obedecia a quem detinha o poder — econômico, político, etc. —, a quem detinha os bens simbólicos acumulados.

E atualmente, se analisarmos criticamente as situações nas quais os sujeitos estão submetidos, não há diferença nítida entre as relações sociais de hoje e as relações sociais de séculos passados, visto que, embora de uma forma mais "maleável", as pessoas continuam sendo manipuladas e obrigadas a obedecer às ordens dos mais poderosos. Essas pessoas tornam-se, por conseguinte, escravos da política aplicada pela elite dominante que não está nem um pouco preocupada em estabelecer o bem estar e uma igualdade social.

Cotidianamente se pode ver e ouvir nas diversas mídias os políticos cometendo crimes simbólicos, como: desvios de verbas destinadas a suprir as necessidades da classe menos favorecida, nepotismo, impostos altíssimos, condições de desigualdades, falta de justiça para a classe pobre, divisão de classes, crise econômica, a falta de humanidade, dentre outros. Esses crimes não agridem fisicamente, ou podem até agredir, mas não com a mesma intensidade que agridem moralmente a população que paga impostos absurdos, mas não tem direito a quase nada, e que sofre com a falta de bom senso dos governantes. Atrelados ao processo também temos uma economia que sempre está em crise, e por isso tem-se que lutar por um salário mínino insuficiente, que apenas cobre as necessidades básicas; e quanto a religião que, existem algumas entidades cristãs ou evangélicas que além de pregarem uma

submissão ao *status quo,* tornam o dízimo, antes uma doação voluntária, uma obrigatoriedade dos fieis para com a igreja. Ou seja, algumas religões, não todas, cabe aqui relevar, que deveriam acalmar as aflições humanas, agindo dessa forma se tornam coniventes, e poderá até penalizar aqueles que não conseguirem cumprir com os desígnios do templo, contribuindo assim com os padrões impostos pelo *status quo*.

A manipulação exercida pelas mídias e pelas classes dominantes tem grande poder sobre a classe dominada, pois os indivíduos desta última tendem a se excluir quando não estão enquadrados nos padrões impostos pela sociedade, quando não se vestem de acordo com a última moda lançada pela propaganda midiática. Nessa circunstância, nas palavras de Silva & Salles (2010, p.12), "o hábito é o cartão de visitas e o tênis da moda é o símbolo da superioridade entre os jovens". Em vista disso, quem não possuir um status elevado não é considerado um indivíduo harmonizado a certos ambientes sociais e se torna vítima de agressões porque vive numa atmosfera inferior ou porque simplesmente defende ou pensa diferente do sistema.

Bourdieu (2007, p. 13) comenta que "[...] os sujeitos sociais distinguem-se pelas distinções que eles operam entre o belo e o feio, o distinto e o vulgar; por seu intermédio exprime-se ou traduz-se a posição desses sujeitos nas classificações objetivas [...]", em outras palavras, à medida que o sujeito distingue ou classifica seus gostos por determinados objetos ou pessoas, a postura que assume diante do seu poder econômico, da sua escolha profissional, da sua classe social, poderá, percebendo ou não a gravidade de sua atitude, cometer atos de violência simbólica contra outro(s) sujeito(s) com o objetivo de defender seus interesses, suas escolhas e/ou até mesmo a sua posição social.

Nessa corrida por uma posição elevada na sociedade, por um destaque em que seja percebido como integrante de um grupo, o sujeito se comporta distinguindo e classificando os outros atores do cenário, revelando sua classe social e sua função dentro dela. Não se pode negar que todo ser humano quer estar inserido na classe social dos bem-favorecidos, e por isso sempre busca algo além daquilo que já possui, desejando ser um sujeito com privilégios ou até mesmo invejado por outrem, não importando quantas pessoas tenha que ultrapassar, crendo, em boa parte dos casos, que a vida é assim mesmo e prevalece a lei do mais forte, do mais rico.

Durkheim *apud* Bourdieu (2003, p.15) afirma, complementando nossa argumentação, que "o sistema de classificação configura uma ordem lógica que recobre a ordem social [...]", ou seja, o sistema de classificação reveste a ordem social porque divide os

grupos em classe dominante e dominada, e o sistema se mantém porque a primeira impõe e dita regras sobre os agentes sociais da segunda.

Os indivíduos das classes inferiores agem ou executam as funções de acordo com a condição social na qual vivem, e direta ou indiretamente são explorados dia após dia. Também não podemos negar o fato de que somos partícipes do sistema, ou como dominados ou como dominantes, quer queiramos quer não, e, portanto, passíveis de cometer ou sofrer atos opressivos de uma violência simbólica, conscientes ou não.

Bourdieu (1998) defende que a violência simbólica é parte/reflexo dessa manifestação de dominação social imprimida para manter grupos e elementos de distinção, bem como espaços de interdição social, uma vez que a sociedade constitui e legitima o processo de distinção entre as classes, interiorizando e impondo uma falsa cultura igualitária para todos, que engana o oprimido e por isso, na maioria dos casos, não se reconhece como vítima do sistema, pelo contrário, o indivíduo inferiorizado pensa ser natural essa queda de braço das relações sociais porque o *status quo* passa a impressão de que ele poderá alcançar a classificação de indivíduo superior, ou seja, só dependerá dele mudar de classe, e o sistema se isenta de qualquer culpa quando as condições não são favoráveis ao perdedor.

Segundo L'Appiccirella

> O sistema simbólico de uma determinada cultura é uma construção social e sua manutenção é fundamental para a perpetuação de uma determinada sociedade, através da interiorização da cultura por todos os membros da mesma. A violência simbólica expressa-se na imposição "legítima" e dissimulada, com a interiorização da cultura dominante, reproduzindo as relações do mundo do trabalho. O dominado não se opõe ao seu opressor, já que não se percebe como vítima deste processo: ao contrário, o oprimido considera a situação natural e inevitável. (2003, p. 20)

Diante à afirmativa, e com base na obra *A Reprodução* de Bourdieu e Passeron (2002, p. 19) que considera que "todo poder de violência simbólica, isto é, todo poder que chega a impor significações e a impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força [...], isto é, propriamente simbólica, a essas relações de força", depreendemos que a violência simbólica que acontece nas relações entre indivíduos se manifesta como se legitimada fosse pelos mais diversos meios: pelo poder sócio-econômico; pela autoridade comandada por grupos ou pessoas; pelos símbolos e signos culturais; e pela imposição de uma vontade numa relação de força não física que não é considerada violência, mas como uma espécie de coação de um indivíduo ou de um grupo contra aqueles considerados fracos e/ou tímidos.

E essa agressão se repetirá, por sua vez, na escola, local onde um indivíduo manterá contato com outros partícipes dos mais diversos grupos sociais, e nessa situação nem a vítima

nem o agressor talvez percebam de imediato o que está acontecendo, pois tudo faz parte de um conjunto de ações aceitas socialmente.

Bourdieu em outra obra diz que

> [...] os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a domesticação dos dominados. (1998, p.11)

Essa violência se torna aceitável devido às ações praticadas pelo estado social, pela estrutura estruturante[5] das relações ou normas as quais o indivíduo está inserido, em seu *habitus* da classe social a qual pertence, das práticas objetivas, do cargo que executa, o poder simbólico que o sujeito possui, são esses aspectos que legitimam as relações de força que definem como o indivíduo é caracterizado, se dominado ou oprimido.

Dessa forma, entendemos que com um olhar de cima para baixo os agressores sempre estão procurando pontos fracos naqueles indivíduos que podem ser vitimados — se são inteligente ou não, a maneira de vestirem-se, etc. —, qualquer que seja o fator, e se os possíveis dominados, ou oprimidos, amedrontarem-se, aceitando o discurso opressor, dificilmente terão chance de se posicionar no espaço social ao qual fazem parte.

O domínio de uma classe sobre a outra, de um indivíduo sobre o outro, isso é violência simbólica, como bem informa Silva (2011, p. 2096) "a dominação de uma das partes sobre as outras ocorre através da violência simbólica, isto é, pelo poder que chega a impor significações e a impô-las como legítimas". Há também nesse contexto o conceito errôneo de que, quando um indivíduo sofre discriminação — social, religiosa, étnica, sexual, ou qualquer outra —, não se considera violência o fato de ser agredido verbalmente ou moralmente por não deixar marcas visíveis, traumas irreversíveis ou causar óbito, e por isso os agentes sociais não combatem essa conduta discriminatória, ora, diante dessa inércia social, as coerções, intimidações, ameaças e opressões verbais, ganham espaço nas instituições sociais de maneira avassaladora, incluímos aqui o ambiente escolar, onde docentes e alunos são vitimados todos os dias.

[5]Estrutura estruturante princípio gerador e estruturador das práticas e das representações, que podem ser objetivamente 'reguladas' e regulares' sem ser o produto de obediência a regras; objetivamente adaptadas ao seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-lo, e coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um regente.

Contudo, é preciso salientar que as manifestações de violência física são, em grande parte, reflexo da violência simbólica, pois quem sofre agressões físicas um dia já sofreu com a violência simbólica, e podem acontecer casos de pessoas que sofrem vários tipos de violência ao mesmo tempo, uma vez que o estado de tensão é permanente para aqueles que sofrem atos de violência, inclusive a simbólica que é o objeto de análise desse trabalho.

Rodrigues & Assmar (2002) defendem que os seres humanos, em seu estado natural, são violentos e possuem condutas hostis, e somente com a imposição das leis, é que conseguem controlar seus atos e instintos violentos. Mas há quem discorde desse pensamento, Rousseau em sua obra *O contrato social* (1762) introduz o conceito de bom selvagem, sugerindo que os seres humanos em sua forma natural são bons, amáveis e dóceis, mas a sociedade com sua força restritiva os transformam em seres agressivos e depravados. Já Freud, no século XX, defendeu o pensamento de Hobbes e adota a ideia de que os homens em sua própria natureza biológica estão programados para serem indivíduos violentos, o instinto agressivo deriva de um poderoso desejo e pulsão de morte, interiorizado por todas as pessoas, e dependendo da forma como é orientado e absorvido esse desejo ou pulsão as pessoas tornam-se violentos.

Konrad Lorenz (apud RODRIGUES & ASSMAR, 2002) comenta que a agressão resulta de um instinto herdado e desenvolvido ao longo do tempo que os seres humanos compartilham com outras espécies. Em suma, Freud e Lorenz concordam que a energia agressiva é instintiva e não aprendida, e se o homem de alguma forma não liberar essa carga de energia de tempos em tempos com estímulos positivos pode se tornar um ser violento. Discordam em alguns aspectos como: a agressão humana é autodestrutiva e associada a uma pulsão de morte, e na agressão adaptativa o homem dispõe de mecanismos próprios para inibir as tendências agressivas.

A violência simbólica foi caracterizada e conceituada de forma pioneira pelo os sociólogos franceses Pierre Félix Bourdieu e Jean-Claude Passeron. Influenciados pelo estruturalismo escreveram juntos as obras *Os herdeiros* (1964) e a *A Reprodução* (1992). Esses autores (apud ARANHA, 2006, p. 252) " fizeram rigorosa crítica à instituição escolar ao analisar o fenômeno escolar a partir dos condicionantes sociais, concluindo pela total dependência da escola em relação à sociedade." Desse modo, os autores veem a escola como uma reprodutora da violencia simbólica, pois os privilegiados são aqueles que já são socialmente favorecidos, excluindo de maneira simbólica os que pertencem ao contexto social menos favorecido, e que se concretiza por meio das relações de poder instituídas pela

sociedade dominante nos vários contextos sociais, como uma forma de coação que se apoia no reconhecimento de uma imposição determinada.

Numa mesma perspectiva, Melo (2010) conceitua o *bullying*, que pode divergir e/ou convergir com a violência simbólica assim comentado, em outra parte desse estudo, como um grupo de ações repetitivas sem motivos aparentes de agressores contra as vítimas que geralmente são pessoas indefesas. Esse tipo de prática exercida por alguns sujeitos causam dor e sofrimento.

E o descaso de alguns gestores, que na maioria das vezes não dispõem de posturas autônomas para intervir nas manifestações de agressões, permite que as vítimas se sintam atormentadas, sem refúgio, sem saída para livrarem-se da violência praticada no interior da escola, um espaço onde o aluno deveria se sentir seguro para desenvolver suas habilidades. Esse indivíduo vive numa sociedade sofrendo com as imposições advindas da classe favorecida que desconsidera as crenças e valores do menos favorecido. E para Bourdieu, no livro *O Poder Simbólico* (1998), esse poder se manifesta em toda parte, às vezes percebido e às vezes não, a depender do contexto, cabendo ao ator social identificá-lo.

Ao analisarmos outra obra do sociológo Bourdieu, *A economia das trocas simbólicas* (2003), compreendemos que o sistema de produção de bens simbólicos se define como uma construção e produção de relações objetivas nas diferentes instâncias, por exemplo: na função exercida pelos indivíduos; na posição que ocupa no meio social; na posse dos bens adquiridos para viver em boas condições conforme o padrão social; na maneira pela qual reproduzem os bens adquiridos.

Além dessas instâncias, também existem aqueles indivíduos que dispõem de bens simbólicos considerados de grande valor social, de profissão considerada livre, não tendo que cumprir ordens e nem precisando se submeter a certas situações indesejadas, mas mesmo assim não se sentem bem e nem realizados, pois, embora detenham o poder de bens simbólicos adquiridos ao longo do tempo, eles têm conhecimentos considerados relevantes para a sociedade, todavia, na maioria dos casos não sabem como reproduzir esses conhecimentos.

Por outro lado, há aqueles indivíduos que exercem profissões consideradas de baixa relevância social, que não são vistas pela sociedade com bons olhos: garis, empregadas domésticas, coveiros dentre outras, estão nesse rol. Esses sujeitos não dispõem de bens simbólicos considerados de relevância para o meio social, tendo que viver em estado de submissão, seguindo as ordens ditadas por outros, sem terem condições nem poder aquisitivo ou conhecimento para retrucar, tendo que agir e falar conforme as regras e ordens impostas

pela classe dominante. Em suma, o sistema simbólico é uma constução social e, dependendo da forma como se propaga, pode ser reproduzido em vários contextos como algo bom ou ruim, depende de cada cultura, das relações de poder exercidas pela classe dominante, de como a classe dominada reage diante do discurso propagado.

Nogueira & Nogueira (2002) elucida que durante os anos de 1960 Bourdieu, em suas novas teses propostas, passa a ver que a educação deixa de ser uma instância transformadora e democratizadora, justa, com igualdades de condições, para ser meritocrática, ou seja, uma liderança que se baseia em capacidades e méritos de acordo com a posição social de cada sujeito, transformando-se em uma instituição que reproduz e legitima as desigualdades sociais.

A educação é o maior ou um dos melhores bens que um ser humano pode ter, e muitos pensadores, a exemplo de Bourdieu, lutaram em prol de melhorias que beneficiassem a todos de forma igualitária, e já percebiam a importância de se pesquisar novas teorias para entender o funcionamento dos vários setores sociais: a política, a cultura, a religião, a economia. Pois, só entendendo o funcionamento dessas relações sociais, poderemos construir uma fundamentação teórica e empírica para contestar os fatos existentes e melhorar o conhecimento humano para reduzir o sofrimento das classes menos favorecidas.

São essas relações sociais que contextualizam a violência simbólica na escola, principal objeto de estudo dessa pesquisa. As relações de poder estão tão arraigadas que, por mais que a escola, junto com outros órgãos competentes, realize debates e implemente programas cuja função seja prevenir os atos de violência simbólica, a mudança de comportamento é mínima e insuficiente, não promovendo grande impacto para melhorias na população. As pessoas continuam de uma forma ou de outra sendo exploradas, sofrendo com algum tipo de agressão no meio social.

Em outros casos, alguns profissionais do campo educacional não sabem como trabalhar essa problemática. Para mudarem essa postura é preciso que todos estudem minuciosamente os casos com o intuito de identificar e entender os motivos que levam os alunos a cometerem atos agressivos que vão contra os valores e as regras sociais, para com isso tentar minimizar a dor das vítimas dessas intimidações e coerções. As vítimas sofrem por não fazerem parte de "grupos", por causa de reservas estabelecidas de contato para com aqueles "não populares", pelo preconceito contra os alunos aplicados e taxados de "CDF's", resumindo, por não estarem incluídos nos padrões ditos normais e aceitos pelo "grupo". Esses acontecimentos do cotidiano precisam ser identificados pelos profissionais da educação para

poderem então traçar um plano de ação pedagógico visando conscientizar os agressores que suas ações causam dor e sofrimento no outro.

Para Vereda

> A intolerância ao diferente é uma das faces do processo que dá origem a violência, esta é construída ao longo de uma história e não apenas por uma explosão de agressividade. Daí a necessidade de a escola estar atenta aos pequenos "delitos", com vista a prevenir os grandes (2007, p. 64).

Portanto, a falta de uma atenção maior por parte dos agentes educacionais provoca nas vítimas de violência simbólica um sentimento de revolta, pois cotidianamente são alvos de humilhações por preconceito contra as diferenças — físicas, econômicas, religiosas, comportamentais, ou pelo o simples fato de possuírem gostos diferentes dos padrões usuais —, revolta justificada porque os alunos agredidos se sentem abandonados por aqueles que deveriam fazer algo para socorrê-los e que não agem por acharem que se trata apenas de discussões ou brincadeiras sem maior gravidade.

Não havendo um processo de conscientização entre opressores e oprimidos, esses que sofrem podem rebelar-se e serem posteriormente agressores contumazes, ou conformistas que aceitam todo e qualquer argumento mantendo o *status quo* inalterável. No primeiro caso, quando a vítima pratica uma espécie de vingança pessoal, a reação é extremamente destruidora e por vezes autodestrutiva. O agredido, ao considerar a situação insuportável, resolve cessar a violência por meio de um ato violento, para isso compra armas ou furta dos pais, ou de algum conhecido que as possui, vai para a escola com intuito de matar a todos que aparecerem na sua frente e às vezes suicidando logo em seguida, bem como disponível nos links abaixo, especificamente na nota de rodapé. Dessa forma, podemos encontrar diversos casos de violência no contexto escolar contra professores e alunos, que consequentemente se tornaram crimes perceptíveis, devido a violência simbólica que sofriam cotidianamente, obtendo como resultado a violência física[6]. É, por conseguinte, mediante essas atitudes de negligências das

[6] Disponível nos links: http://g1.globo.com/goias/noticia/2013/03/pai-filmado-agredindo-alunas-diz-que-filha-era-ameacada-na-escola-em-go.html
http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,62-das-escolas-estaduais-de-sao-paulo-tiveram-episodios-de-violencia-em-2010,752535,0.htm
http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/03/jovem-que-matou-3-estudantes-em-escola-nos-eua-pega-prisao-perpetua.html

instituições de ensino, que os alunos vítimas de opressões desenvolvem comportamentos prejudiciais tanto no presente quanto no futuro, tornando-se pessoas com condutas violentas.

Ainda como forma de reforçar a nossa fala descrita acima, citamos como exemplo; o caso do jovem que matou três estudantes em escola nos EUA, sendo condenado a prisão perpétua, sendo que suas iniciais são, T. J. Lane e no tribunal usou uma camiseta com a palavra "killer", "assassino" em inglês. Ele sorriu para as famílias das vítimas e fez um gesto obsceno. Diante do cenário ao qual nos defrontamos atualmente com relação, ao elevado índice de violência, então indagamos, como a escola junto com o governo ou com o apoio de entidades parceiras, pode contribuir no enfrentamento e combate dos inúmeros casos de violência praticados no ambiente escolar?

Em convergência com o pensamento exposto acima, Abramovay e Rua discorre que:

> A escola pode ser um local privilegiado de combate a violência, mas, para isso, necessita de profissionais respeitados, com conhecimento de pedagogia, cabendo ao poder público investir na formação e reciclagem destes profissionais, como, também, adotar estratégias para fazer prevalecer o direito e os deveres do professor (2003, p. 73).

Notemos que, para a escola se tornar um ambiente seguro, precisa-se de políticas públicas voltadas para a discussão das práticas de violência vivenciadas naquele ambiente; propostas pedagógicas atraentes para despertar nos jovens à vontade de estudar; interatividade entre escola e a comunidade; cursos de capacitação docente; e uma formação de qualidade para os futuros docentes, para que possam ser bons profissionais, competentes e seguros para exigirem seus direitos e cumprirem seus deveres como professor. Desse modo, com uma formação de qualidade, os profissionais compreenderão o aluno a partir de si mesmo, justamente porque todo docente já foi, um dia, discente. E esses agentes profissionais devem conscientizar-se da responsabilidade de educar os alunos de forma harmoniosa, coletiva, dialogando e planejando metas para se obter melhorias na qualidade do ensino, conhecendo as necessidades reais da educação, e não procurando culpados, eximindo-se de suas obrigações frente aos problemas.

Nesse norte, Debarbieux e Blaya comentam que:

> Empurrar a responsabilidade de um mal-estar coletivo sobre indivíduos, quando se trata, na verdade, de um clima que se refere à escola como um todo, inclusive a locais como o pátio de recreio, os corredores e outras áreas comuns, parece ser uma negação do coletivo e de seus papéis e implicações na vida da escola (2002, p. 239).

Tudo o que acontece no pátio, nos banheiros, nos corredores e em outras áreas adjacentes, deve ser observado e analisado por todos que compõem o quadro de funcionários da

instituição de ensino. Procurar um culpado não é certo e tampouco ético. Na verdade, o correto é respeitar e orientar quando um colega de trabalho precisar de ajuda, e não ridicularizá-lo a ponto de fazê-lo sentir-se menor, pois nesse caso seria uma prática do poder simbólico.

É fato que existem pessoas designadas para desempenhar cada função no ambiente escolar, mas isso não quer dizer que uma pessoa que esteja próxima e veja algo errado não possa censurar ou até mesmo intervir. Por exemplo, se um professor vê um aluno fazendo algo que é inadequado ao ambiente escolar e não intervém porque não é seu aluno, esse professor não tem espírito de trabalho em equipe. Com atitudes como esta a escola não supera as dificuldades, não adquire autonomia para trabalhar esses assuntos que são de interesse de toda comunidade escolar.

O contexto educacional precisa de projetos e de experiências pedagógicas para que se transforme num espaço de aprendizagens múltiplas, logo, é imprescindível a participação de profissionais experientes para debaterem acerca das práticas educacionais suas e de outros profissionais que ainda não estejam preparados para enfrentar uma sala de aula. A partir de debates sobre as situações vivenciadas na escola, todos poderão aprender ao trocarem experiências uns com outros, e desenvolver projetos pedagógicos formulando metas a serem alcançadas para aperfeiçoar o ensino e a aprendizagem, construindo coletivamente uma educação efetiva de qualidade social.

A escola precisa afastar dos alunos o temor de frenquentá-la. Precisa combater as inúmeras manifestações de violência simbólica dentro da escola, porque elas fazem com que os alunos não vejam mais a escola como um ambiente agradável, alegre e seguro, originando desinteresse em aprender. A escola precisa comprometer-se em criar ações que beneficiem e visem o aluno como um ser que precisa de cuidados e de educação. Deve tomar medidas considerando a realidade da escola, a origem dos alunos, a comunidade a qual estão inseridos, e formar uma parceria com a família.

Portanto, se torna imprescindível que, para se intervir nos casos de violência simbólica no contexto escolar, a princípio se deve dispor de gestores, supervisores, psicopedagogos e coordenadores aptos para auxiliar os professores na busca por métodos interventivos e políticas públicas que contemplem a problemática.

L'Apiccirella define que

> No Brasil, o conteúdo transmitido nas escolas é aquele que interessa à perpetuação da hegemonia cultural da classe média e alta: a realidade do branco, urbano e bem sucedido é passada como exemplo natural de sucesso; as peculiaridades das culturas regionais são transmitidas a título de curiosidade; quanto às culturas do índio e do negro, indissociáveis do que

> poderíamos chamar de cultura brasileira, são transmitidas como algo à parte da cultura dominante, tornando-nos alienados quanto à sua presença no nosso cotidiano. (2003, p.20)

A autora em seu artigo discorre que a escola apenas reproduz os conteúdos de forma natural, negando as origens culturais regionais e brasileiras, nos livros vê-se as ilustrações com tendências a mostrar a vida do homem branco de pele macia, bem vestido com um padrão de vida elevado, bem sucedido, como se fosse um ser justo e digno de respeito, porque publicamente se demonstrava um ser honesto, fiel, e que ninguém duvidava dos seus poderes para castigar qualquer um que ousasse desafiar ou desobedecer a sua palavra. O homem branco, segundo os livros de História do Brasil adotados pelas escolas, é quem ganha todos os méritos.

Os índios, os escravos, verdadeiros heróis, são retratados como pessoas que nada fizeram para enriquecer a nossa cultura, no cotidiano escolar seus valores ficam ocultos. Ao repetir esse discurso excludente, sem um comentário crítico, o educador contribui para que os alunos se dividam em grupos exclusivistas. Por exemplo, o educador chamar para o quadro apenas aquele aluno de pele branca, citar apenas ilustrações com crianças de cor branca ou parda, e na sala de aula não ter desenhos com crianças de cor negra, provavelmente, a escola envidará condutas discriminatórias e por conseguinte, executará atos de violência simbólica.

A violência simbólica pode ser caracterizada não só na escola, mas em outros setores sociais como na saúde, nas relações de poder entre funcionários (aqueles que são bem favorecidos tripudiam da situação dos menos favorecidos), no trânsito, na rua, dentre outros, todos de acordo com o seu contexto. Na escola a violência simbólica caracteriza-se quando um aluno que sofre com as intimidações, com ameaças, agressões verbais de um opressor ou de um grupo que acredita que a vítima não pertence à mesma classe social. Na saúde não é muito diferente, os órgãos públicos tratam com muito descaso os indivíduos que necessitam de seus serviços, e um dos fatores desse descaso é a desigualdade social.

Basta observarmos os noticiários para compreendermos essa realidade, assim como também nos links[7] abaixo podemos ler diversas matérias envolvendo preconceitos raciais em seus diversos gêneros como; Negros buscam mais poder no Rio via eleições 2012, Escolaridade reduziu desigualdades no Brasil, UNESCO, Brasil e EUA lançam projeto para

[7] http://www.justica.sp.gov.br/Modulo.asp?Modulo=317

http://www.palmares.gov.br/outras-noticias-jan-de-2012

ensinar o respeito na escola, Alunos de escolas públicas serão examinados por equipes de saúde, dentre outros. Como por exemplo; o caos em que se encontra a saúde pública brasileira, pois é preciso um enfrentamento de longas filas, esperando horas e horas para conseguir uma vaga para ser atendido; chegar pela madrugada sem às vezes ter médico, e, quando têm, o número de pacientes é superior à capacidade de atendimento da instituição.

E quanto às relações de poder instituídas na escola, Nogueira & Nogueira (2002) explicam que os alunos, ou os atores sociais, não são sujeitos abstratos, suas condições e suas origens não podem ditar seu futuro escolar, não competem entre si de forma igualitária na escola: tem aquele aluno que tem uma bagagem social e cultural herdada no seio familiar e tem aquele que não dispõe dos mesmos privilégios, ou seja, as desigualdades sociais interferem no sucesso ou insucesso escolar do aluno diante das exigências escolares, e a sua origem ou condição social determina seu desempenho escolar. Assim os autores enfatizam que "a educação escolar, no caso das crianças oriundas de meios culturalmente favorecidos, seria uma espécie de continuação da educação familiar, enquanto para as outras crianças significaria algo estranho, distante". (p. 21)

Nogueira & Nogueira *apud* Bourdieu ressaltam que

> [...] em relação às camadas dominadas, o maior efeito da violência simbólica exercida pela escola não é a perda da cultura familiar e a inculcação de uma nova cultura exógena (mesmo que essa inculcação, como já se viu, seria prejudicada pela falta das condições necessárias à sua recepção), mas o reconhecimento por parte dos membros dessa camada, da superioridade e legitimidade da cultura dominante. Esse reconhecimento se traduziria numa desvalorização do saber e do saber-fazer tradicionais, por exemplo, da medicina, da arte e da linguagem populares, e mesmo do direito consuetudinário – em favor do saber e do saber-fazer socialmente legitimados. (2002, p.31)

Ainda com base no discurso de Nogueira & Nogueira (2002), vemos que a bagagem herdada por cada indivíduo passa a ser incorporada de acordo com a sua posição ou estrutura social, pelo que aprendeu durante sua vida no seio familiar e na escola, que funcionariam ao longo do tempo como uma espécie de investimento, suas ações e condições é quem determinam seus êxitos e fracassos podendo ser algo rentável ou não para a sua vida futura, tornando-se parte de seu **habitus.**[8] Com isso, os membros de cada grupo social, isto é, as elites dominantes, tenderiam a investir tempo e recursos financeiros na carreira escolar de

[8]Habitus: Ao longo do tempo, por um processo não deliberado de ajustamento entre investimentos e condições objetivas de ação, as estratégias mais adequadas, mais viáveis, acabariam por ser adotadas pelos grupos e seriam, então, incorporadas pelos sujeitos como parte do seu *habitus*. (Nogueira & Nogueira, 2002, p.23)

seus filhos, desde que esses demonstrem interesse e tenham um bom desempenho escolar, compensando a seus pais tudo o que foi investido, ingressando no mercado de trabalho e conseguindo um cargo que seja rentável para toda família.

Algumas instituições escolares, quando definem seus métodos, seu currículo e suas formas de avaliar, com base no público que desejam conquistar, reproduzem e legitimam as desigualdades sociais, dando destaque publicitário apenas àqueles alunos, que são considerados mais estudiosos, mais inteligentes, e que conseguem cumprir as metas definidas pelos pais. Assim como ressalta Aranha (2006), o sucesso escolar, a educação prolongada até a universidade, é somente para aqueles que pertencem à classe dominante, ou seja, os que possuem bens financeiros acumulados. Aqueles alunos que não tiveram as mesmas oportunidades, e que são considerados como inaptos, que não tem dom individual nenhum para conseguir seus próprios méritos, são excluídos, e algumas escolas reproduzem essa violência ao impor para os alunos uma mesma cultura, que é a cultura da classe dominante.

Em concordância Heidrich numa reportagem para a revista Nova escola enfatiza que

> O bom convívio com o entorno ameniza os atos violentos, mas não resolve diretamente a agressão que a própria escola pratica. Essa violência é chamada de simbólica pelos especialistas: "Um espaço depredado, o professor que abandona o aluno ao faltar e um sistema disciplinar e de avaliação repressivos são parte desse problema". (2009, P.24)

Uma boa convivência além dos muros da escola pode até diminuir as agressões, mas isso não implica dizer que na escola não exista atos de violência, de repressão, contra os alunos e também contra os professores, uma vez que, alguns dos atores profissionais em suas posturas acabam por cometer a violência simbólica, desde então não é percebida em seu meio, quando não proporciona ao aluno as chances de pensar e expor seus pensamentos, de forma espontânea, desenvolvendo assim sua capacidade de criticar, de refletir sobre as ações exercidas em seu contexto. Quando o professor não proporciona ao aluno, uma aprendizagem de qualidade, de acordo com suas possibilidades, privando-o de desenvolver sua capacidade de autocrítica, omitindo ou negando de forma repressiva a esse o direito de fazer suas próprias escolhas, abandonando-o à própria sorte, dessa forma comete a violência simbólica, sendo que esta no contexto escolar, não é reconhecida como uma violência, por passar despercebida aos olhos dos professores e dos alunos.

Quanto à violência verbal, e às vezes física, exercida na zona urbana, ela ocorre visivelmente todo o dia, principalmente nas grandes cidades onde o trânsito é selvagem e caótico. Indivíduos que estão querendo chegar as suas residências, depois de uma jornada de trabalho, sejam de veículos, de bicicletas, ou até mesmo caminhando, de repente se deparam

ou são até vítimas da violência que está em todos os lugares. São cenas que chocam: pode ser um sujeito dantes pacato que agride o outro verbalmente num incidente de trânsito, ou então um motorista alcoolizado que atropela pedestres, ciclistas, ou colidem com outros veículos. Alguns dos motoristas envolvidos em acidentes saem impunes durante os trâmites do processo judicial porque pertencem à alta sociedade, têm poder, dinheiro e/ou influência.

E quando punidos são penas ínfimas tais como multa, serviço social ou regime semiaberto. Por outro lado, quando o infrator pertence à classe média-baixa, sem condições de pagar um bom advogado, ficando a mercê de um defensor público, a justiça pune severamente com a pena mais alta prevista na Lei. Não queremos fomentar a impunidade, mas que pelo menos aja uma regularidade na punição para um mesmo crime nas mesmas condições processuais, e não o uso de dois pesos e duas medidas — quando o cidadão for da classe social dominante usa-se um peso menor, quando o contrário usa-se um peso maior —, protegendo, assim, os infratores de colarinho branco.

Segundo Silva & Salles, "isso mostra bem que a sociedade violenta se constrói na exclusão das formas de mediação, na exclusão de terceiros. Vivemos em um mundo binário, [...] Vivemos relações quase formatadas." (2010, p.19-20). Constatamos, desse modo, que a sociedade é violenta e seletiva, e para se manter constrói indivíduos com pensamentos acríticos, com mentes formatadas e influenciadas pelas mídias. Controlados pelo o sistema social, esses sujeitos vivem num mundo no qual são manipulados por algo ou alguém, mantendo uma visão inocente dos fatos. Sem terem uma consciência crítica apurada, eles imitam sempre o outro, tentando ser aquilo que é vendido como símbolo de integração ao seio social, destruindo, pois, sua própria autonomia e inibindo sua criatividade. Logo, ao imitar as ações do outro que lhe exclui, o sujeito passa a rejeitar um terceiro, repetindo uma relação de poder que não o faz pensar por si próprio ou em si mesmo.

Esses autores discorrem ainda que, concernente à instituição escolar, as relações devem ser compreendidas numa visão ampla e geral, envolvendo outros fatores que encadeiam os fatos ou acontecimentos na escola, e não somente na perspectiva do aluno ou indivíduo enquanto ser que constrói e desconstrói, mas que pensa, sente, elabora e reelabora seus conceitos a partir das atitudes e relações com o mundo exterior e interior, de seus estímulos ou incentivo ao qual está inserido cotidianamente.

No entanto, o ambiente escolar se tornou um espaço individualista e vazio, o aluno não mais é estimulado a pensar criticamente. A educação é repetitiva, ensina-se apenas para manter uma aparência institucional. Eximem-se, os educadores, do seu real papel de mediar os conceitos éticos e os valores morais; de ensinar aos alunos a respeitarem e aceitarem uns

aos outros, pois o conflito é uma prática que também constrói, basta que as divergências sejam entendidas pelas partes conflituosas para saná-las e, dessa maneira, entender o outro.

Para Silva & Salles

> O imaginário de uma escola nesses moldes é o da escola para um indivíduo ideal que se encaixa ou que deveria se encaixar perfeitamente tanto no modelo de organização idealizada quanto no de uma sociedade igualitária que parte do princípio de que todos têm a mesma oportunidade e a mesma origem econômica e social. (2010, p. 34)

A escola, pois, insiste em permanecer cometendo os mesmos erros, achando que todos os alunos pertencem à mesma classe social; que têm a mesma bagagem cultural; que todos aprendem tudo de maneira igual; que têm o mesmo desempenho; que têm o mesmo pensamento; que têm a mesma inteligência. Muitos gestores, de um modo geral, querem uma escola em que os alunos sejam iguais, não importando as individualidades, por exemplo, quando um aluno não acompanha as explicações durante a aula, ele é considerado com pouca inteligência, em contrapartida, quando outro aluno aprende na primeira explicação, esse recebe uma atenção maior do professor.

Ao valorizar apenas as competências individuais estará contribuindo para uma exclusão na qual a competência de um sobrepuja a competência do outro. Às vezes, o docente não percebe que está magoando ao menosprezar aquele discente com dificuldade de aprendizagem. E esse menosprezo, juntamente as zombarias que o tacham de burro, provocariam naquele aluno um sentimento de revolta suscitando-o a agredir o professor e os colegas de classe que o magoaram. Portanto, nem os gestores, nem os educadores, podem ser indiferentes às individualidades de seus pupilos, sob pena de estarem, com essa postura, possibilitando que a violência ocorra em uma maior proporção no âmbito educacional.

Souza & Queirós comentam

> [...] distinguir o fenômeno da violência perante as diversificações existentes. Assim, é possível pensar as estratégias de ação, já que são inúmeros os exemplos de práticas de violência, tanto verbal quanto física, que acontecem no interior da escola, essas práticas aparecem não apenas entre os alunos, mas entre estes e os professores, manifestadas através de ameaças, insultos, agressões e, de maneira simbólica, como por exemplo, através de gestos, pela imposição da avaliação da aprendizagem, quando há a imposição de tarefas dobradas, é exercida a violência simbólica. (2012, p.57)

Então é preciso primeiramente entendermos os diversos tipos de violência, desde a simbólica até a física, pois existem várias denominações, sendo que a simbólica que é o foco de nosso estudo, se viabiliza segundo os autores através de gestos, pela imposição dos conteúdos e avaliações, quando impõe castigos com relação aos exercícios, se o aluno não

trouxer de casa a tarefa pronta, por exemplo, pois esse fica sem recreio fazendo tarefas escolares como forma de reparar seu "erro". Desse modo, alguns gestores e educadores não sabem que com essas atitudes cometem a prática de opressão, causando sofrimento para esses alunos, que se sentem pressionados pelas ações opressivas, advindas dos atores, assim alguns desses alunos ao se sentirem pressionados reagem de forma agressiva ou não necessariamente, contra outros colegas ou até mesmo contra alguns professores, como forma de revidar aos atos de opressões, às vezes chegando a cometer a violência física, que é quando o aluno está no seu limite, não aguenta mais as intimidações que sofre tanto dos professores quanto dos colegas.

Desse modo, os profissionais que atuam diretamente no processo educativo devem refletir sobre suas ações, como etapa inicial, para com isso demonstrar melhorias no processo de ensino e aprendizagem.

Portanto, o professor terá de refletir ou não sobre as condições sociais de sua prática, demonstrando seu empenho em atuar de maneira que diminua os efeitos nocivos das desigualdades que atravessam as nossas escolas e a nossa sociedade, e esse empenho se dará através de ações para a não-violência. Para que isso aconteça é importante salientar a fundamental participação da gestão escolar nesse processo, aliado a programas de prevenção da política educacional

Assim, tendo analisado as questões e conceitos com relação à violência simbólica, sob a luz dos diversos autores mencionados ao longo desse capítulo, entendemos que esse fenômeno precisa ser estudado em todos os setores, principalmente na educação, a base de todo o processo. É fato que o ser humano necessita de uma educação de qualidade para se tornar um cidadão apto ao convívio social, porque do contrário o sistema desmoronará, e a sociedade de um modo geral quem sofrerá as consequências dos seus próprios atos.

Visto um conceito geral sobre a violência simbólica em qualquer contexto social, principalmente no âmbito escolar, estudaremos no capítulo seguinte as manifestações de violência simbólica contra professores e alunos que diariamente estão expostos a sofrer com as opressões e conflitos encontrados e vivenciados no contexto educacional da escola pública, espaço no qual convivem pessoas de várias culturas, raças e credos. Por conseguinte, esses atores sociais precisam se respeitar para dirimirem os conflitos que naturalmente surgem e/ou surgirão, sem usarem qualquer tipo de violência que degrade a condição humana.

CAPÍTULO 3. O ESTUDO DAS MANIFESTAÇÕES DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA CONTRA PROFESSORES E ALUNOS EM ESCOLA PÚBLICA

As manifestações de violência simbólica manifestadas no contexto escolar têm se tornado muito frequentes com efeitos concretos e conhecidos mundialmente. É na escola que estão os educandos de idade e percurso escolarizável que compõem a sociedade, e o modo como são disciplinados e educados, em casa ou na escola, reflete na construção da sua personalidade e de seu caráter como cidadão. Aquino (1998, p. 8) comenta que "a ação escolar seria marcada por uma espécie de 'reprodução' [...] de outros contextos institucionais molares (a política, a família, a mídia etc.), que se faziam refletir no interior das relações escolares."

A educação e outros contextos sociais contribuem para a exclusão, a discriminação social e as desigualdades entre as classes, até mesmo porque sem a educação o sujeito ou o aluno não consegue conviver socialmente e até consegue, mas com isso, se torna alvo de críticas e de atos de exclusão, a criança ou o aluno pode ter sua vida fora do fazer dos seus atores, pode brincar, pode falar, pode correr, pode participar de eventos pra sua idade, mas de certa forma se não agirem de acordo com aqueles ensinamentos emanados pela escola, se tornam alvos de críticas e xingamentos, seja pelos pais, pelos amigos, pelos parentes, sempre são repreendidos por alguns comportamentos que envidam.

Embora a escola seja a principal responsável pela prevenção da violência, isso não acontece porque seus atores constitutivos, inclusive o educador, tornam-se cúmplices, direta ou indiretamente, ao serem coniventes e desencadeadores dos atos de violência ocorridos na escola. Boa parte das escolas não trabalha na perspectiva de buscar meios para que a aprendizagem seja algo prazeroso para as partes envolvidas no processo e de fortalecer uma parceria entre a família e a escola, fatores essenciais para uma educação igualitária e de qualidade.

Aquino frisa que

> A instituição escolar não pode ser vista apenas como reprodutora das experiências de opressão, de violência, de conflitos, advindas do plano macroestrutural. È importante argumentar que, apesar dos mecanismos de reprodução social e cultural, as escolas também produzem sua própria violência e sua própria indisciplina. (1998, p. 10)

Os conflitos, os atos de violência simbólica, existentes dentro da escola, não são apenas causados por determinantes exógenos a ela ou por fatores advindos de outros setores que compõem o quadro social — como a economia, a cultura, a religião, a política, etc. —, mas

sim ela própria em alguns casos reproduz sua própria violência, pois os alunos não têm disciplina, não atendem a regras ou normas, ou não há um simples interesse em conhecer o mundo do aluno e sua real história de vida, para entender porque alguns agem e reagem tão diferentes do percurso dito "normal" dentro da instituição. Talvez, se o educador conhecesse o mundo do aluno, pudesse criar e aplicar métodos para ensiná-lo a ser um indivíduo disciplinado e apto para o convívio social.

Contudo, para Silva & Salles (2010, p.15) "a escola renuncia lentamente à tarefa de educar; especializando-se, profissionalizando-se em seu comércio de saberes, na verdade, a escola deixa de educar. Quando a palavra silencia, o sintoma fala".

Segundo posicionamento de Saviani, (2008, p.18) "a violência simbólica se manifesta de múltiplas formas: a formação da opinião pública através dos meios de comunicação de massa, jornais etc.; a pregação religiosa; a atividade artística e literária; a propaganda e a moda; a educação familiar etc." Compreendemos, pois, que a violência simbólica está em todos os espaços sociais, suas manifestações se disseminam por toda parte: nas ruas, na escola, nos eventos sociais, na família, etc.

O indivíduo, portanto, está exposto a ser vítima da violência simbólica, uma violência dissimulada que na maioria dos casos não é percebida, ou conhecida de forma explícita, diferentemente daquela violência que atinge direta e visivelmente o patrimônio histórico ou cultural: a violência física. E os meios de comunicação de um modo geral — a religião, a atividade cultural, a moda — contribuem para o desenvolvimento e mascaramento da violência simbólica, cada qual a sua maneira, impossibilitando que o indivíduo perceba com nitidez.

Uma forma de disseminação da violência é facilmente identificada nos meios de comunicação televisiva: o UFC[9]. A Televisão transmite esse combate feroz de forma bem espontânea como se fosse algo normal. Parece esquecer que ali vários lutadores duelam entre si, agredindo fisicamente uns aos outros, e que várias pessoas até pagam para assistir às lutas, fazendo apostas, vibrando igual ou até mais do que se estivessem assistindo a uma partida de futebol em pleno maracanã. Bem como antigamente, época em que se praticavam atos de violência e crueldade como forma de diversão nas hordas, nas arenas de Roma onde os romanos comiam pão e tomavam vinho antes de assistir ao "espetáculo", e as lutas aconteciam entre os escravos, que digladiavam-se até a morte, depois jogavam seus corpos

[9] *UFC: Ultimate Fighting Championship, uma organização americana de artes marciais mistas ou* MMA - Mixed Martial Arts.

para as feras. Esses escravos viviam presos, só saiam apenas para lutar, aonde só um dos dois lutadores em cada luta saiam com vida, da arena. Então desde antigamente já existiam atos de crueldade e de opressões contra os seres humanos, sendo que esses viviam em estado de lutas e tensões cotidianamente.

O contrastante nesse embate sangrento dos combates de UFC é que, ao término da luta, os participantes se abraçam normalmente para demonstrarem que tudo não passa de um esporte, mas a imagem que fica impressa numa mente menos esclarecida, como a da criança, que vale salientar assiste a esse embate na companhia dos pais, conforme dito por uma amiga numa conversa trivial, é que vencer a qualquer custo é legítimo, se torna uma questão de competência e competitividade, e até de honra para os participantes ganhar posição de destaque e prestígio nas mídias, uma vez que a cultura imposta nos dias atuais é transformada em algo relativo, varia de acordo com o contexto a qual está inserida.

Claro que entendemos que alguns esportes marciais realmente ajudam a criança a criar um domínio sobre seu instinto natural de agir com violência para sobreviver. Mas uma coisa é um jovem participar de uma aula de lutas marciais com um instrutor competente, que ensinará a respeitar e aceitar o outro antes mesmo de pensar em agredi-lo, e outra é assistir a um jogo publicitário e bilionário no qual enaltece uma violência fútil destinada apenas ao entretenimento, um ato desumano e sem nenhum objetivo que não seja somente o de demonstrar cenas de violência explícita, considerando o fator de que esse tipo de luta só gera mais violência, só beneficia o ganhador com o prêmio.

Embora comentem tanto em erradicar a violência do meio social, lutem tanto para introduzir uma cultura de paz, o que assistimos nas transmissões televisivas são apologias à violência, pois essas lutas, direta ou indiretamente, despertam e incentivam os jovens a cometerem atos violentos.

As academias de MMA[10] – sigla de Mixed Martial Arts (artes marciais mistas), por exemplo, sucesso nas academias de todo o mundo, tem muitos seguidores, quem antes só era mero espectador da modalidade, como é o caso da professora de educação física Carla Príncipe Nunes, 21 anos. "Vim por curiosidade, porque via na tevê, e estou adorando os treinos", conta a professora. Desse modo, essa categoria de luta vem ganhando espaços e cada vez mais adeptos nos últimos anos, durante os embates seja em qualquer localidade, muitas

[10]http://www.educacaofisica.com.br/index.php/gestao/canais-gestao/academias/19319-o-mma-invade-as-academias

crianças acompanhadas pelos pais, e muitos jovens também participam e até pagam para assistirem ao "show", mas o que muitos pais e jovens não sabem é que colaborando com esses embates que na maioria dos casos acontecem de forma irregular, e que cujo objetivo seja só cenas de violências sangrentas. Pois dessa forma, cometem atos simbólicos, pois, não têm consciência do que estão ensinando e incentivando aos seus filhos, que futuramente podem até desenvolver possíveis condutas violentas, sem ter consciência dos atos.

E no caso de alguns jovens, é que querem imitar, agindo tal qual o participante da luta a qual assistiram, cometem atos de violência simbólica sem ter consciência, por isso é que são considerados crimes simbólicos, quando o sujeito não tem intenção de agredir o outro, e em sua mente aquela ideia fixa de ser igual ao lutador que viu na TV, ou ao "show" que assistiu ao vivo como participante na plateia, portanto cometem atos simbólicos de forma inconsciente.

Mas também não podemos aqui generalizar, vale salientar que algumas academias de MMA seguem de forma regular, ensinam as artes maciais como uma técnica esportiva, e na educação física de algumas escolas, já existem essas categorias como práticas esportivas, além do futebol, da natação, mas como também a capoeira, o judô, o jiu-jitsu dentre outros, que não incentivam aos alunos a se tornarem pessoas com condutas violentas, mas essas modalidades esportivas funcionam como métodos e como meio de garantir a presença dos alunos na escola, para não ocupar seu tempo com algo que não seja produtiva tanto para seu desempenho escolar quanto para o seu desenvolvimento físico-motor.

E os alunos como parte integrante desse cenário devem praticar esportes de forma saudáveis que não tragam nenhuma consequência maléfica para o seu desempenho escolar, pois quando assistem a esses episódios violentos seja de UFC ou MMA, que só se diferenciam pela nomenclatura, mas que têm a mesma finalidade, mostrar e incentivar cenas de violência explícita e sangrenta. E ao assistir a esses episódios os alunos querem fazer o mesmo, quando estão na escola, agredindo os colegas, e são nesses momentos de enfrentamento que os atores sociais de um modo geral devem intervir, estar atentos e bem informados acerca desse assunto e de outros também, para entender e saber como dialogar com esses alunos que envidam esses comportamentos agressivos na escola.

E a escola como instituição que deve combater e enfrentar certas atitudes e posturas em seu contexto, por meio dos seus métodos e estratégias desenvolvidas, precisa estar preparada, para transformar e lidar com as diferenças dentro da sua realidade, uma vez que, o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) de algumas escolas do Estado da Paraíba, estão abaixo da meta, como é o caso da escola pesquisada nesse estudo, e segundo

o ranking divulgado pelo MEC[11], o qual teve destaque as melhores escolas nos anos iniciais do Ensino Fundamental dos estados de São Paulo, Ceará, Minas Gerais, Paraná, Tocantins, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Paraná. Com esse quadro podemos observar que ainda se precisa muito a ser feito no contexto educacional para que se possa alcançar a meta proposta pelo MEC, e proporcionar uma educação de qualidade para todos, a partir de uma educação mais humanizada tendo como objetivo prioritário sempre ensinar ao aluno a ser um cidadão crítico.

Acreditamos que a partir de uma educação mais humanizada, uma vez que os atores profissionais tenham como prioridade e objetivo ensinar aos alunos a entender e aceitar as diversidades, as diferenças, as diferentes culturas, existentes nesse contexto, tendo consciência de que na escola existem as relações interpessoais e nelas uma espécie de dominação econômica, cultural, por parte das classes ou grupos dominantes que exercem seu poder de coação, de coerção social, de intimidação, sobre os grupos dominados, que por sua vez, depara-se diariamente com ações que valorizam ainda mais essa violência que afeta toda sociedade. Para Saviani (2008) é uma violência praticada por intermédio de símbolos, de poder, de imposição. Esses símbolos fazem com que alguns indivíduos, sem acesso a uma educação que os ensine a praticar uma crítica sobre o sistema que os envolve, acreditam que essas situações as quais estão submetidos sejam normais, acatando o discurso imposto pela classe dominante.

Algumas atuações pedagógicas se tornam ineficazes diante das relações de poder instituídas em seu contexto, como uma forma de imposição, do poder simbólico ou cultural, assim como também fora dele, mais que de certo modo têm relação com o seu meio, como por exemplo, a falta de respeito no trânsito, as desigualdades sociais, a divisão de classes, são alguns dos fatores que estão interligados com o meio educacional, diante dos acontecimentos sociais e mundiais a ação pedagógica deve introduzí-los como métodos de aprendizagem em seu meio, para que os alunos tenham consciência do que estão estudando, e que possam com isso contribuir para combater alguns dos problemas que atingem a população, como a falta de educação em alguns setores sociais, e que os alunos a partir de pequenas atitudes educativas possam transformar aos poucos o meio social ao qual vivem.

Em alguns contextos educacionais essa violência simbólica se viabiliza a começar pelos próprios atores profissionais no caso gestores, professores, coordenadores, que envidam

[11] http://www.mundodastribos.com/ranking-ideb-melhores-escolas-2012.html

posturas que não condizem com o meio do qual fazem parte, e à medida que impõem para os alunos seus discursos, e os conteúdos de forma irregular, que não condiz em nada com a realidade a qual aquele aluno que vem da periferia está acostumado a vivenciar, aquele outro aluno que vem da favela vivencia em seu cotidiano.

Contudo citamos como exemplo[12] disponível no link abaixo, na nota de roda pé, o caso da diretora que foi agredida recentemente em uma escola pública no estado do Rio de Janeiro, por um aluno de apenas quinze anos, o qual estava dando gravatas em um colega, quando a diretora apareceu no pátio da escola perguntando o que estava acontecendo, foi nesse momento que o aluno a agrediu de forma verbal e física, dando-lhe vários socos na face, sendo que a diretora logo em seguida foi hospitalizada. Conforme depoimento de uma aluna que estudou durante cinco anos e seu irmão que ainda estuda na instituição atualmente. Segundo ela, naquela época, já havia presenciado a tentativa de agressão de um aluno à mesma diretora.

"Acho que é porque ela quase não fica na escola. É difícil encontrá-la aqui. E quando chega quer botar moral e não consegue", afirmou a ex-aluna. De acordo com a aluna, o irmão dela costuma comentar que "a pancadaria" na escola é frequente. Alguns professores em seus depoimentos disseram estar com medo, pois o aluno fez ameaças, dizendo que se fosse expulso vinha até a escola para matar a todos.

Diante desse fato e de tantos outros que envolve a violência no contexto escolar, inúmeros fatores contribuem para a promoção dessa violência em seu meio, a começar pelo o descaso de alguns gestores e educadores com relação a falta de atenção, dar mais prioridade ao que acontece no interior da escola, aos casos em que os alunos procuram a direção para comunicar que um colega lhe xingou verbalmente ou que lhe oprime de forma cruel, sendo alvo da violência simbólica, e com isso a direção não dar a devida importância as reclamações desse aluno. Dessa forma como resultado a estas posturas, que de certo modo, acabam contribuindo para que casos como esse relatado acima, e tanto outros, se tornem frequentes no contexto escolar. Independente dos motivos anteriores, o comportamento do aluno em agredir a gestora está errado, embora saibamos, que existem muitos condicionantes para que casos como esses ocorram na escola, mas que não justificam, as agressões ou manifestações violentas ocorridas no interior desse espaço. Toda forma de violência deve ser repudiada, uma

[12] http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/03/diretora-de-escola-municipal-do-rio-e-espancada-por-aluno-de-15-anos.htm

vez que, o ambiente escolar tem como função social educar o cidadão, para que esse possa conviver socialmente. Desse modo temos que analisar todos os condicionantes que o levaram a cometer essa violência, desde a "negligência" por parte da diretora conforme depoimento da ex-aluna, até os motivos que impulsionaram esse aluno a cometer os atos de violência contra a diretora.

Portanto, é a partir desses e outros fatos, que a violência simbólica ganha espaço, resultando na física, pois os atores profissionais não têm consciência que cometem certos atos simbólicos, e é por isso que esses atos são considerados violência simbólica, pois nem quem pratica tem consciência, nem quem se torna vítima tem noção que está sendo vítima dessa violência, que oprime de maneira cruel seus agredidos, e na mente desses alunos que são de realidades tão diferentes do seu contexto escolar, a convivência nesse meio se torna uma opressão, trava lutas constantes no seu inconsciente, querendo encontrar uma saída para resolver seus conflitos internos, sentem um vazio, se sentem perdidos, não conseguem acompanhar o ritmo dos outros alunos que vivem em outra realidade, distante das suas, como aqueles que são de classe social mais bem favorecidos, com outra cultura, diferente daquela dos alunos da periferia, da favela, não que esses alunos também não tenham sua própria cultura, e que precisa ser respeitada no contexto escolar.

Como já foi dito na escola também há relações interpessoais e nessas relações se repetirá o poder simbólico: é sempre o aluno mais inteligente, mais bem vestido, oprimindo aquele que não é considerado inteligente ou que não tem poder aquisitivo para gastar com futilidades. Esses alunos nem percebem que são vítimas porque acreditam que essas relações são legítimas e obedecem ao discurso sem retrucar, por não conhecerem os seus direitos cidadãos de uma sociedade que se diz igualitária. E esse desconhecimento, em parte, cabe à instituição de ensino que aplica uma ação pedagógica institucionalizada, um sistema que age impondo arbitrariamente, para os dominados, a cultura dos grupos dominantes.

As posturas de algumas escolas contribuem de maneira significativa e favorável para a reprodução da violência simbólica em seu meio, pois na medida em que designa e hierarquiza os cargos dentro da escola, impondo a posição que cada um dos integrantes que compõem a escola, irão ocupar, uma vez que, os alunos não têm direito de reivindicar ou argumentar sobre algo que achar errado, como também na sala de aula, ou nos espaços adjacentes, só quem determina o que pode e o que não pode ser feito, ou dito é o educador, o aluno como um agente que mais sofre com essas imposições e outros tipos de atos simbólicos, têm apenas a função de mero expectador.

Contudo, a negligência de alguns atores profissionais mediante as propagações de atos discriminatórios ou opressivos, são alguns dos fatores que contribuem para o desvelamento da violência simbólica em alguns contextos escolares.

Para Bourdieu e Passeron

> A AP é objetivamente uma violência simbólica, num primeiro sentido, enquanto que as relações de força entre os grupos ou as classes constitutivas de uma formação social estão na base do poder arbitrário que é a condição da instauração de uma relação de comunicação pedagógica, isto é, da imposição e da inculcação de um arbitrário cultural segundo um modo arbitrário de imposição e de inculcação (educação). (1992, p. 21)

O sistema de ensino de um modo geral, na medida em que realiza seus trabalhos, ensina os conteúdos, institui de forma autoritária e tradicional sua ação pedagógica, impondo para os alunos seus métodos. Essa postura, intencional ou não, legitima a violência simbólica. A manutenção do sistema se compõe de uma doutrina conservadora, já relatada por Silva & Salles (2010, p. 12,13) que comentam que "A escola conserva seu papel de formadora de hierarquias entre as classes sociais e esconde, de certo modo, a chave dos papéis sociais, uma chave que é ao mesmo tempo um segredo".

É observável ainda hoje que algumas instituições apenas depositam os conteúdos, considerando os alunos meros receptáculos que não interagem para construir conhecimento. Paulo Freire afirma em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (2005) que esses alunos não exercem a reflexão. E dificilmente poderão fazê-lo, porque, quando exercem ao indagar sobre algo do qual não entendem, ou são repreendidos pelo educador por não estarem prestando atenção à aula, ou são alvos de gozação dos colegas, que às vezes estão com a mesma dúvida, mas, para não passar vexame, se calam.

Aquino (1998, p. 13) analisa que "ao mesmo tempo que a ordem é necessária, o professor desempenha um papel violento e ambíguo", isto é, no instante em que a escola impõe as regras, os valores morais e éticos, estabelecendo limites para um bom funcionamento no contexto escolar, tentando proporcionar ao aluno um ambiente no qual possa desempenhar as atividades de forma igualitária, esquece as individualidades e nivela as condutas com base no poder simbólico dominante, desencadeando, assim, atitudes conflitivas por parte dos alunos que não se veem ou não são vistos como partes do sistema, tornando o processo de ensino/aprendizagem algo muito difícil de efetivar-se.

Para Bourdieu, na perspectiva de Aquino,

> [...] toda ação pedagógica define-se como um ato de imposição de um arbitrário cultural que se dissimula como tal e que dissimula o arbitrário daquilo que inculca, o sistema de ensino cumpre inevitavelmente uma função de legitimação cultural ao converter em cultura legítima, exclusivamente através do efeito de dissimulação, o arbitrário cultural que uma formação social apresenta pelo mero fato de existir e, de modo mais preciso, ao reproduzir, pela delimitação do que merece ser transmitido e adquirido e do que não merece [...]. (2003, pp 119-120)

Todavia, a escola não está equivocada em querer instituir suas normas e valores para que não se torne um espaço de ações conflitivas, de opressão, de tirania, ou de coação permanente. Pelo contrário, precisará sim de instituir práticas pedagógicas, mas far-se-á necessário aprender a lidar com a diversidade; ter um olhar mais produtivo com relação à aprendizagem; entender o mundo do aluno, a sua natureza; perceber que também aprendemos à medida que cometemos erros. Por conseguinte, compreender que não se deve excluir determinado aluno por não ter uma bagagem cultural e intelectual, ou por não pertencer ao contexto social dominante.

Nesse trabalho, durante a pesquisa de campo, ouvimos tanto de alguns professores (Carlos, Ana, Carla, Roberta, Marta) quanto de alunos (Jonas, Ricardo, Paula, Roberto[13]) de uma escola pública, relatos sobre atos de violência simbólica e física. Alguns dos professores e alunos afirmaram que sofriam opressões e ameaças dentro da escola, mas desconheciam o termo Violência Simbólica, e confundiam com o termo *bullying*.

De modo que, explicamos, a violência simbólica é aquela que se realiza verbalmente — raramente se tornando física — denegrindo a imagem de um indivíduo com base num discurso social no qual um indivíduo se sente superiorizado em relação ao outro, uma agressão que pode ser continuada ou não e na maioria dos casos passa despercebida justamente porque o discurso considera um comportamento natural e espontâneo sem maiores consequências. Diferentemente, o *bullying* se realiza quando há agressão verbal e física, continuada e conscientemente, ou seja, um grupo de indivíduos decide violentar outro indivíduo e todos os dias passam a importuná-lo: subtraem seus bens materiais; classificam-no com palavras degradantes; humilham-no em público evidenciando suas fraquezas; agridem-no fisicamente com chutes, empurrões e tapas; dentre outras formas de violência.

[13] Os nomes mencionados tanto dos professores quanto dos alunos são ficcionais e foram escolhidos de forma aleatória pela autora do trabalho para preservar a integridade dos participantes.

Como o caso[14] (que pode ser acessado no link da nota de rodapé) de uma aluna que estudava em uma determinada escola, sofreu agressões verbais e opressivas no meio escolar e nas redes sociais, por uma colega que a chamava de "escrota, homem mirim, inimiga, infantil", entre outros. Os pais da aluna autora das agressões segundo a 5ª câmara Cível do TJ/RS manteve a decisão de 1° grau que determinou a reparação de R$ 10 mil por danos morais, sendo que os pais da aluna que agrediu a colega e incitava os outros alunos a cometerem os mesmos atos, terão que pagar o valor estipulado pela juíza de Direito da comarca de Porto Alegre/RS. A demandada no caso a aluna que cometeu os atos agressivos recorreu da decisão alegando que não foram comprovadas as ofensas, e que não teve a intenção de ofender e nem de denegrir a imagem da colega, sendo que esta foi negada por unanimidade, pelos os profissionais competentes que atuaram no caso, reconhecendo os danos morais aos quais a vítima foi exposta e ridicularizada perante o meio social. Sendo que segundo o relator do caso "*as* referidas ofensas dão conta de um fenômeno moderno denominado de *bullying,* que se trata de conduta ilícita e deve ser reprimida também na esfera civil com a devida reparação". Com o intuito de prevenir, visando à reparação pelo o dano sofrido, como forma de não voltar a se repetir a conduta danosa.

Então podemos concluir que a partir dessa medida punitiva, em que os pais da aluna terão que pagar uma quantia x estipulada pelo o órgão competente, e com isso então será que resolve os problemas de ambas as partes envolvidas no conflito descrito, apagam as agressões e opressões as quais esta aluna vitimada sofreu, seu psicológico volta ao "normal", com a medida ou a punição imposta. Será que esta aluna consegue apagar da sua mente os momentos de "terror, que sofreu diante de seus colegas, depois dessa medida punitiva?

São questões que devemos refletir, será que medidas sócio-educativas, diálogo entre os pais e a escola, estratégias introduzidas como forma de prevenir ou enfrentar os problemas, para que medidas tão radicais como esta sejam utilizadas como recurso só em último caso, depois de fazer todas as tentativas possíveis. Sabemos que essas medidas mais extremas talvez só possam ser aplicadas, quando as medidas escolares não funcionem, ou seja, em último caso, quando a escola não conseguir resolver entre seus muros, dessa forma deve-se recorrer a outros métodos e medidas mais extremas.

Após a explicação, sobre a diferenciação do termo violência simbólica e o *bullying*, a professora Ana, participante da pesquisa de campo mais à vontade, relatou que um aluno seu

[14] http://www.migalhas.com.br/Quentes/17,MI175703,21048-Adolescente+que+sofreu+bullying+sera+indenizada+por+dano+moral

no ano passado "do nada" demonstrou comportamentos estranhos na sala de aula tentando chamar a atenção dela. Eram atitudes que impunham medo à docente. Certa vez o aluno lhe disse que viria assistir a aula armado e que atiraria contra ela. A princípio, a entrevistada não demonstrou nenhuma reação, só depois de alguns minutos conseguiu revidar: "traga, mas me mate, porque se você me deixar viva as coisas não irão ficar nada boas para o seu lado". Diante da atitude de enfrentamento da professora, o aluno desconversou e disse que estava "só brincando pra ver" como seria a reação dela.

Percebemos, pois, que os dois se ameaçaram ou, em outras palavras, violentaram-se simbolicamente. Talvez a docente nem tenha consciência de sua ação, por isso que a violência se torna legítima e simbólica, para ela foi espontânea e natural, esqueceu, no entanto, que ela é a educadora e não uma propagadora de violência. Não queremos aqui defender ou acusar nenhum dos dois. Pretendemos analisar as posturas, isso sim, à luz das teorias sobre o tema em tela. Com essa atitude a professora não soube contornar a história quando não entendeu e não pensou nos reais motivos pelos quais o aluno agira daquela maneira. Ele pode ter se sentido oprimido em relação à postura, pela maneira de ensinar da professora, ou por motivos alheios a escola. Na verdade não temos como saber o que o levou a ameaçar a educadora, só podemos observar o fato, e a partir dessa observação elencar possibilidades.

A professora Ana como forma de reagir aos insultos do aluno, de forma antiética respondeu ao ato de violência com a mesma violência em que o aluno lhe atingira, respondeu ao insulto do aluno de forma errada, ou seja, falou a mesma linguagem do aluno, a da violência, a qual possivelmente vivencia em casa ou na sua comunidade, ou até na escola, desse modo consideramos que a reação da docente não foi das melhores a mesma que tem como função combater a violência, acaba por contradizer o que ensina para seus alunos, e sem ter a consciência de que está agindo de forma errada, a mesma tanto se torna vítima da violência simbólica como também se torna autora dessa violência, os dois se tornam vítimas dos seus atos inconscientemente, ambos não tinham a intenção de agredir-se o, até mesmo porque o ambiente escolar não pode aceitar determinadas posturas, em seu meio, pois do contrário os alunos reproduz o que vivenciam em seu cotidiano, segundo os atos sejam esses bons ou ruins, se a professora reage dessa forma a alguns insultos, só está reproduzindo e legitimando a violência simbólica, uma vez que, os alunos em alguns casos tendem a copiar os atos dos seus mestres, pois os veem como alguém que detém o poder.

A professora Marta, por sua vez, disse que quando "a escola não tinha muro os pais entravam [...] na sala de aula, sentava no birô e perguntava: 'ei, professora, o que foi?'". A ação por si só é uma violência, uma truculência dos pais que causava medo na educadora.

Todavia, ela mantinha a calma para poder explicar os problemas pelo qual o filho passara e encontrar uma maneira de contornar a situação sem ferir os brios do pai. Continuando sua narrativa, Profª Marta contou que

> "um gaiatinho o ano passado [...] disse: 'ei, Tia! Tia tem quatro olho é Tia?'" e ela respondeu: "Tenho. Tenho mais do que você que só tem dois [...]". Parece num primeiro momento uma brincadeira cômica dos dois, mas, se analisarmos as expressões "gaiatinho" e "mais do que você",

Constatamos uma tendência à diminuição do outro, uma resposta à gozação do aluno por ela usar óculos. Um deslize momentâneo que repete uma violência simbólica, que então se torna viável justamente por ser sem intenção de agredir um ao outro, pois os que a praticam, não tem a real noção que cometem essa violência, e com essas atitudes promovem os atos simbólicos no interior do ambiente escolar, assim como também desperta nos demais alunos a vontade inconsciente de praticar essas ações simbólicas, que até podem resultar na violência física, quando já deixa de ser uma violência simbólica.

Portanto, para evitar as oscilações educacionais, faz-se necessário o compartilhamento dos problemas e das soluções entre os educadores, para identificarem quando acertaram e quando erraram, com o intuito de construírem uma prática pedagógica sólida. Será com paciência e criatividade que os integrantes da instituição encontrarão a solução para os problemas que afetam diretamente a aprendizagem do aluno, para que não se tornem reféns da violência simbólica.

Na verdade, nos relatos das duas professoras há indícios de uma agressão velada, e por isso elas não percebem. Esses atos acontecem pelo desconhecimento que elas têm do termo violência simbólica. A primeira atitude do professor talvez seja, antes de reagir à ação verbal do aluno, entender o porquê daquela ação: se ele passa por algum problema de ordem psicológica; o contexto no qual está inserido; se ele já não foi agredido anteriormente; se ele está incomodado na sala de aula; enfim, qualquer alteração no comportamento pode ser uma reação inconsciente a uma opressão que ele tenha sofrido, porque dificilmente alguém agride o outro sem antes ter um motivo.

No que se referem aos alunos participantes da pesquisa, elencados numa tabela encontrada nos apêndices desse trabalho, de um modo geral, afirmaram que sofriam com a violência simbólica advindas dos colegas, e às vezes também resultava na física. Alguns diziam que não suportavam mais aquela situação as quais tinham que enfrentar todo os dias, e sozinhos em algum lugar que não fossem perturbados, pensavam numa forma de como se

livrar da opressão, não sabendo eles que esse distanciamento os tornavam opressores de si mesmo, pois, embora estivessem afastados, seus algozes sempre se presentificavam, em suas mentes.

Um aluno chamado João, participante da pesquisa disse em seu relato

> "Mi sinto feliz aqui na iscola, mas quando us minino mi apilida, fica cum brincadera chata, aí eu num gosto não, aí eu cumeço a apilidá também, aí quando eles num pará, aí eu chamo nome com us pais deles, têm veiz que eles joga meu livro no chão, aí o caba manda eles apanhá e eles num apanhá, aí eu pego digo a professora mais têm veiz que ela mandava eles apanhá, mais tinha veiz que não, é muito ruim os apilidu, sofro muito as veiz até choro. A professora já falou alguma coisa sobre esse bullim, purque tem uns minino que gosta de batê no zotos, aí eles para, mais depois cumeça a apilidá de novo."

De acordo com esse fato, então concluímos que, esse aluno ao mesmo tempo em que se sente feliz, também se sente triste com os atos de agressões, e sofre com a violência simbólica, no momento em que chora quando lhe agridem, então percebemos que está confuso pensando no que fazer, entrando em conflito consigo mesmo, às vezes revida aos atos, às vezes não quer ir para a escola, como também em sua mente pensa numa forma de resolver a situação, comunicando para a professora sendo que esta às vezes resolve o problema e às vezes não, segundo a fala de João, cometendo desta forma um ato simbólico, quando não dar atenção ao sofrimento do aluno, agindo e contribuindo para a propagação da violência simbólica, sem ter consciência que comete esse ato. Ele fala que a professora explica algo sobre o termo *"bullying"*, e com isso acha que resolve o problema, não tendo consciência que o problema maior e simbólico, é entender como essa violência se propaga na mente desses alunos que sofre com esses atos simbólicos.

Contudo, o que fazer diante da omissão de quem deveria ajudá-los a resolver o problema? Eles tentavam solucioná-lo por conta própria justamente porque, quando narravam o fato, a direção da escola às vezes fazia algo às vezes não, e quando chegavam as suas casas chorando, dizendo que não queriam mais ir para a escola, os pais falavam que era para eles irem, pois senão perderiam o benefício do governo.

Um aluno, Jonas, por exemplo, afirmou ser vítima de homofobia. Os colegas apelidavam-no de "viado" e imitavam seu modo de andar. Jonas não gostava e não se sentia à vontade em nenhuma escola. Não tinha muitos colegas homens, só mulheres. Gostava de ficar na sala de aula na hora do intervalo e às vezes saia para lanchar, a solidão era a única solução

para não ser vexado na frente dos colegas de escola. Ao ficar na sala de aula isolado, Jonas trava uma luta interior com seus algozes, pois na mente dele estão todos aqueles alunos que o oprimem, que o xingam, deixando bem claro a manifestação da violência simbólica que sofria cotidianamente. Se isolando do contato com os outros, Jonas está punindo a si mesmo e ninguém parece notar que ele está sofrendo tanto pelas agressões verbais quanto pela solidão, caracterizando, portanto, uma violência simbólica que causa dor tal qual uma violência física. Percebemos, pois, que para a maioria dos alunos e professores aqueles xingamentos não maltratam porque não deixam marcas visíveis, e essa negligência dos gestores propicia a propagação desse tipo de violência.

Alguns profissionais atuantes na escola pesquisada não identificam que esse aluno assim como outros sofrem com a violência simbólica, não porque queriam, pois não tinham o devido e nem o superficial conhecimento sobre o tema. E dessa forma, então agiam de maneira negligente, não resolvendo o problema com o cuidado e a atenção que merecia, ocasionando nesse aluno um conflito psicológico, as lutas que trava com seu subconsciente, o agride de forma tão cruel que essa agressão se torna dissimulada e legítima, por seus participantes ativos e passivos não obter consciência que cometem esses atos de forma simbólica, sem a intenção de machucar o outro. Mediante esses fatores e outros a violência simbólica nesse espaço tão diverso possivelmente tende a elevar o índice de casos.

Alguns dos casos relatados pelos professores e alunos da escola revelam que a violência simbólica se manifesta de forma direta e indireta devido a inúmeros fatores, tanto externos quanto internos a escola. Nesse sentido, alguns professores afirmaram que é bem provável que os alunos desenvolvam e exerçam condutas violentas, refletidas diretamente na escola, por fazerem parte de uma classe social baixa, de não disporem de condições financeiras, nem psicológicas, para entender e saber lidar com as situações e conflitos que enfrentam.

São alunos que residem em um bairro carente, com famílias desestruturadas e sem formação nenhuma, para dialogar com seus filhos, então alguns pais espancam os filhos, "resolvendo" o problema com violência. Desse modo, alguns alunos só conhecem o lado violento da sociedade vivenciado diariamente. O poder público só se presentifica em ano eleitoral, já que os políticos visitam suas casas com promessas vãs em troca de votos. Por não disporem de conhecimentos adequados para dialogar com os filhos, os pais tentam resolver os problemas ocorridos no espaço escolar com violência, querendo educá-los a sua própria maneira, sem procurarem entender o real motivo pelo qual seus filhos envidam posturas agressivas, ou cientificarem-se da origem do problema: se pertence à família, ou se há

deficiência na postura da escola, na maneira que o professor reage aos atos de violência simbólica no contexto escolar, etc.

Atualmente a instituição escolar está sendo alvo da violência simbólica dentro de seus muros devido à incapacidade e a falta de apoio por parte dos órgãos competentes que têm o dever de incentivar e apoiar a escola — tais como o ministério da educação e os programas do governo que incentivam e cultivam a não violência —, pelo menos é o discurso imposto pelos governantes em suas declarações públicas. Na verdade, esses programas não atingem os reais problemas que afetam a escola, muitas vezes os projetos ficam no papel por vários fatores, dentre eles: não se adequarem a realidade da escola, descaso de alguns gestores e educadores para não assumirem responsabilidades, assim por diante. Desse modo, a educação se torna um ambiente sem valor, vulnerável a todos os tipos de violências — simbólica, física, cibernética, etc.

Porém, não devemos culpar apenas o sistema ou os órgãos que o compõem, pois são também os sujeitos da sociedade que formam e constroem a educação. Não se resolverá o problema da violência simbólica simplesmente jogando a culpa no outro. Resolver-se-á o problema quando os profissionais da educação fizerem sua parte de forma coletiva: educando com compromisso; transformando o espaço escolar em um ambiente de paz; e partindo de ações pedagógicas que contemplem esses problemas que afetam a escola, com práticas educativas planejadas e executadas como meios interventivos. Isso para que a violência não seja mais a principal causa de desistências de alunos e professores da escola.

A violência simbólica, conforme Bourdieu (1998), se efetiva entre as diferentes classes sociais, culturas e contextos sociais, dominando assim as relações de força, visando apenas seus próprios interesses. A luta simbólica começa na imposição do mais forte contra o mais fraco, uma classe dominando a outra, gerando assim um clima de desigualdade, pois uns dispõem de poder, de um capital cultural e econômico em proporções maiores do que outros que pertencem à classe social menos favorecida.

Portanto, a violência simbólica está presente em todos os ambientes de natureza social, inclusivamente no contexto escolar. Hoje, tudo o que a sociedade vivencia e sofre é a própria violência simbólica que para Rodrigues & Assmar (2002) é aquela que pode não envolver danos físicos, sendo a vítima agredida verbalmente por insultos, calúnias, ou impedida por outrem de atingir seu objetivo. Nesses casos a agressão é simbólica, pois sempre se viabiliza "por meio de coerções, de intimidações, de desrespeito ao modo de ser do outro, o livre arbítrio para fazer suas escolhas, enfim são ações que acontecem de forma perceptível e ao mesmo tempo de forma implícita depende muito da visão de quem observa".

A postura de qualquer cidadão deve ser de luta por uma educação de qualidade para todos, não somente para aqueles que dispõem do poder sócio-político-econômico, e por uma saúde que atenda as necessidades da população em geral, não apenas para beneficiar os mais favorecidos. Devem ser vigiados aqueles políticos que usurpam o dinheiro dos cofres públicos que é daqueles que pagam seus impostos, que trabalham todos os dias para sobreviver com um pouco de dignidade. É de causar revolta que os eleitos pelo povo recebam salários altíssimos enquanto que a maioria dos eleitores sobreviva com apenas um salário mínimo. Portanto, é a população a mais atingida por essas fraudes e infrações cometidas por alguns políticos corruptos. Nesse caso, todos os sujeitos de uma forma ou de outra se tornam vítimas, alguns conscientemente do seu papel e o papel dos outros, já uma grande parte sofre inconscientemente.

Tentar conhecer um pouco mais sobre seus direitos, votar de forma consciente, escolher políticos menos corruptos para legislar o país, essas são algumas formas de diminuir a violência pela qual todos os dias muitos indivíduos se tornam vítimas, e que muitos não reconhecem ou não sabem identificar. Alguns se conformam e acredita serem normais os acontecimentos acima descritos, por não estarem conscientes dos seus direitos como cidadãos. É a escola, por sua vez, como instância do processo educativo, e até mesmo com todas as suas precariedades, que desempenha esse papel de transformar e formar o aluno um agente social, um cidadão apto a manter a ordem e o equilíbrio, sendo sujeito de seus próprios atos, interagindo com o meio físico e social.

A instituição escolar tem como função constituir os sujeitos em seu processo de transformação, de aquisição das características da espécie humana, promovendo assim uma educação que, como diz Fontana (1998, p. 67), é "uma teoria que propõe que as crianças desenvolvam padrões mais sofisticados de pensamento como consequência basicamente de maturação e de acordo com um padrão determinado".

E essa educação não deverá ser repressiva muito menos baseada no medo, no autoritarismo, mas sim uma educação que acompanha os estágios que passa a criança para alcançar a fase adulta. (PIAGET, apud FONTANA 1998, p.67) considera que a educação precisa despertar a curiosidade do aluno, desenvolvendo suas potencialidades cognitivas, afetivas e psicomotoras. É essa uma funcionalidade básica da escola, que precisa também ensinar ao aluno a prática da criticidade tornando-o um cidadão competente para avaliar as decisões que tomará no decorrer da sua vida. A reflexão sobre as suas ações conduzirá o aluno a contrabalançar os direitos e deveres seus e dos outros, respeitando a individualidade e contribuindo para o estado coletivo.

Contudo, na escola está acontecendo às vezes o contrário. Ela, por ser vulnerável, se torna em alguns momentos um ambiente vulnerável a vários tipos de violência, todos os dias alunos e professores são vítimas de atos agressivos, e por diversas vezes observamos que os mesmos alunos que sofrem violência simbólica podem em outras circunstâncias serem algozes de outros alunos que não dispõem de força para enfrentá-los.

Na escola a qual realizamos a pesquisa de campo existem alunos que são oprimidos e que em outras situações oprimem outros alunos que consideram indefesos. O processo se torna então uma ciranda na qual um aluno violenta o outro sem perceber. Parece que inconscientemente quando não consegue se vingar daquele que o ofendeu, o aluno, antes vítima, procura repetir o ato agressor noutro aluno que considera inferior a si, e isso acontece independente dos fatores serem externos ou internos à escola, ou seja, o aluno pode ter sido vitimado fora do ambiente escolar, mas será no ambiente escolar que ele poderá oprimir outro sujeito que seja inferior em relação a ele. No entanto, frisamos que o nosso objetivo será aos fatos intrínsecos ao ambiente educacional.

Como por exemplo, um aluno chamado Ricardo diz

> "num fico calado não quando us minino mexe cumigo eu mexo cum eles também, eu vou fica queto é? inquantu eles mexe cumigo, agora vô viu, num tenhu muitus amigo não, só purque eu num fico calado não, se mi apilidá, eu apilido eles também, o caba vai na sala da diretora, o caba ispera, ispera ela pra contar o que foi que aconteceu ai ela num vem, só vem quando o caba bate neles, ai ela vem. Tem uma minina que ia passano ai eu chamei ela de "aparelho de jumento" purquê ela usa um aparelho que vem daqui até aqui no corpo todo, sabe? ai ela pegô e chorô, mas quando o caba passa, aí ela diz, e aí "burrão""?

Esse aluno era considerado pelos professores e a gestora da escola o mais "problemático", pois, segundo eles o aluno já havia sido expulso de várias escolas, demonstrava comportamentos muito agressivos, gostava de agredir os colegas, tentava mostrar o tempo todo que não tinha medo de nada que era muito "valente" que não levava desaforo para casa, mas o que podemos constatar diante da observação, é que na verdade esse aluno sofria, mas não queria demonstrar para não ser taxado de "mole", pelos colegas, disse que não tinha o intuito de machucar os outros só quando eles lhe agrediam, pois se acredita que em sua mente estava o conflito, se eu não agir assim, vão me chamar de "medroso", mesmo que eu tenha medo não quero que saibam, não que meus colegas percebam, e assim

sofre com a violência simbólica, pois à medida que entra em conflito consigo mesmo, tentando mostrar através do seu comportamento que era um aluno "valente", mas que no seu interior travava vários conflitos tentando demonstrar para os outros colegas e os gestores da escola de um modo geral uma pessoa que na verdade não era, que no seu interior sofria mais do aqueles a quem oprimia, tornando seu próprio opressor. Segundo João em sua fala diz que a diretora não resolve os problemas, que só procura usar os métodos como advertências, fazer tarefas no horário do recreio, convidar os pais, e expulsões quando o aluno agride o outro com violência física, mas se for só casos de agressões verbais não faz nada para resolver a situação ou as situações.

É notório que tanto os alunos quanto os professores têm sido alvos de chantagens, de intimidações, de crimes virtuais[15], dentre outros, como os casos que se tem assistido e que são divulgados pelos programas de cunho informativo, noticiando que muitos alunos vêm sendo vítima de perseguições por parte de colegas, dentro e fora da escola, como também muitos professores estão sendo ameaçados nas redes sociais, e pessoalmente também. Esses profissionais se sentem intimidados por esses educandos que de alguma forma na sua mente criam e inculcam que o professor não quer passá-los de ano, se sentem lesados por alguma questão mal resolvida, e preferem agir com posturas que intimidam e ameaçam tanto alunos, quanto professores, causando frustrações e transtornos para aqueles que querem estudar em um ambiente calmo e seguro.

Como o caso citado anteriormente da professora Marta e da professora Ana as quais participaram da pesquisa de campo, relataram em suas falas que alguns alunos como também os pais de alguns desses alunos já lhe agrediram verbalmente e lhe causaram transtornos e intimidações sendo acometidas diante das situações de ameaças, de um forte sentimento de insegurança, que durante a situação não demonstravam medo, mas que logo após as situações acalmarem-se, e em outro espaço como na sala reservado para os professores e gestores da escola, pensavam "meu Deus como é difícil ensinar" tinha momentos em que pensavam em desistir por medo das ameaças, um dia o aluno vem armado, no outro o pai vem bêbado e invade a escola, no outro vêm e nos mata.

Desse modo, identificamos que alguns dos professores da escola pesquisada também sofrem com a violência simbólica no momento em que estão sozinhas, ou na companhia dos colegas, tentando resolver as situações as quais estão submetidas para exercer sua função que

[15] Crimes virtuais: atos cometidos por intermédio de um sistema de informática e dentro deles incluídos infrações contra o patrimônio; as infrações contra a liberdade individual e as infrações contra a propriedade imaterial.

no caso em estudo, é o de ser professor nos dias atuais, se deparam com situações que não sabem se continuam e arriscam suas vidas, ou se desistem dos seus sonhos e objetivos, devido as circunstâncias, em que se encontra a vida do professor atualmente.

Podemos conjecturar ainda que a violência simbólica só se viabiliza e ganha espaço por causa de fatores externos como o desemprego, a fome, a falta de segurança pública voltada para manter a ordem social, a concentração de renda, a desigualdade social, a prostituição, desvios do dinheiro público, etc. Todos esses fatores elencados são considerados violência simbólica, que atinge a população menos favorecida e que de alguma forma tentam buscar meios e soluções viáveis ou não para resolver seus problemas de imediato, seja cometendo infrações, seja mendigando pelas ruas, de alguma forma tem que resolver seus problemas. E a concentração de alunos considerados pobres se encontra em toda sua totalidade assistidos pela escola pública.

Alguns alunos participantes da pesquisa de campo são parte integrante dessa realidade, vivem praticamente em estado de miséria e sobrevivem apenas com o dinheiro dos programas sociais dos Governos, que exigem da família beneficiada a inserção, numa instituição de ensino, das crianças com idade escolar. Desde cedo eles sofrem na pele com o descaso e o preconceito, se sentem marginalizados por residirem num setor que a alta sociedade considera um bairro muito perigoso.

E a escola para esses alunos deveria ou deve ser um local onde se sintam felizes, para amenizar a dura realidade a qual estão inseridos. Como já dito antes, sem ter a ajuda e o apoio dos técnicos que fazem parte da escola e de outros profissionais, eles se tornarão indivíduos revoltados com a própria vida e contra a coletividade, resolvendo os problemas por eles enfrentados ao seu modo, sendo agressivos com todos aqueles que demonstrarem fraqueza ou medo, intimidando o outro, como forma de expor o que sofrem diariamente.

Os alunos em seus relatos demonstraram que sofrem com as opressões e que as manifestações de agressões são frequentes. Sentem-se ofendidos e com raiva dos colegas que gostam de apelidar e de oprimir de forma pejorativa. Disseram que a escola ou a direção às vezes resolve o problema e alguns acham que a escola não pune de algum modo os alunos que cometem os atos simbólicos, não entendem o porquê de a escola ser negligente.

Algumas das causas da negligência dos profissionais podem ser: falta de incentivos, desmotivação pelos baixos salários, recursos financeiros e metodológicos adequados, infraestrutura que não condiz com a quantidade de alunos, alguns setores pedagógicos não são exclusivos para uma só função, funciona como múltiplas formas, tem outras utilidades além daquilo que lhe são designadas, como por exemplo; a biblioteca desempenha várias funções

como sala de apoio aos alunos com distorção idade série, aulas de libras, como outros programas desenvolvidos na escola.

Contudo, parece ser o desconhecimento do assunto um dos principais motivos dos professores não trabalharem a problemática na escola. Antes a realização da pesquisa de campo, os profissionais que participaram desse trabalho não sabiam o significado do termo violência simbólica e pelo desconhecimento eram coniventes com a problemática em seu meio. E, à medida que não possuem posturas para ajudar o aluno, por achar que não é nada grave, não entendem o que se passa na mente do oprimido.

Os professores relataram que os alunos eram muito "trabalhosos", gerando um certo medo e receio, adentravam na escola para dar aulas não se sentiam seguros, pois a violência causava medo e ansiedade, querendo que a aula terminasse logo para ir para suas casas, local onde se sentiam mais seguros, ficavam pensando como dar aula no dia seguinte. Então a violência simbólica se instaurava nos professores que não tinham consciência disso, à medida que ficavam em conflito pensando como era que iria ser o dia amanhã na escola, se tornando opressor de si mesmo, essa opressão gera a violência simbólica que muitos sofrem e não sabem nomear.

Diariamente aconteciam confusões e agressões entre os alunos, segundo os professores, e o professor que tentasse impedir as agressões tornava-se alvo de agressões também; os alunos eram muito agressivos, em anos letivos anteriores, o educador tinha medo até de falar, com medo de que os alunos com condutas violentas reagissem com agressões verbais e físicas. Reagiam as situações de maneira forte, resistente, pelo menos aparentemente, não deixavam passar para os alunos que estavam com medo, pois se esses percebessem que estavam com medo, não conseguiam fazer sua função dentro da escola.

Atualmente tanto o professor como os alunos se sentem um pouco mais seguros na escola, o que antes não acontecia, quando não existia a presença da Patrulha Escolar da Polícia Militar da Paraíba, a qual está há pouco tempo atuando com intuito de dar apoiar à escola em situações em que alguns alunos estão exaltados e sem controle. De certo modo a presença da polícia com a imposição da lei que adota, causa certo medo nos alunos, esses se sentem coagidos perante a autoridade fardada, sendo que sem a farda uma vestimenta simbólica com vários brasões expostos, alguns alunos ou pessoas não demonstram nenhum medo, esse ato por si só se torna uma violência simbólica, pois a presença da polícia não era para impor medo aos alunos e nem tão pouco se sentirem coagidos com sua presença, pois são preparados e designados para representar a segurança da população, e não causar certos transtornos psicológicos para os alunos. Se bem que segundo os atores profissionais e alguns

alunos relataram que a presença da polícia na escola traz um pouco de segurança para esses profissionais, os quais demonstram algumas de suas falhas na hora de intervir nos casos de violência simbólica em seu contexto.

Durante a "visita técnica" da patrulha escolar todos os dias os policiais adotam medidas como dialogar com os alunos que envidam comportamentos agressivos, visitam as salas inspecionando se está tudo nos conformes, conversar com os atores profissionais, tudo de forma muito superficial, uma vez que a polícia à medida que impõe sua força ou a força da lei de forma autoritária, nega qualquer vínculo que possa vir a existir, dentro da escola. Claro que não estamos aqui querendo denegrir a imagem do policial militar, mas que convenhamos o mesmo policial que está designado para "proteger" e dar segurança a população, em alguns momentos no seu âmbito profissional faz uso da força física como método. Existe um contraste que muitos não percebem, mas que estão sendo submetidos de algum modo nesse contexto.

A escola pesquisada desenvolve ainda atividades com o apoio de entidades parceiras da escola. O resultado está refletido nos educandos que têm demonstrado um pouco mais de "respeito" pelo o outro e pelo professor. Todavia, existem ainda muitas agressões verbais e físicas, mas nada que a direção não possa "resolver", e quando não consegue resolver convida a vir até a escola a Patrulha Escolar que tenta resolver o problema através do "diálogo".

Os casos relatados mostram uma realidade cotidiana tanto para os alunos, quanto para os professores. O professor, que estudou durante tantos anos para ter uma formação, de repente se depara com um mundo totalmente diferente daquilo que queria ou planejava para a sua vida, sentem-se desmotivados e intimidados para continuar na luta em prol de uma educação que inclua a comunidade carente; na busca de subsídios necessários e eficazes para uma aprendizagem concreta e eficaz, capaz de suprir todas as necessidades ou pelo menos parte delas, existentes no contexto escolar.

Todos os alunos que participaram da pesquisa, exceto uma aluna, a Eliane, disseram que sofriam com a violência aquela facilmente identificada: como a física ou a continuada (bullying). Revelaram que também sofriam a violência simbólica: os colegas ficavam o tempo inteiro com atos opressivos; até quando queriam ficar sozinhos os algozes oprimiam com xingamentos e apelidos. Percebemos durante a entrevista com esta aluna que a mesma não respondia ao questionário de forma espontânea como os outros alunos participantes, pois a aluna conta

> "Eu num gosto de apilidá não, purque assim, eu sou queta, eu fico só na minha, aí eles fica lá brigano e

> gritano, nunca fui apilidada não dentro da iscola. A diretora diz assim, pros minino, num é pra fazê isso não e tal, cunversa cum eles, bota uns combinado assim o que pode fazê, o que num pode, mais mermo assim, um exemplu se eles briga aqui, aí eles diz lá fora nós resolve. Eu gosto de todo mundo aqui dentru num tenho raiva de ninguém, mi sinto feliz nessa iscola".

Esta aluna Eliane demonstrou durante toda a entrevista segundo observação, que estava com medo de responder as questões, ou por medo de algum outro aluno escutar ou ficar sabendo de algum modo, e depois querer lhe agredir, ou por apenas timidez, mas provavelmente estava com os dois sentimentos, respondia as questões de forma que tudo era bom dentro da escola, nada lhe acontecia, ninguém lhe xingava ou a coagia de algum modo, não tinha nada errado, a direção sempre resolvia os problemas, quando existia, durante todo o ano só presenciou uma agressão física, mais segundo a aluna a diretora logo resolveu, gostava de todos os colegas, sem fazer distinção.

Então a partir desses dados observados e colhidos pode até ser que tenhamos nos enganado com relação o comportamento desta aluna, mas o que ela transmitiu durante toda a entrevista era que estava com medo de falar, como se algum colega houvesse lhe ameaçado, dizendo "se você contar que agente te apelida, ai é que você vai ver". E dessa forma supõe que a aluna se sentiu ameaçada sofrendo com a opressão imposta por algum ou alguns colegas, em que, se for verdadeiro os fatos observados durante essa entrevista, a violência simbólica se torna então propagada e concreta, pois esta aluna não consegue contar o que realmente acontece com ela e com seus colegas na escola, por medo de outros colegas que gostam de oprimir os que são mais indefesos, e que demonstram medo com as opressões impostas.

Os professores assim como os alunos confundiram a violência simbólica com termo *bullying,* pois não sabiam nem que existia esse termo, isso prejudica em grande escala a relação professor e aluno, segundo eles não conheciam essa categoria ou essa denominação de violência, era algo novo, mas que era muito conveniente tanto para os professores, conhecer quanto para os alunos, como uma forma de identificar e entender quando um aluno ou um professor praticar ou sofrer o ato no contexto escolar.

A falta desse domínio sobre a temática contribui para a propagação dos casos de violência simbólica na escola, pois alguns alunos reclamam que os atores profissionais não envidam nenhuma postura para lhes ajudar a resolver as opressões causadas por outros alunos,

esses se tornam negligentes diante dos fatos e casos, mesmo de forma inconsciente, pois não conheciam o termo e nem as suas implicações para a vida daqueles que são oprimidos. Desse modo, colaboram para que esses alunos sofram cada vez mais, tornando talvez futuramente uma pessoa com fortes tendências a cometer atos de violência física contra outras pessoas.

Na maioria dos casos os alunos falaram que as opressões acontecem mais quando seus pais são insultados com palavrões. Às vezes alguns alunos reagem às agressões, mas outros preferem ir para outro espaço da escola no qual possam ficar sozinhos para não chorarem na frente dos seus algozes. Os alunos que sofrem com atos opressivos disseram ser melhor que a patrulha escolar ficasse o tempo inteiro dentro da escola, para que os alunos opressores parassem com aquelas atitudes.

Assim como, o aluno que tem por nome José afirma em seu relato que

> "Na hora que nois tamo brincano de bila, aí us minino fica impurrano agente, num deixa agente brincá, aí cumeça us apilido cum um bucado de nome, eles mi apilida de "sarará" pur causa du meu cabelo que é assim, (pintado de loiro) ais veiz eles apilida as minha colega de "nega maluca"aí eu digo as corras cum eles, e aí nois também cumeça, eu já bati num minino que tava dizeno (num têm) que vinha um avião e ia baxar na minha cabeça purque meu cabelo é assim pra cima, aí eu disse que se ele num parasse eu ia tirar um dente da boca dele. Eu num gosto dessas brincadera não. Num conto pra ninguém fico só pra mim num têm? Só na hora que eles mi faz raiva que eu pego e vou conta pra minha mãe e meu pai, mais ais veiz eles num faz nada, num vem nem aqui, aí eu pego vou dizê a diretora e ela num diz nada, num faz nada. Eu tenho bem pouquim amigo já mi intriguei dum mote de minino, purque eu num gosto das brincadera, gosto de fica no meu canto."

De acordo com a observação durante a entrevista com esse aluno que demonstra claramente que sofre com a violência simbólica, com a física também mais tudo começa com as intimidações que são muitas conforme sua fala, sofre calado e gosta de ficar sozinho, não conta para ninguém o que acontece com ele, só as vezes quando não aguenta mais a pressão psicológica em sua mente, resolve explodir agredindo os colegas que lhe agridem, ou conta para os pais ou para a diretora, sendo que esses não fazem muito por ele, diz que sofre não entende porque que os colegas gostam tanto de oprimir os outros, mas que não fica calado

não, quando lhe agridem fisicamente, então reage da mesma forma, já brigou muito com seus colegas por isso que não têm muitos amigos, segundo sua fala.

Então constatamos que esse aluno assim como os outros sofrem com a violência simbólica, e a medida que os pais ou os atores profissionais não fazem quase nada para resolver seus conflitos, nesse momento que se tornam opressores de si mesmo, buscando meios para livrar-se desses impasses, o qual são acometidos todos os dias tanto os professores que cometem atos simbólicos de maneira involutária, quanto os alunos que são os mais prejudicados, nesse contexto escolar, resolvendo os conflitos existentes á sua maneira, por não obter um apoio, de quem deveria lhes ajudar no momento em que mais necessitam de um apoio pedagógico. O aluno afirma ainda que se sente mais seguro com a presença da polícia militar na escola, pois os colegas ficam mais quietos, não têm brigas, a polícia deveria passar de meia em meia hora pela escola para observar os meninos que gostam de agredir os outros.

Os alunos pesquisados querem estudar para ter uma formação, e inserir-se no mercado de trabalho, o qual é muito competitivo, no tempo certo, quando concluir sua formação acadêmica. Com isso para conquistar seus objetivos dedicam-se a aprender, tendo como referência a sua realidade, a situação de miséria em que vivem alguns desses alunos, a qual supunha não querer para seus filhos futuramente. Enquanto que alguns alunos só querem mesmo causar conflitos na escola, como forma de chamar a atenção dos demais alunos, ou mostrar-se forte para um grupo que apoia seus atos e sua maneira de agir, ou seja, esses alunos com comportamentos digamos fora do "normal" necessita de um grupo que lhes apóiem em suas ações no contexto escolar, tornando a vida, daqueles alunos que se preocupam em fazer as atividades conforme os professores exigem, que tem comportamentos considerados pelos os demais exemplar, desconfortável e caótica. Não se pode afirmar com certeza, mas provavelmente os algozes não vislumbram uma ascensão social e profissional por meio da educação, para eles talvez a realidade nua e crua seja simplesmente um futuro de miséria, e inconscientemente afastam esse temor se divertindo ao aterrorizar a vida dos outros, pois só se sentem bem ao demonstrar-se mais forte que o outro.

Diante do exposto, Melo discursa que:

> A indiferença, a discriminação, a intolerância e o preconceito ocorrem no contexto escolar como em qualquer outro lugar que favoreçam as relações interpessoais. Diferente dos outros ambientes que não possibilitam a adoção de uma pedagogia humanística, "a escola é um espaço de diversidade privilegiado para aprender a resolver conflitos e conviver com a diferença. É assim que ela combate os preconceitos". (MENEZES apud MELO, 2010, p. 63)

A escola ao mesmo tempo em que tem o poder de resolver os conflitos existentes no seu meio, também pode desencadeá-los, depende unicamente das práticas e métodos utilizados durante o processo educativo. A instituição precisa compreender que muitos educandos estão naquele espaço forçadamente, por não se sentirem a vontade na convivência com o diferente e com a diversidade. E alguns se sentem incomodados com a forma de agir e de pensar dos outros. Provavelmente são pensamentos advindos de uma sociedade individualista e narcisista e para esses indivíduos é uma obrigação desagradável ter de respeitar a presença do outro, para eles o que importa é apenas aquilo que lhe convém.

Alguns professores, gestores e coordenadores veem essa questão como algo que não traz nenhuma consequência, para a vida dos alunos entendendo que só por o aluno frequentar a escola todos os dias é suficiente para mudar sua personalidade, seus preconceitos, seus atos, e esquecem que de certo modo contribuem tanto para atos discriminatórios como com a violência simbólica, uma vez que trata os alunos de forma igual, dando as mesmas condições para todos, sem considerar a cultura de cada aluno, a sua condição sócio-econômica, a sua comunidade, sem demonstrar interesse pelas várias culturas que existem inseridas no contexto escolar, e a medida que alguns atores profissionais não estão preparados para lidar com o contexto, negam de forma cruel a cultura dos alunos ou não consideram como algo a ser explorado em suas atividades educativas, contribuem assim de certo modo inconscientes ou conscientes para que a violência simbólica se torne algo frequente em seu contexto, uma vez que alguns gestores desconhecem que exista violência simbólica em todos os setores sociais, e exclusivamente no setor educacional.

Os estudos atuais sobre o comportamento humano apontam que em todos os lugares onde existam relações interpessoais possivelmente a violência simbólica se manifestará. Em vista disso é que a escola e todos os seus membros têm de educar visando resolver ou prevenir os conflitos existentes em seu meio, preparando os alunos para respeitar a diversidade; para que entendam que cada ser humano tem o direito de ir e vir, dentro dos limites impostos pela sociedade; e fazer com que o aluno tenha uma visão crítica dos problemas que afetam a sociedade.

Numa sociedade em constante processo de transformação, se globalizando, o poder simbólico surge — não analisaremos aqui outras épocas da humanidade — da necessidade moderna que o homem tem de construir e acumular bens para atingir um ponto no qual o lazer e o ócio são propagados pelas mídias como um ideal de vida. Para isso, o homem de um modo geral é capaz de submeter-se a condições absurdas para obter status social, ter uma vida mais confortável, e na maioria dos casos não importa quantos degraus tenha que subir, em quantas

pessoas tenha que pisar para alcançar sua meta que é adquirir fortuna e poder. Na sociedade atual as pessoas não pensam mais no outro como deveriam, não respeitam suas escolhas. Para obter poder econômico, são capazes de atropelar todos que atravessem o seu caminho, tudo gira em torno de capital.

E a educação necessita de avanços nas lutas em prol de uma educação voltada para a transformação dos sujeitos sociais, para Catani et all (2000, p1) "a educação não é um objeto isolado como qualquer outro, mas constitui-se em temática central pelo exame da qual são revelados não somente os mecanismos do conhecimento social". Não se constrói nada sem uma boa educação, o país muda se a educação vai bem, as pessoas se tornam mais autônomas, autênticas, se tornam críticos, não aceitando tudo o que lhe impõem sem uma contra-argumentação, e só se pode mudar a realidade de um país se existir sujeitos bem educados, bem posicionados, sendo conhecedores dos seus direitos e deveres.

Todos os problemas enfrentados pela população, principalmente a que necessita dos serviços públicos, as quais são alvos diariamente de agressões tanto verbais quanto físicas; o descaso dos políticos para com os servidores públicos, que clamam por socorro vivendo num país que não se tem mais respeito pelo o funcionário da educação; os valores éticos e morais se perdendo a cada dia; todos esses aspectos que degradam a confiança do indivíduo na coletividade podem ser considerados como uma violência simbólica. Uma violência velada que acontece por meio de discriminações, de ameaças, das desigualdades sociais, concentração de renda, e assim por diante, todas essas violências, que não envolva a física, são, pois, simbólicas por não serem facilmente detectadas.

Diante desse aspecto social, Rodrigues & Assmar (2002, p.221) elucidam que "é a fala que pode moderar a agressividade: [...], possibilitando uma espécie de pacto nas relações intersubjetivas [...]. Esse é o valor inicial dado a dimensão simbólica". Então, segundo os autores, a agressão pode ser evitada, ou não, conforme o modo que você reage diante de determinadas situações cotidianas, a palavra tanto tem o poder de mediar como também pode reverter a situação para algo negativo.

Muitas pessoas não conseguem pedir desculpas quando estão erradas ou quando cometem alguma injustiça que atinge diretamente o outro. Não cultivam o hábito da gentileza e de reconhecer que está errado, em agir como uma pessoa racional. E o que mais se vê hoje é que as pessoas não dispensam nada, tudo é motivo para agredir o outro, e na maioria dos casos não abrem nem a possibilidade do outro se explicar, logo vão agredindo, não importando o motivo, no entanto, é preciso saber que todo e qualquer indivíduo tem o direito

de se defender. A conversa e o diálogo sempre foram a melhor opção para se evitar constrangimentos e cenas de violência.

Se as pessoas começassem a enxergar o outro sem querer maltratar ou ferir de alguma forma, principalmente por meio de palavras; se procurassem conversar e entender o outro; se as pessoas relevassem muitas coisas que não necessitam ser transformadas numa tempestade, como o dito popular "fazer uma tempestade num copo da'agua"; evitariam inúmeros atos de violência decorrente da agressão verbal, com essas posturas se evitariam cenas de violência gratuitas e fúteis.

Mas, o que vemos diariamente são cenas de intolerância, uma violência simbólica veiculada em todos os tipos de mídias: televisão, jornal, rádios, celular, computador dentre outros meios. Mas, a que nos interessa é aquela desenvolvida na escola, que como já foi dito, é um ambiente onde também existem agentes sociais de todos os tipos, de diferentes culturas, de diferentes raças, de diferentes religiões, e assim por diante, por isso se torna um local privilegiado em que a violência simbólica acontece com mais frequência do que em outros setores. E é através de uma educação de qualidade que se busca resolver ou intervir nos casos de violências no interior da escola, uma vez que esta, tem como função social transformar e formar os seres humanos em pessoas melhores, com o apoio de projetos desenvolvidos na escola, os quais devem contribuir de forma significativa para o crescimento tanto profissional, quanto intelectual dos alunos, tornando-os sujeitos mais humanizados, de forma que sempre valorizem e respeitem o outro e seus valores.

No meio educacional existem muitos conflitos, professores e alunos se tornam vítimas da violência simbólica diariamente. As manifestações de atos violentos acontecem de maneira alarmante, mas se deve ter consciência que na maioria dos casos o professor não tem conhecimento que está de alguma forma, mesmo que inconscientemente, contribuindo para que ocorra esse fenômeno no contexto escolar. Em algumas situações o aluno sofre com opressões durante muito tempo e a ação escolar dos técnicos e gestores da escola não se dão conta do que está acontecendo com seus alunos ou com um aluno em particular, não conhecem e não sabem identificar quando um aluno está sendo vítima de opressões, se tornam cúmplices por serem leigos e com uma visão simplista do fenômeno.

Também existem manifestações de violência simbólica dentro da escola contra educadores, que segundo Aquino (1998, p.9) "quase sempre acabam padecendo de uma espécie de sentimento de 'mãos atadas' quando confrontados com situações atípicas em relação ao plácido ideário pedagógico". A princípio são vítimas de xingamentos, de opressões, de coerções, e em alguns casos os professores não se importam como deveriam

diante de tais situações e posturas que alguns alunos envidam por terem raiva de algo que o professor fez ou deixou de fazer.

Em sua mente, nesses casos, o aluno constrói todo o plano que pretende executar assim que tiver uma chance e com isso adquirem comportamentos violentos que atingem fisicamente o professor. É por não ter uma postura mais dialógica, por não procurar entender quais as dificuldades do aluno, que o professor poderá concorrer para a propagação de mais casos de violência simbólica, resultando em outros tipos de ações agressivas.

No capítulo seguinte abordaremos as possibilidades de intervenção diante dos casos de violência simbólica, qual o papel da escola e de todos os profissionais envolvidos nesse processo educacional, priorizando e buscando métodos interventivos que viabilizem uma educação de paz, em que todos possam ensinar e aprender trocando experiências, excluindo a violência simbólica, uma vez que é a partir dela que ocorrem outros tipos de violência na instituição escolar.

CAPÍTULO 4. AS POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO POR PARTE DE TÉCNICOS PEDAGÓGICOS, DIANTE DOS CASOS DE VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

A educação sendo o eixo que interliga os setores sociais e tendo-se consciência que tudo gira em torno da educação, a escola como instituição que educa para a vida e tem por meta educar o aluno para ser um cidadão ativo nos processos de conhecimento crítico acerca dos contextos e problemas sociais, uma vez que sua contribuição se torna algo quase que obrigatório para desenvolver projetos que beneficie sua cidade, sua comunidade e a sociedade como um todo, pois sua participação para com a transformação do contexto ao qual está inserido, e para com a sociedade, por intermédio de suas ações sociais pode tornar diferente a realidade de muitos alunos que necessitam de um apoio e de uma educação de qualidade para mudar os rumos de suas vidas. E a escola representa para todos aqueles que a frequentam, como pais, professores, técnicos, funcionários e alunos, um local de insegurança e incertezas, sendo conhecedores de que sua função social seja a de educar o sujeito, para atuar de forma crítica no contexto social, diante do cenário que se encontra atualmente, onde a violência está assumindo várias formas que se mesclam entre si, seja ela simbólica, velada, institucional, física, ou psicológica, todas implicam e causam um impacto irreversível no processo educativo.

Como podemos perceber, a violência simbólica no contexto escolar tem causado muito sofrimento, pavor e insegurança entre aqueles que frequentam e necessitam desse espaço para estudar. A escola tornou-se um espaço de reprodução da violência, a cada dia que passa fica muito difícil e quase impossível para alguns docentes, que se tornaram reféns da violência, acreditar que esse tipo de agressão possa ser erradicado da instituição escolar.

Devido a inoperância e o silêncio de alguns gestores e educadores mediante os casos de violência simbólica ocorridos em algumas escolas em que o aluno sofre com as opressões diariamente, esse comunica a quem é de direito ajudá-lo naquele momento em que as sofre, e no entanto, não consegue obter êxito nas tentativas de resolução dos seus problemas, comunicando várias vezes para a direção, e esta por sua vez não executa nenhum método interventivo, devido concluir que o caso não é grave, pois só se torna grave quando resulta na violência física, contudo é quando resolvem fazer algo, tomar uma posição, adotar alguma estratégia ou método para resolver a situação.

Alguns teóricos e profissionais interessados nesse tema, violência simbólica, têm desenvolvido pesquisas e projetos acerca do assunto para ajudar a população, principalmente os profissionais que atuam no contexto educacional, a entender um pouco e saber como

identificar e lidar com os atos violentos cometidos entre os muros da escola, ou quem sabe até prevenir algumas posturas que possa ferir ou constranger o outro moralmente ou fisicamente.

Dessa forma, Aquino afirma que

> A qualificação do professor consiste em conhecer o mundo e ser capaz de instruir os outros acerca deste, porém, sua autoridade se assenta na responsabilidade que ele assume por este mundo. Em face da criança, é como se ele fosse um representante de todos os habitantes, apontando os detalhes e dizendo à criança: - Isso é o nosso mundo. (1998, p.7)

Então o professor, tais como os que participaram da pesquisa de campo contribuindo com seus relatos para realização da pesquisa, necessita estar preparado fisicamente, psicologicamente e moralmente. E parte desse processo é de responsabilidade da gestão da escola que precisa desempenhar o seu papel instruindo os educadores e alunos, elaborando e aplicando normas e punições para os alunos que demonstrarem desde cedo condutas hostis contra os colegas. O aluno verá, dessa forma, o educador como um representante da coletividade no processo educacional, o seu porto seguro, como alguém que nunca erra. Se, no entanto, o educador cometer qualquer ato repreensível ele terá atentado contra a confiança, será visto como um traidor. Para saber lidar, pois, de forma inteligente e eficaz, os profissionais envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, devem estar preparados com uma formação continuada, com cursos de capacitação, desenvolvendo projetos e atividades extracurriculares para assim inibir as ações violentas dentro da escola. Para que não aconteça casos como esse de uma professora participante da pesquisa que já presenciou uma colega ser ameaçada de morte, foi assim conta a professora Roberta

> "Não foi comigo, mas eu fiquei assim digamos um pouco apreensiva, foi com uma vice diretora, porque o aluno foi reprovado e ameaçou ela, dizendo que ia matar ela, ficamos assim com medo de sair da escola, porque ele xingou ela bastante com palavrões, disse que tinha sido reprovado por culpa dela e que ia buscar uma faca, que ia cortar ela todinha de faca. Não Foi comigo era com uma colega mais eu me senti na mesma situação, né porque esse dia foi com ela, mais noutro pode ser comigo né?"

Diante do exposto podemos perceber que esse aluno em sua mente chegou a conclusão de que a vice diretora era a culpada por ele ter sido reprovado, e com isso decide resolver o problema a sua maneira com atitudes e condutas violentas, e os profissionais que estão para cumprir sua função acabam sendo ameaçados e se sentem coagidos, sendo

culpados pela reprovação ou expulsão do aluno, que nem sempre a culpa é só do professor, mas sim tem uma série de fatores que levam um aluno a ser reprovado, como seu desempenho na aprendizagem, seu comportamento, se a família apoia de algum modo seu processo de aprendizagem, e assim por diante, e que na maioria dos casos esses alunos não aceitam a reprovação, sabendo que hoje segundo alguns educadores que lecionam em algumas escolas relatam não só se pode reprovar um aluno, só se for em último caso, depois de todas as tentativas possíveis como testes e re-testes, entre outros métodos, para que o aluno consiga a aprovação.

Dessa forma, a educação não se realiza de maneira competente e com compromisso, por isso que hoje alguns alunos não querem estudar, pois sabem que a escola precisa aprová-lo, para que outros alunos possam ingressar nesse contexto escolar, e não é interessante para o governo permanecer com o mesmo aluno durante vários anos na mesma série.

Devido a esses fatos e muitos outros é que a escola de um modo geral não pode mais ignorar ou querer esconder que entre seus muros exista violência. É justamente por não tentar compreender os fatos, para desenvolver uma estratégia visando dar um basta nesse tipo de violência, que a instituição de ensino sofre com as agressões verbais e físicas, e quanto mais demore mais dificultará o controle dos atos opressores que permeiam esse espaço. Tornou-se público e notório que algumas escolas não são consideradas mais um ambiente seguro, e essa insegurança prejudica a aquisição de conhecimento. Um conhecimento que muitos não têm as mesmas oportunidades de adquiri-los, já outros, que têm todas as oportunidades e no entanto, não aproveitam o conhecimento mediado pela escola.

Quanto mais o núcleo gestor da escola se eximir dos problemas, ignorar os fatos acontecidos em seu contexto, não adotar posturas rígidas, e não atuar de forma global nos acontecimentos sociais para formar cidadãos conscientes e atuantes, para que a paz seja instalada e para que o equilíbrio seja mantido, mais se tornará alvo dessa violência que atinge todas as instituições de ensino.

No caso da instituição de ensino estudada ficou evidenciado que, para os que convivem nesse espaço como os professores, gestores, coordenadores e alunos, os métodos mais usuais para intervirem de forma pacificadora nos casos de violência simbólica exercida nesse contexto são punições como a suspensão do aluno, se não surtir efeito convoca a patrulha escolar para dar apoio, dialogando com os alunos que são autores da violência, e em último caso a expulsão do aluno.

Diante da disseminação e propagação da violência escolar seja qual for, mais especificamente falando a simbólica, são realidades que necessitam ser repensadas a cada dia:

inserir, por exemplo, no contexto escolar uma nova reflexão, discussões, novas estratégias de convivência no ambiente escolar, diálogo e mediação de conteúdos e normas institucionais, para com isso suplantar esse fenômeno que atinge diretamente o ambiente escolar.

Dessa forma, se torna necessário inserir nesse contexto a fala da professora Carla a qual participou da pesquisa de campo, que conta que em algumas escolas as quais trabalhou, já presenciou muitos casos de violência simbólica que começava sempre por agressões verbais e terminavam com a física, e esta ficava com muito medo. A escola a qual está trabalhando, sendo a mesma em que se realizou a pesquisa de campo, ela afirma que já houve muitos casos de agressões e que hoje está menos, mas que ainda acontecem muitos casos. A professora conta que no ano passado houve um caso de um aluno que brigou com seu colega por questão de apelidos, e que no início do ano letivo, como forma de revidar aos insultos compareceu para assistir aula armado com um punhal, pois queria agredir o colega que lhe insultou.

A professora afirma ainda que o sistema é muito negligente, que agora estão tendo a questão da assistência da patrulha escolar, que segundo a professora "quando agente recebe a visita da patrulha, o aluno que tem uma segunda intenção, que não é boa, com a presença do policial, ele teme um pouquinho, e ele passa a ter mais respeito." Então podemos afirmar que diante da presença dos policiais os alunos se sentem mais temerosos, e os professores mais protegidos, como se estivessem educando um "bando de marginais", não era para ser o contrário, não era para os alunos se sentirem protegidos e não com medo do que esses policiais possam vir a fazer, se caso esses alunos fossem pegos fazendo algo de errado. Assim com a presença da patrulha, só se aumenta o índice de violência simbólica, pois esses alunos sofrem mais com as opressões que se formam em sua mente, não entendendo nada da situação, alguns alunos não se sentem seguros, com a visita da patrulha, mas sim com medo, o que não deveria acontecer, mas que os profissionais no caso o professor, não vê desta forma, acham que é normal, alguns alunos se sentirem intimidados com a presença da polícia.

Para que a escola possa erradicar ou minimizar do seu meio a violência simbólica, ou intervir nos casos de opressões que afligem a seus integrantes, faz-se necessário também um planejamento educacional com a participação de todos que fazem parte desse processo, professores com formação inicial e continuada, coordenadores pedagógicos habilitados e capacitados para realizar suas funções dentro da escola, projetos políticos pedagógicos construídos e desenvolvidos de acordo com o real e o ideal, de acordo com as necessidades da escola, e não alheio aos seus problemas, podendo assim alcançar as metas estabelecidas pelo o próprio sistema de ensino, uma vez que, esse sistema estabelece as normas, desenvolve os

projetos e programas que as escolas devem seguir, define os contéudos a serem estudados durante o ano letivo, entre outras metas, que na maioria dos casos não condiz com a realidade de algumas escolas, e para alcançar os objetivos propostos pelo Projeto Político Pedagógico o qual direciona quais os "caminhos" que as escolas devem percorrer, ou seja, o sistema "impõe" as metas, as regras, e a escola tem como finalidade "obedecer", mesmo que essas sejam seguidas de forma muito superficial.

E para que se transforme esse quadro, faz-se necessário, profissionais competentes e autônomos, que atuem de forma coletiva, não adianta somente um agente querer mudar a realidade da escola, todos têm papéis e funções a desempenhar dentro da escola para que possam oferecer aos educandos uma educação de qualidade e com segurança, livre de ações e condutas violentas.

Entretanto, não se deve culpar somente o sistema de ensino, como se tem observado em alguns setores, não querendo aqui defender os sistemas, conhecemos todas as deficiências que existem e que afetam a sociedade, principalmente os que não dispõem de recursos financeiros. Se para todos os problemas sociais que existem somente procurarmos culpados, findaremos por ser negligentes, e não encontraremos soluções concretas. Toda transformação dependerá de ações coletivas, portanto todos e quaisquer agentes sociais são responsáveis por mudanças no quadro social e educacional ao qual estão inseridos.

E a instituição escolar que é formada por sujeitos atuantes e interventores de modo direto desse processo de transformação e formação dos agentes sociais que participam passivamente desse processo, no caso os alunos, também deve fazer sua parte mediando em seu espaço uma educação que pretenda sempre proporcionar o melhor para os alunos e para todos os envolvidos.

A escola, nesse norte, precisa produzir e executar projetos que atendam as especificidades de entidades como a ONU (Organizações das Nações Unidas), como a Petrobrás, e os inúmeros programas e projetos criados e desenvolvidos no Brasil como a Abrapia (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência), a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Cultura e a Ciência), a exemplo de um dos primeiros Programas criado no Brasil " Educar para a Paz", que foi desenvolvido e implantado em uma escola da rede pública de ensino na cidade de São José do Rio Preto.

Conforme Melo (2010), esse programa é composto de estratégias psicopedagógicas e sócio educacionais que visam à intervenção e à prevenção da violência nas escolas, assim como em outros países dentre os quais: Espanha, Inglaterra, Finlândia, Portugal e outros. Todos, segundo posicionamento de Melo (2010), desenvolveram projetos que valorizam a

erradicação de atos agressivos em seus contextos escolares, com o intuito de combaterem a violência simbólica.

E no Brasil Fante *apud* Melo (2005; 2010) ressalta que existem programas e projetos educacionais, mas não são suficientes para atender aos inúmeros casos de agressões dentro das escolas, e nem priorizam a discussão de combate e prevenção do fenômeno. De modo que, se formos analisar os altos índices de casos de agressões de um modo geral, que se propagam em todos os setores e exclusivamente no contexto escolar, então se percebe que os métodos preventivos e de combate realmente são muito poucos, e em alguns casos ineficazes.

No Brasil como método de prevenir e enfrentar a violência e as drogas dentro das escolas tem também o programa PROERD (Programa Educacional de Resistência às Drogas e a Violência), um programa educativo cuja finalidade é promover a unificação social entre a escola, a família, a polícia e a comunidade, para de forma conjunta defrontar a problemática das drogas e da violência. O PROERD tem por base, o projeto D. A. R. E. (Drug Abuse Resistance Education) criado em 1983 nos Estados Unidos, sendo que atualmente o programa é desenvolvido em 58 países, e desde 2002 em todo o Brasil, tendo início no Rio de Janeiro no ano de 1997. No Estado da Paraíba o programa é desenvolvido pela Polícia Militar da Paraíba com o apoio da Instituição Escolar, sendo que contempla 50 municípios, atendendo mais de 1.378 escolas, tanto da rede privada, quanto da rede pública estadual e municipal, sendo que desde a sua fundação já formou um total de 74.877 crianças e adolescentes, sendo que esses tendo concluído o tempo exigido pelo programa, recebem um certificado de conclusão.

O início do Programa na escola é precedido por uma reunião com pais e educadores, no sentido de divulgar o programa e orientar o engajamento e a participação de todos no processo. Além da cartilha o aluno recebe no dia da formatura um Kit (Camiseta e boné com a logomarca do programa) e um certificado de conclusão do curso, quando presta o compromisso de resistir às drogas e à violência, diante da Polícia, da Escola e da Família. Diante dessas informações concluímos que esse ato por si só já se torna repressivo, sendo que se o aluno durante a duração do curso mostrar que cumpriu com as exigências do programa, então esse recebe certificado e um kit como uma forma de mostrar para a escola, a família e a sociedade que está livre de cometer atos agressivos ou das drogas. Será que o programa consegue intervir de maneira positiva na vida e no cotidiano dos alunos participantes?

Como forma de esclarecimento, não temos aqui a intenção de descredenciar ou invalidar a eficácia do programa, e nem de outros métodos, nem de constranger ou denegrir as

ações desses profissionais que atuam nesse programa, mas comentamos e expomos apenas os fatos e questionamentos para uma melhor reflexão do leitor acerca dos atos repressivos e agressivos que permeiam o ambiente escolar. Será que a presença da polícia inserida na escola, não só se torna necessária quando os atos de agressões ultrapassam os limites determinados pela equipe gestora, sendo que esses atos se transformem em crimes graves como o aluno portar armas dentro da escola, cometer algum homicídio, ferir fisicamente o colega, dentre outros desta mesma ordem, assim acreditamos que a presença da polícia ou do poder judiciário, se torna necessária nesses casos, como método de "resolução" dos casos graves.

A presença da polícia no setor educacional para ensinar aos alunos, como se prevenir ou resistir ao mundo das drogas e da violência, se torna contrastante sendo que a própria polícia na figura de alguns policiais em sua função profissional demonstra atos de violência, de repressão contra o cidadão que comete algum crime, ou não necessariamente, com uso da força impõe autoridade, com a sua vestimenta repleta de brasões e títulos expostos, quando sua patente é mais elevada do que a de um simples soldado. E como fica a mente desses alunos que na maioria dos casos tem consciência dos atos cometidos por alguns militares, a violência simbólica então se instaura em sua mente, devido às situações, se tornam seus próprios algozes, não tendo consciência que sofrem com essa violência, e é por isso que se torna legítima, quando ambos desconhecem que estão sendo vitimados.

As estratégias adotadas por esses profissionais militares segundo dados fornecidos pelo o site da polícia militar[16] disponível no link abaixo, para maiores informações, sobre o programa, são medidas preventivas, com o intuito de tornar os jovens e crianças que participam do programa pessoas mais fortes, podendo assim ter um pouco de autonomia para desenvolver a capacidade de resistência e proteção desses sujeitos frente às ameaças e perigos impostos ao longo da vida.

Estratégias essas que talvez contribuam para realmente resgatar ou quem sabe até libertar ou quem sabe até prevenir os jovens e crianças dos perigos e riscos advindos do meio social ao qual vivem, mas que também pode acontecer o contrário, ao invés do aluno se sentir seguro participando desse programa, se sente na verdade digamos assim meio que pressionado, por exemplo; o mesmo policial que quando está atuando em seu âmbito profissional, que agride fisicamente algum parente de alguns desses alunos ou não

[16] http://www.pm.pb.gov.br/pagina.php?conteudo=proerd

necessariamente, e faz uso da farda para impor aos cidadãos aos quais são vitimas desses profissionais. Então a partir desses fatos como esses alunos participantes desse programa se sentem realmente, se sentem seguros e protegidos com a presença do militar em seu ambiente escolar, ou se sentem oprimidos e pressionados, com a situação tornando-se assim vítimas da violência simbólica?

Esse programa o (PROERD) conforme dados obtidos, tem como objetivo ajudar as crianças e os jovens a reconhecer e resistir às pressões e influências para usarem drogas, como também estabelecer uma relação de confiança entre o policial e o cidadão, e ainda sensibilizar os pais e os educadores para a prevenção ao uso indevido de drogas e à prática da violência. Será que esses objetivos são realmente alcançados, ao longo de dez semanas, que é o tempo de duração do programa, uma vez que esse programa atende pais, educadores e alunos do 5° e do 7° ano, tanto da Rede de Ensino público como privado, são alunos que cursam o quinto ano com faixa etária entre 09 a 12 anos e do sétimo ano de 12 a 14 anos, só não entendemos o porquê que o programa não contempla todas as séries do ensino fundamental como do quinto ano ao nono, por exemplo, uma vez que a maioria dos alunos que cursam as séries iniciais são crianças e adolescentes que necessitam participar de projetos e programas voltados para o seu crescimento educacional, profissional e emocional.

E quanto à metodologia utilizada nesse programa são dinâmicas de grupo, dramatizações, jogos, músicas e estudos de casos, sendo que o policial militar, acompanhado do professor, aplica dez lições, durante todo o desenvolvimento e extensão do programa, sendo que algumas destas são: As drogas e os seus efeitos, resistência às pressões para usar drogas, uso do diálogo para manter relacionamentos saudáveis, dentre outras. Esse policial instrutor que ensina ou aplica as lições para os alunos, deve obedecer a alguns critérios exigidos pelo programa como; Ser voluntário, ter experiência em atividade educacional, ter facilidade de comunicação, ter criatividade, não ser fumante, não fazer uso abusivo de álcool.

Dessa forma, mediante o exposto constatamos que tanto, alguns professores, quanto a polícia militar presente em algumas escolas, desempenhando uma função que não é a sua, uma vez que, é função da escola educar os alunos, essa postura contribui para a propagação da violência simbólica. Não estamos afirmando que a polícia não desenvolve um trabalho concreto ou até mesmo eficaz para alguns casos, assim como outros órgãos que tem parcerias com a escola, que de alguma forma traz benefícios para alguns alunos, mas que também devido o uso da farda pode causar através de sua imagem um transtorno na mente de certos alunos que não veem o militar como um educador. Acreditamos que a violência simbólica por

intermédio dessas ações ou posturas, causam para alguns alunos, transtornos psicológicos e opressivos.

Segundo Melo

> O governador do Estado de Pernambuco por intermédio da Assembleia Legislativa decretou e sancionou as seguintes leis:
> Art. 1° As escolas públicas e privadas da educação básica do estado de Pernambuco deverão incluir em seu projeto pedagógico, medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate ao bullying escolar.
> Parágrafo único. A educação básica é composta pela Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.
> Art.2° Entende-se por bullying a prática de atos de violência física ou psicológica, de modo intencional e repetitivo, exercida por indivíduo ou grupos de indivíduos, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de constranger, intimidar, agredir, causar dor, angústia ou humilhação à vítima. (2010, p. 101)

Muitos são os pontos desfavoráveis, sendo maior em relação aos favoráveis, sabendo que em pouquíssimos casos as leis promulgadas com a finalidade de combater a violência nas escolas, são executadas de maneira correta, uma vez que, algumas instituições, a começar pela a escola, a qual foi realizada a pesquisa de campo, em que adota medidas digamos "opressivas" de forma inconsciente, como ser obrigatória a presença da força policial em seu meio, para resolver problemas que se torna função da escola junto com a família e o sistema de ensino no geral. Se alguns alunos demonstram atitudes "violentas", "comportamentos agressivos", diante desse contexto os atores profissionais devem ter a consciência de que vários podem ser os fatores e lacunas na formação humana desses alunos, o que realmente os motivam a cometer esta prática, fazer uma análise desde a sua estrutura familiar até a sua relação com os professores, diretores, coordenadores, dentre outros, da escola.

Com relação a fatores familiares, muitos podem ser os que interferem na aprendizagem do aluno, comprometendo o seu desempenho escolar e pessoal, desenvolvendo assim condutas agressivas, podemos citar alguns como; carência afetiva dos filhos, separações conjugais entre os pais, consumo de drogas, falta ou inversão dos valores éticos e morais, falta de apoio nos problemas escolares, o descaso com a educação, carências múltiplas, miséria, fome, desemprego, a falta de limites para com os filhos, dentre muitos outros.

Esses são alguns dos fatores que interferem na aprendizagem dos alunos no ambiente escolar, tendo que esta desenvolver várias funções como, de professor, de psicólogo, de pais, de conselheiro, para conseguir um pouco estabilizar a relação professor aluno em seu âmbito, que nos dias atuais, a exigência perante a escola é enorme e sufocante, os papéis que são de responsabilidade de alguns pais, quando esses são omissos, e os filhos não se desenvolvem de

maneira exemplar com relação aos exercícios escolares, não acompanham os demais alunos, ou quando são reprovados.

Desse modo, a culpa e a responsabilidade se tornam somente da escola, segundo posicionamentos de alguns desses pais, que reagem de forma agressiva contra o professor porque reprovou os seus filhos, nesse momento procuram a escola para tentar resolver o problema de qualquer forma, não sabendo esses que durante todo o ano tem reuniões escolares, tem encontros promovidos pela escola como forma de aproximar os pais da escola. Mas alguns pais não valorizam esses pontos, recorrendo no final do ano letivo a medidas agressivas contra os professores para a aprovação dos seus filhos. Dessa forma, não estamos querendo dizer que o setor educacional não tem suas falhas, temos consciência das deficiências, mas estamos mostrando os dois lados da moeda, assim como no decorrer de todo esse estudo descrevemos as insuficiências e falhas que são de competência do setor educacional.

Portanto, refletir e fazer uma autocrítica acerca do trabalho desenvolvido pelos educadores de um modo geral, se torna algo necessário. Será que de alguma forma mesmo que indiretamente ou diretamente, não contribuímos para a manifestação da violência simbólica em nosso contexto escolar?

Diante do exposto, observamos que a violência simbólica tem mais coisas em comum com o termo *bullying* do que mesmo diferenças. Para Aranha (2006, p.252) "A violência simbólica é exercida pelo poder de imposição das ideias transmitidas por meio da comunicação cultural, da doutrinação política e religiosa, das práticas esportivas da educação escolar", portanto, um tipo de violência que leva as pessoas a pensar e agir por atos de imposição sem que as mesmas percebam que estão sendo vítimas desse fenômeno, fazendo com que os indivíduos mantenham os mesmos comportamentos sociais.

Na escola em que efetivamos a pesquisa de campo desse trabalho, os alunos e professores que participaram das entrevistas falaram que sofriam com a violência simbólica, sendo que os alunos em maior proporção, e os programas que a escola desenvolvia eram como os já citados na introdução desse trabalho como o Se Liga, o de leitura, saúde na escola, debates e palestras como estratégias de combate a violência simbólica.

Portanto, percebemos que as ações para a interdição e combate a violência na escola, ainda são pouquíssimas, necessita de mais ações pedagógicas, de medidas de prevenção, de conscientização, diagnose e um Projeto Político Pedagógico elaborado com o objetivo de incluir e abordar essa problemática. Com a inserção efetiva dessas medidas acreditamos que é

um bom começo, para que se tenha uma escola e uma educação livres de condutas e ações violentas.

Conforme Silva

> As escolas mais sensíveis e atentas às mudanças globais de nosso tempo já estão procurando iniciar processos de inovação e de reforma que poderão dar conta dos novos desafios. É necessário modificar não somente a organização escolar, os conteúdos programáticos, os métodos de ensino e estudo, mas, sobretudo a mentalidade da educação formal. (2010, p.63)

Algumas escolas, em pequena escala, estão prontas para inovar e transformar seus métodos diante do cenário de violência simbólica encontrados em seus contextos, acreditam que se mudarem seus métodos de ensino, inserindo em seu PPP estratégias e conteúdos que tenham sintonia com as ações educativas, extinguindo do seu meio condutas violentas, os alunos terão um ensino voltado para a formação permanente, que não vise apenas o ingresso desses no mercado de trabalho, mas que priorizem e preparem os alunos para se defrontar com as realidades do meio social.

Desse modo, o contexto escolar precisa de reformas, de mudanças em todo o seu processo educacional para intervir nas manifestações de violência. A instituição educacional deve planejar estratégias e até adequar ao seu espaço sugestões, medidas e métodos adotados por outras escolas que tiveram sucesso no combate as agressões. As escolas não devem esperar umas pelas outras para programarem estratégias de prevenção e interdição da violência simbólica. E os envolvidos no processo — professores, funcionários, alunos e pais — têm por obrigação manter atenção permanente.

Contudo, a escola em termos gerais, juntamente com os seus agentes sociais — os profissionais de educação — devem levar em consideração alguns valores e bens preciosos que se tornam necessários aos seres humanos para o convívio em sociedade, tais como: solidariedade, respeito às diferenças, tolerância, amizade, censo de justiça, dignidade, honestidade, cooperação e amor ao próximo.

Nessa mesma perspectiva de combate e prevenção a violência nas escolas a autora Costa (2011) em seu trabalho monográfico, sendo esta moradora e pesquisadora no município de São José dos pinhais no Estado do Paraná, comenta que, alguns programas e ações no enfrentamento da violência com o apoio de entidades governamentais, têm dado apoio aos jovens, sendo que esses são inseridos nesses programas com o objetivo de atuar em prol de sua comunidade. Podemos citar alguns desses programas[17] que estão disponíveis no link

[17] http://www.nupe.ufpr.br/costa.pdf

abaixo, para maiores informações, conforme o leitor assim opte. Faremos um breve destaque sobre alguns desses Programas como; "O PROGRAMA ATITUDE que se baseia em eixos como o fortalecimento das famílias, combate ao uso de drogas, combate evasão escolar, criação de oportunidades de esporte, cultura e lazer, cursos profissionalizantes e a criação de redes de proteção para crianças e adolescentes"; assim como o programa REDE PROTETIVA, que tem a finalidade de reunir vários representantes como a segurança pública, a áreas de educação, saúde, assistência social e a comunidade, considerando que ações repressivas são insuficientes para combater a violência, sendo que esse atua de acordo com ações, fatos e necessidades junto à comunidade. E por último temos o Programa PRONASCI – PROGRAMA NACIONAL DE SEGURANÇA PÚBLICA COM CIDADANIA sendo que esse visa o enfrentamento à criminalidade no país, por meios de ações sociais de políticas públicas de segurança, a qualificação e valorização dos profissionais de segurança pública, para que esses não cometam atos opressivos contra os jovens, de forma que só tendem a aumentar a violência, como também prioriza e previne as causas que levam a violência, dentre outros meios e estratégias.

Contudo, mediante esses dados, sabemos que o índice de violência propagado dentro da escola, mesmo com o apoio de programas como os descritos acima, muitos são os problemas enfrentados no contexto escolar, uma vez que, todos os envolvidos ou se não a maioria, nesse contexto, não pode desconsiderar que a escola também colabora para que esse fenômeno ocorra entre seus muros, tornando-se vulneráveis a cometer ou praticar atos de violência simbólica, sendo que a partir desta e com a sua manifestação de forma despercebida, pode transformar-se ou resultar na violência física. Com isso, se faz necessário a discussão e amplitude de programas de enfrentamento da violência nas escolas, por parte dos educadores, assim como em outros contextos sociais, para que sua implantação e efetivação, seja garantida nos campos educacionais, trazendo resultados positivos, na redução dos indicadores de atos agressivos. Assim como também a participação da família, o investimento na formação de professores, políticas públicas, traçar novas estratégias de ensino, são alguns métodos que podem funcionar de forma positiva na construção de um novo cenário educacional.

Como método de combater a violência contra os jovens a prefeitura da cidade de São Paulo em parceria com o governo federal lançará o programa[18] "JUVENTUDE VIVA"

18 http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/participacao_parceria/coordenadorias/juventude/index.php?p=143448

disponível no link abaixo, com a finalidade de diminuir o alto índice de violência, uma vez que, esse programa foi lançado de forma pioneira no Estado de Alagoas, juntamente com diversos ministérios reúnem forças e ações traçam metas para reduzir a vulnerabilidade dos jovens de serem vítimas de violências tanto simbólica como física, com o apoio de equipamentos, serviços públicos, inclusão social, dentre outros.

O encontro promovido pela Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania que reuniu cerca de 200 pessoas as quais participaram e contribuíram com diversas sugestões em vários temas como saúde, atividades culturais, ações de combate às drogas dentre outras. Pois o evento ou o encontro como queiram, foi transmitido ao vivo pela internet no último dia (13/03), e pode ser acompanhado pelo público através das redes sociais que assim queira participar com suas contribuições, como também podem enviar suas sugestões, reclamações, e críticas participando ativamente dos debates, em tempo real, tratando de vários temas.

Contudo, devido à violência estar muita elevada em diversos setores sociais, e exclusivamente no meio educacional, acreditamos que o apoio e desenvolvimento de programas e projetos que envolvam toda a sociedade, sem distinção de classe, raça ou credo, sejam uma das saídas ou possibilidades, para de certa forma combater os atos violentos que têm feito muitas vítimas nos últimos anos, são inúmeros e assustadores os casos de violência praticados todos os dias em todos os lugares, contra jovens, contra negros, contra homossexuais, contra profissionais da educação, contra alunos, contra ciclistas, e assim por diante, com isso, se torna revoltante e opressivo para quem sofre ou perde algum parente para a violência, e na maioria dos casos por motivos alheios ou fúteis, e com a constante propagação da violência as pessoas se sentem hostilizados, inseguros, tornando-se pessoas incrédulas, não acreditam que ações públicas ou programas possam ajudar ou erradicar a violência do meio social.

Será que a começar em investir em uma educação mais humanizada, com equipes engajadas, unidas, comprometidas em combater a violência a princípio a violência simbólica do meio educacional, pois esta tem feito muitas vítimas de forma silenciosa, opressiva e que hoje pode estar representada ou resultada na forma das violências multifacetadas, as quais somos conhecedores mundialmente. Todos os profissionais devem ser conscientes dos atos aos quais praticam dentro da escola, uma vez que, esses podem se tornar algo opressor para os vitimados no caso o aluno, mas isso não quer dizer que o professor não sofra atos agressivos e opressivos, todos estão expostos e vulneráveis a cometer e a sofrer atos simbólicos, esses se tornando, quando não identificados ao longo do tempo como uma violência, se torna um problema maior e sem muitas opções de resolução. E o educador como sendo mais experiente

do que o aluno deve se conscientizar que a violência simbólica ganha força na maioria dos casos, de forma inicial no contexto escolar, sendo esta reproduzida em outros setores, se assim não for enfrentada, com ações sócio-educativas concretas, métodos e recursos didáticos priorizando sempre a aprendizagem do aluno.

Segundo costa (2011, p.55) "Necessário se faz também a conscientização dos educadores para essa nova cultura. Pensar em ensinar a cidadania é, antes de tudo, ser exemplo de cidadão. Que exemplo de cidadão estamos sendo para os nossos alunos?" Tanto os educadores quanto outros membros que atuam no campo educacional, assim como outros profissionais de outras áreas, também devem contribuir na formação de cidadãos, na formação humana desses cidadãos, no caso os educadores precisam se conscientizarem e conscientizar seus alunos a seguir e reproduzir uma cultura de paz através de ações que realmente surta efeito de imediato, pois só com palestras, conteúdos específicos sobre o tema, são algumas das medidas que algumas instituições adotam como forma de prevenir e enfrentar os atos agressivos e opressivos em seu meio, uma vez que, essas medidas em relação aos inúmeros casos que tem ocorrido nas escolas, não contemplam o problema de forma eficaz, necessitando de ações mais amplas e concretas.

Desse modo Heidrich comenta que

> Manter um clima favorável à Educação apesar do entorno violento é uma ação de longo prazo. Cabe à equipe gestora reconhecer a existência da violência e buscar a melhor maneira de combatê-la. Uma direção que compartilha decisões, uma coordenação pedagógica atuante na formação dos professores e uma orientação educacional que atua para resolver os problemas de alunos, familiares e professores são o primeiro passo para fechar as portas da escola para a violência, mas deixá-las sempre abertas para a aprendizagem e para a paz. (2009, p.24)

O autor em seu pensamento defende que para se manter um clima de paz dentro e fora da escola, e combater os atos violentos, necessita de ações e medidas que funcionam à longo prazo, por parte de todos os envolvidos nesse processo educativo tanto diretamente ou indiretamente, ou seja, tanto os educadores em sua generalidade como a participação da família, como também compartilhar dos problemas comunitários, podem ser alguns dos métodos que contribuam no enfrentamento dos atos de intimidações. Assim como a equipe gestora na posição e função que cada membro ocupa nesse espaço, não se deve omitir ou negar que entre seus muros existam atos repressivos ou de violência física, como forma de querer "cobrir o sol com a peneira", ou por acreditar que conseguem resolver os problemas sem a participação social ou sem o apoio de outros órgãos.

Desse modo, somos conhecedores dos inúmeros programas, projetos, campanhas, como alguns dos citados ao longo desse capítulo, são ações de iniciativas ao combate ou prevenção da violência nas escolas, como também em outros setores sociais, desenvolvidos tanto por órgãos públicos quanto privados. Essas ações, no entanto, são muito poucas em relação ao elevado e preocupante índice de violência ocorrido principalmente no contexto escolar, sendo que esse necessita de medidas educativas urgentes em proporções mais elevadas e eficazes quanto as que já estão em uso, e que possuam eficácia no enfrentamento dos atos violentos, uma vez que, a escola tem se tornado um espaço de conflitos, como se foi comentado em várias partes desse trabalho.

Procurar prevenir essa prática, não por meio de cadeados, grades, portões fechados, câmeras, professores amedrontados e intimidados pela violência, não é dessa forma que a escola previne esses atos em seu contexto, pelo contrário só tende a aumentar o nível dos atos violentos. Mas sim com equipes unidas e determinadas, cujo foco seja a aprendizagem do aluno, adotando estratégias que despertem o interesse e a atenção do aluno para as atividades escolares e extra-escolares. Como também o apoio de órgãos parceiros e organizações não governamentais que possam subsidiar programas de incentivo à cultura, aos esportes, ao lazer, na formação continuada, para que os professores aprendam estratégias para lidar com a violência em seu meio, e com isso a escola seja transformada em um espaço de valorização dos saberes.

Essas são algumas ações que todos os presentes no processo educativo precisam desenvolver em meio o espaço escolar, para tornar a realidade educacional e social livre de violência simbólica, e outros tipos de violência. Para que isso se torne real, devemos lutar por políticas públicas e privadas que disponibilizem verbas e recursos generosos que possam fazer a diferença na formação intelectual, técnica, psicológica e pessoal, tanto dos professores quanto dos alunos, reformas políticas, para com isso se obter a segurança, a responsabilidade, o compromisso de educar as crianças e adolescentes, para que esses sejam respeitados e futuramente gozar de uma vida plena.

Portanto, mesmo com o apoio de projetos, programas, leis, dentre outros métodos devemos ter consciência de que muito ainda precisa ser feito, a começar pela instituição escolar, pois partindo do pressuposto de que é na escola que acontece os atos agressivos e opressivos em maior proporção, sendo que esses não considerados por alguns educadores e gestores como uma violência simbólica, pois não agride fisicamente, e se os alunos reclamam que sofrem com os atos agressivos em forma de apelidos, xingamentos, intimidações, e esses não são resolvidos pelos gestores enquanto o problema ainda está se iniciando, desse modo se

contribui de forma inconsciente para a propagação da violência simbólica, esta podendo vir a se transformar em agressões físicas com consequências mais graves, pois só assim quando o problema se torna público, no caso quando o aluno de tanto sofrer com os atos de opressões resolve revidar, de forma violenta, como os casos citados ao longo dos capítulos desse trabalho, com consequências graves e seqüelas que perduram por toda a vida. Então diante desse cenário encontrado em algumas escolas, devemos trabalhar com métodos, estratégias, projetos, programas, dentre outros, que realmente consiga combater ou prevenir de forma concreta os atos agressivos, no contexto escolar, pois com equipes e gestão com objetivos de erradicar de seus muros a violência, todos trabalhando com união e em concordância nas decisões, com compromisso, atitudes e posturas que beneficiem a todos, em busca de uma educação mais livre e humana, para as gerações futuras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as incursões da pesquisa, nesse trabalho monográfico, podemos concluir que a violência simbólica está presente em todos os setores da sociedade e, por conseguinte, no contexto escolar, que é o mote desse trabalho, ocorre com certa intensidade dada a pouca eficácia do acompanhamento pedagógico para com a diversidade e um fluxo de educandos heterogêneo e dependente das dinâmicas midiáticas e de contextos comunitários — nos diferentes níveis sociais — em que a força de educação familiar é mais fragilizada.

Os objetivos desse trabalho foram analisar, caracterizar, conhecer e levantar os motivos pelos quais os alunos envidam condutas violentas. Para alcançar tais respostas foram empreendidas incursões de observação em escolas públicas municipais de Cajazeiras e elaborados formulários de entrevistas com questões pertinentes ao assunto desenvolvido durante a realização da pesquisa de campo; bem como o estudo bibliográfico de obras que tratam do tema para formar um embasamento teórico e delimitar o conceito da problemática. Por conseguinte, a partir dos objetivos e dos autores estudados, bem como da pesquisa, dentre outros pontos, que esse trabalho desenvolveu, permitindo assim obter os resultados propostos.

A violência simbólica, segundo Bourdieu (1998), é uma forma de imposição, de coação, de legitimação do poder da classe dominante sobre a classe dominada, e a própria escola é quem legitima a reprodução da violência simbólica, conforme as desigualdades sociais, já que os bem favorecidos financeiramente são privilegiados com uma educação de qualidade, em escolas consideradas de alto nível, dispondo de tempo para estudar e ingressar na faculdade e se formar futuramente, enquanto aqueles que são de classe menos favorecida, não dispõem de condições financeiras para estudar em escolas de qualidade, tendo que interromper os estudos, na maioria dos casos, para se dedicar somente ao trabalho, não possuindo condições financeiras para subsidiar sua educação.

Desse modo, Bourdieu (1998, p.11) comenta que "os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra", pois depende de cada classe para a disseminação do poder simbólico, quanto mais aquisição de poder simbólico mais rico, dominando assim as relações de força, o mais forte vence o mais fraco. No contexto escolar acontece dessa forma: são privilegiados somente os que possuem condições, que têm acúmulos de bens, dispondo de poder para financiar os estudos. E assim os conflitos simbólicos se tornam cotidianos entre as classes.

Bourdieu (1998) lembra que, embora a instituição reproduza em seu contexto a violência simbólica, separando as classes, dominados e dominantes, a escola deve ser igual para todos, garantindo os mesmos direitos sem distinção de classes; direito a uma educação de qualidade independente de sua classe. E a própria escola se torna violenta quando se submete, e é negligente com certas ações propagadas e executadas em seu meio.

Em virtude dos fatos, das observações que obtivemos no contexto escolar pesquisado, por meio de aprofundamento teórico, estudos de observação e em entrevistas, constatamos que alguns profissionais do processo educativo não estão preparados para lidar com a violência simbólica, por inúmeros fatores: falta de políticas públicas locais específicas, de estratégias metodológicos e recursos materiais, de métodos de ensino que priorizem a aprendizagem do aluno para além da sala de aula, etc. Devido a esses fatores, e também por fatores externos — seja de ordem econômica, social, educacional, ou religiosa —, que interferem na realidade escolar, há uma propagação da violência simbólica na escola.

Tivemos a preocupação de investigar esse fenômeno e, a partir do material obtido, concluímos que a violência simbólica nas escolas públicas de Cajazeiras PB é uma problemática que necessita de mais pesquisas, de estudos e observações, uma vez que esse tema tornou-se um pouco mais conhecido, devido alguns trabalhos e estudos que conceituam e explicam essa prática que, para muitos envolvidos no processo educativo, é um tema novo. Pois não conhecem seu significado e muito menos tal significado é mote de conhecimento dentre os que estão sendo vitimados. Como a produção desse trabalho foi de certa forma uma inquietação nossa, em entender porque alguns alunos agridem e oprimem outros alunos, então detectamos a partir da investigação aqui delineada que os motivos estão sedimentados em outras agressões físicas e simbólicas que os opressores — antes de oprimirem no âmbito escolar — recebem, por sua vez, em outras instâncias de suas convivências sociais.

O intuito também era obter resultados concretos por meio da questão de pesquisa, a qual se indagou; em que medida a violência simbólica sofrida por alunos dos anos iniciais são enfrentadas pedagogicamente na escola pública? De acordo com os resultados obtidos, a violência simbólica se manifesta por meio de opressões, coações, manipulação psicológica e que alguns envolvidos no processo educativo não têm a percepção e nem conhecem o conceito da problemática. E, assim, nesse contexto diversificado, muitos se tornam vítimas e nem se reconhecem como tal, tornando a violência simbólica ainda mais ardil e perversa.

Percebemos que alguns docentes e gestores confundem a violência simbólica com o *bullying,* porque esse último, também é uma violência, tornou-se público pelos meios midiáticos por causa dos diversos atos violentos acontecidos principalmente nos Estados

Unidos. E quanto à violência simbólica poucos conhecem o termo e o seu significado, não conseguem identificar imediatamente como quando o aluno sofre violência física ou causa danos ao patrimônio escolar, pois esta se reconhece a medida em que, se investiga sobre a temática. Assim, se os educadores não obtiverem conhecimento sobre essa prática não terão condições de intervir nos casos de violência simbólica praticados no seu contexto de seus trabalhos e de suas constituições enquanto sujeitos que educam.

Dessa forma, depreendemos que ainda não existem medidas eficazes que ponham um fim a violência simbólica na escola. Existem apenas métodos e estratégias interventivos os docentes introduzem pedagogicamente por meio dos conteúdos mediados cotidianamente, por meio de palestras que aborda a temática, com o apoio da patrulha escolar, e assim por diante. Mas só isso não resolverá o problema, pois necessita de medidas que realmente causem algum impacto na escola, medidas sócio-educativas concretas, apoio com relação à estrutura familiar, parceria entre pais e a escola, dentre outras, podem ser algumas das inúmeras estratégias que os docentes em parceria com outras entidades locais que se poderá, com maiores possibilidades de sucesso, intensificar a superação desta dinâmica perversa de que está na base do processo educacional de formação humana.

Percebemos que até então algumas escolas não estão preparadas para trabalhar em seu contexto a violência simbólica, se torna um desafio para os atores profissionais da educação, inserir a problemática nos programas e currículos desenvolvidos no contexto escolar de forma concreta, sendo esse um desafio pedagógico obrigatório aos educadores e gestores, para que esses conheçam e entendam o conceito e o significado do termo violência simbólica, e saberem identificar quando os alunos forem vítimas dessa prática.

Para tanto, se exige todo um processo de busca e estudos para conhecer os motivos pelos quais a violência simbólica existe e que hoje se tem mais um pouco de conhecimento devido os jornais, a TV, as redes sociais, que discutem sobre a temática em estudo, alertando tanto os pais, gestores, professores e até os próprios alunos acerca da proporção, das consequências e traumas que essa prática de opressão faz com os que sofrem ou são vitimados, perdendo a sua liberdade, excluindo-se dos demais alunos, principalmente dos que lhes oprimem.

Contudo, também observamos que muito se tem feito e contribuído para a formação dos agentes sociais, embora muito mais precise ser feito para transformar o quadro educacional, conscientizando todos os envolvidos dos inúmeros casos de violência simbólica que ocorre em proporções maiores ano após ano, dentre outros tipos de violências as quais podemos denominar como: a virtual, a institucional, a física, a urbana, a sexual, etc.

Atualmente a violência simbólica, que não é praticada somente nas escolas, mas também noutros setores sociais, desde que existam relações interpessoais, está sendo mais debatida e proporcionando discussões por causa da difusão promovida pelas redes midiáticas e sociais. Podendo se considerar um grande avanço, pois uma parte da população, mesmo que seja em pouca quantidade, conhece o que essa prática de opressão causa naqueles que a sofrem. Desde sempre existiu essa espécie de agressão, contudo, apenas veio á tona após alguns casos de violência terem se tornado público. Algumas escolas escondiam ou omitiam o problema para que a instituição não fosse denominada ou caracterizada como violenta, porque os pais não matriculariam seus filhos numa escola assim denominada; ou então os educadores não tinham o conhecimento que se tem hoje, e mesmo tendo ainda não é suficiente para intervir nos casos dentro da instituição.

Necessitamos de mais atenção, existem muitos gestores e educadores que deveriam conhecer as consequências e os traumas que essa problemática provoca, uma vez que alguns casos são irreversíveis, sendo que o aluno para conseguir libertar-se do trauma precisa da ajuda de psicólogos e psiquiatras, tentando assim ser uma pessoa livre das ações opressivas advindas do ambiente escolar. E, até tornarem-se livres desses arquétipos de violação, oprimem e proliferam a violência simbólica — como sujeitos ativos da prática de opressão — em suas relações afetivas, profissionais, comunitárias e para consigo mesmos: em seus movimentos intrapessoais de constituição enquanto sujeitos.

Com o desenvolvimento desse trabalho, acreditamos ter atendido aos propósitos da investigação, identificando e conhecendo que o contexto escolar é um espaço eivado pela dinâmica de configuração da violência simbólica. Isso identificado através da pesquisa de campo, de estudo teórico, de casos contados por professores que lecionam nas escolas em que se procedeu a pesquisa de campo desse trabalho; que, por sua vez, confidenciaram — tais professores — alguns casos de violência simbólica registrados ao longo da discussão desta produção.

Portanto, percebemos que muito ainda precisa ser feito, principalmente em nível de pesquisas e estudos acerca desta problemática, que não apenas essa, mas que muitas ainda possam vir com o intuito de ajudar as escolas a se libertar das práticas de violência simbólica; que contribuam para informar e dar apoio pedagógico aos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, transformando o ambiente escolar num espaço livre de violências; que conscientize os educadores de um modo geral a educar os alunos sempre priorizando sua realidade, suas experiências, não apenas ensinando os conteúdos de forma imposta, mas sim de forma mediadora, dando espaço para que o aluno pergunte, dê sugestões, seja agente

crítico para se tornar consciente em suas participações nos rumos de desenvolvimento tanto de suas próprias formações humanas, quanto nos processos de organização e melhoria das relações de ordenamento de seus espaços de vivências.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam et al. **Violência nas escolas:** versão resumida. Brasília: UNESCO, REDE PITÁGORAS, 2003.

ANDRÉ, Marli E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação.** 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

AQUINO, Júlio Groppa. **A violência escolar e a crise da autoridade docente**. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 47, dezembro/ 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção:** crítica social do julgamento. Tradução Daniela Kern; Guilherme F. Teixeira. São Paulo: Edusp, Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. 2. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção, Sérgio Miceli et all. Editora Perspectiva S.A. 5ª ed. 2003.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Trad. Reynaldo Bairão. 3. Ed. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1992.

DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine (Org.). **Violência nas escolas e políticas públicas.** Tradução Patrícia Zimbes. Brasília: Unesco, 2002.

CARNEIRO, Adeneele Garcia. Crimes virtuais: elementos para uma reflexão sobre o problema na tipificação. In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XV, n. 99, abr 2012. Disponível em:<http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=11529>. Acessado no dia 28/10/1. Brasília: UNESCO, 2002.

COSTA, Regina Helen. **Violência escolar:** políticas públicas e programas no município de são josé dos pinhais. Curitiba, 2011. Disponível em: http://www.nupe.ufpr.br/costa.pdf

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FONTANA, David. **Psicologia para professores**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

INSTITUTO, Airton Senna. Conceito do termo programa Se Liga. Disponível em: senna.globo.com/institutoayrtonsenna/programas/programa. Acessado no dia 16/10/12

L'APICCIRELLA, Nadime. **O papel da educação na legitimação da violência simbólica.** Revista Eletrônica de Ciências, n. 20, julho de 2003. Disponível em: http://www.cdcc.sc.usp.br/ciencia/artigos/art_20/violenciasimbolo.html. Acessado em 19 de outubro de 2012.

MELO, Josevaldo Araújo de. **Bullying na escola:** como identificá-lo, como preveni-lo, como combatê-lo. Recife: EDUPE, 2010.

MENGA, Lüdke; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org[a]) et all. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 7. ed. Rio de Janeiro: Petrópolis, Ed. Vozes, 1997.

MESQUITA, Cláudia Maria Souza. **Violência escolar:** um estudo em representações sociais de estudantes do ensino fundamental. IX Congresso Nacional de Educação. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, PUCPR, 2009.

NOGUEIRA, Cláudio Marques M; NOGUEIRA, Maria Alice. **A sociologia da educação de Pierre Bourdieu:** limites e contribuições. Educação & Sociedade, ano XXIII, nº 78, Abril/2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302002000200003&script=sci_arttext

NORMA ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas. **Informação e documentação — Trabalhos acadêmicos** — Apresentação. Número de referência, ABNT NBR 14724, 2011, 11p.

PEREIRA, Gilson R. de M; CATANI, Denice B; CATANI, Afrânio M. **As apropriações da obra de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro**. Revista Brasileira de \Educação, Setembro 2000. Disponível em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde17/rbde17_07_afranio_-_denice_e_gilson.

Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD) disponível em: http://www.pm.pb.gov.br/pm_sites/pagina4439-22-46.htm. Acessado no dia 24/10/12

HEIDRICH, Gustavo. Aqui, a violência não entra: comunidade, equipe unida e aprendizagem. Com esses ingredientes, três escolas construíram uma barreira contra a violência sem precisar de grades, cadeados e câmeras. Publicado em NOVA ESCOLA GESTÃO ESCOLAR, Edição 001, ABRIL 2009. Disponível em: http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/diretor/aqui-violencia-nao-entra-448716.shtml

RODRIGUES, Aroldo; ASSMAR , Eveline Maria Leal; JABLONSKI, Bernardo. **Psicologia social**. Rio de Janeiro: Petrópolis, Vozes, 2002.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia.** 40. Ed. São Paulo: Campinas, Autores Associados, 2008.

SILVA, Ana Beatriz B. **Bullying:** mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, Joyce Mary A. de Paula; SALLES, Leila Maria F. (Orgs.). **Jovens, violência e escola:** um desafio contemporâneo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

SILVA, José Otacílio da Silva. **As contribuições de Pierre Bourdieu para a análise do discurso político**. Anais do VII Congresso Internacional da Abralin. Curitiba 2011. Disponível em: www.abralin.org/abralin11_cdrom/artigos/Jose_Otacilio_da Silva. data17/10/12

SOUZA, Liliane Pereira de; QUEIRÓS Edinelson Vilalba. **Violência escolar:** um desafio aos professores e gestores. Revista Fórum Identidades. Itabaiana: Gepiadde, Ano 6, Volume 12 | jul-dez de 2012. Disponível em: http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_12/FORUM_V12_04.pdf

SZIMANSKI, Heloísa (Org.). **A entrevista na pesquisa em educação:** a prática reflexiva. Brasília: Plano editora, 2002.

VEREDA, Rita de Cássia. **Apelido pejorativo na escola:** um estudo com adolescentes paulistanos. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. (PUC-SP). São Paulo, 2007.

APÊNDICES

Universidade Federal
de Campina Grande

CFP

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CAMPUS CAJAZEIRAS

ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIAS E PRÁTICAS EDUCATIVAS

ORIENTADOR: WIAMA DE JESUS FREITAS LOPES

ORIENTANDA: MARIA EDNILSA DA S. SEIXAS VIEIRA

APÊNDICE A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezadas Mães, Prezados Pais;

Estou realizando a pesquisa de campo do projeto monográfico intitulado "Violência Simbólica no Contexto Educacional da Escola Pública: Conceitos e Caracterizações" na Cidade de Cajazeiras/PB. O objetivo da escolha desta temática é conceituar e caracterizar a Violência Simbólica nas relações interpessoais dentro do ambiente escolar. Deste modo, solicito a sua colaboração na pesquisa concedendo-me a permissão de poder entrevistar vossos filhos ou filhas na pesquisa acima mencionada com a autorização de gravar e utilizar trechos de suas falas relativas às respostas às questões do formulário de entrevistas em anexo.

Esta pesquisa não lhe trará custos ou riscos e todas as informações serão mantidas no mais absoluto sigilo, quanto ao anonimato e confidencialidade de seus participantes/respondentes. Outrossim, informo que antes de finalizada a entrevista você pode se retirar da pesquisa a qualquer momento que desejar. Assim como, o entrevistado, escolherá um pseudônimo para ser resguardado em suas informações prestadas/vinculadas no texto da monografia.

Concomitantemente, informo que uma vez prestada a colaboração na participação a esta entrevista, suas considerações serão tratadas de modo autêntico em relação a seus esclarecimentos na produção da monografia acima mencionada.

Desde já conto com a sua colaboração e agradeço a sua atenção e disponibilidade.

Cajazeiras-PB, _____ de _____ de 2011.

Assinatura do pesquisador:_____

Nome: _____ fone: (83) _____

E-mail: _____



Universidade Federal
de Campina Grande



CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CAMPUS CAJAZEIRAS

ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIAS E PRÁTICAS EDUCATIVAS

ORIENTADOR: WIAMA DE JESUS FREITAS LOPES

ORIENTANDA: MARIA EDNILSA DA S. SEIXAS VIEIRA

APÊNDICE B

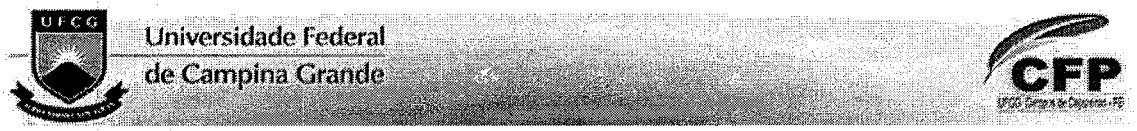
Termo de Autorização:

Eu, _____ aceito participar da pesquisa intitulada "Violência Simbólica no Contexto Educacional da Escola Pública: Conceitos e Caracterizações" na Cidade de Cajazeiras – PB, no curso de Especialização em Teorias e Práticas Educativas da UFCG, respondendo a entrevista do Projeto de Pesquisa Monográfico.

Cajazeiras, ____/____/____

Assinatura do pesquisador _____

Assinatura do participante: _____



CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CAMPUS CAJAZEIRAS

ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIAS E PRÁTICAS EDUCATIVAS

ORIENTADOR: WIAMA DE JESUS FREITAS LOPES

ORIENTANDA: MARIA EDNILSA DA S. SEIXAS VIEIRA

APÊNDICE C

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezados Professores e Professoras;

Estou realizando a pesquisa de campo do projeto monográfico intitulado "Violência Simbólica no Contexto Educacional da Escola Pública: Conceitos e Caracterizações" na Cidade de Cajazeiras/PB. O objetivo da escolha desta temática é conceituar e caracterizar a Violência Simbólica nas relações interpessoais dentro do ambiente escolar. Deste modo, solicito a sua colaboração na pesquisa concedendo-me a permissão de poder entrevistá-lo na pesquisa acima mencionada com a autorização de gravar e utilizar trechos de suas falas relativas às respostas às questões do formulário de entrevistas em anexo.

Esta pesquisa não lhe trará custos ou riscos e todas as informações serão mantidas no mais absoluto sigilo, quanto ao anonimato e confidencialidade de seus participantes/respondentes. Outrossim, informo que antes de finalizada a entrevista você pode se retirar da pesquisa a qualquer momento que desejar. Assim como, o entrevistado, escolherá um pseudônimo para ser resguardado em suas informações prestadas/vinculadas no texto da monografia.

Concomitantemente, informo que uma vez prestada à colaboração na participação a esta entrevista, suas considerações serão tratadas de modo autêntico em relação a seus esclarecimentos na produção da monografia acima mencionada.

Desde já conto com a sua colaboração e agradeço a sua atenção e disponibilidade.

Cajazeiras/PB, _____ de _____ de 2011.

Assinatura do pesquisador:_____

Nome: _____ fone: (83) _____

E-mail: _____

APÊNDICE D

Categorias temáticas levantadas pela pesquisa de campo

Categorias Temáticas	Sujeitos da Pesquisa
Aparato policial na Unidade Escolar.	Prof. Carlos/ Prof. Roberta/ Prof. Marta/Prof. Carla/ Al. José/ Al. Jonas
Apelidos Pejorativos.	Prof. Carlos/ Prof. Ana/ Prof. Carla/ Prof. Roberta/ Prof. Marta/ Al. Jonas/ Al. Ricardo/ Paula/ Al. Roberto
Agressão física e verbal.	Prof. Carlos/ Prof. Ana/ Prof. Carla/ Prof. Marta/ Prof. Roberta/ Al. Walter/ Al. Jonas/ Al. Ricardo/ Al. José/ Al. Laura/ Al. Eliane/ Al. Paula/ Al. Noemia/ Al. Roberto
Relação professor-aluno.	Prof. Carlos/ Prof. Ana/ Prof. Roberta/ Prof. Marta/ Prof. Carla/ Al. Walter/ Al. Ricardo/ Al. José/ Al. Laura/ Al. Eliane/ Al. Noemia/ Al. Paula/ Al. Roberto/ Al. Jonas/ Al. João
Ausência da família no processo educativo.	Prof. Carlos/ Prof. Marta/ Prof. Roberta/Al. José/ Al. Noemia
Ação-reflexão-ação.	Prof. Carlos/ Prof. Roberta/ Prof. Carla
O descaso advindo do sistema de ensino.	Carlos/Ana/Carla/Roberta
Trabalhar os valores éticos, morais e religiosos.	Prof. Carlos/ Prof. Carla/ Prof. Ana
A escola como fator essencial na prevenção da violência.	Prof. Carla/ Prof. Carlos/ Prof. Ana
A desigualdade social.	Prof. Marta/ Prof. Ana/ Prof. Roberta
Pressão psicológica causado por agressões verbais.	Al. Walter/ Al. Ricardo/ Al. Laura/ Al. Paula
Os métodos impostos como forma de erradicar a violência	Prof. Carlos/ Prof. Ana/ Prof. Carla/ Prof. Roberta/

simbólica.	Prof. Marta
A falta de informação, de conhecimento, são alguns condicionantes para a disseminação da violência no contexto escolar.	Prof. Carlos/ Prof. Ana/ Prof. Roberta

Universidade Federal
de Campina Grande

CFP

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CAMPUS CAJAZEIRAS

APÊNDICE E

Roteiro de Entrevistas

1- Dados de identificação do aluno:

Nome:_____

Escola:_____

Professor:_____

Idade: _____ Sexo: _____ Série: _____ Turno:_____ Bairro: _____

2 – Questões:

2.1- Dentro da escola as brincadeiras de mau gosto, como os apelidos, os empurrões, são frequentes? Em caso afirmativo. Você já agrediu seus colegas e foi agredido, quando eles lhe provocam? De que forma? Xingando apenas ou agredindo-os fisicamente? Tente explicar.

2.2- Você já presenciou cenas de agressões contra seus colegas? Se sim. Contou para alguém? Para seus pais ou professores? Como reagiram?

2.3- Como você se sente ao contar para a direção da escola que sofreu agressão ou xingamento por parte dos seus colegas? A direção resolve o problema? O que você faz para não ser mais incomodada pelos os seus colegas?

2.4- Como é o seu relacionamento com os demais colegas dentro da escola? Você se sente feliz? Os alunos da escola em que você estuda sofrem agressões? De que tipo?

2.5-O que você acha que a escola deveria fazer para acabar com as agressões, com esses comportamentos dentro da escola? Fale sua opinião.

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CAMPUS CAJAZEIRAS

APÊNDICE F - Roteiro de Entrevistas

1- Dados de identificação do professor:

Nome:_____

Escola:_____

Idade: _____ Sexo: _____ Carga Horária:_____

Formação básica:_____

Pós-graduação: ( ) Sim ( ) Não - Qual(is):

_____

Tempo de atuação no magistério: _____

Tempo de atuação na escola em que está:_____

Concursado: ( ) Sim ( ) Não

Em caso de SIM, há quanto tempo: _____

2 – Questões:

2.1- Você acha que há violência na escola? Caso sim, quais os tipos de violência mais frequentes dentro da escola?

2.2- Comente um caso de violência ocorrido na escola que mais chamou sua atenção?

2.3- O que você entende pelo termo violência simbólica?

2.4- Como é o seu relacionamento com os alunos dentro do ambiente escolar? Já sofreu algum tipo de violência advinda deles? Comente.

2.5- Você já foi vítima de violência simbólica, porque reprovou algum aluno? Em caso afirmativo. Conte como aconteceu o episódio?

2.6- Qual o papel da escola diante desses casos de violência simbólica?

2.7- Para você o sistema de ensino é negligente com relação as situações de violência exercidas dentro do ambiente escolar? A escola dispõe de métodos eficazes para a superação da violência simbólica?

2.8- Na sua opinião, como podemos prevenir essas posturas violentas dentro do contexto escolar?